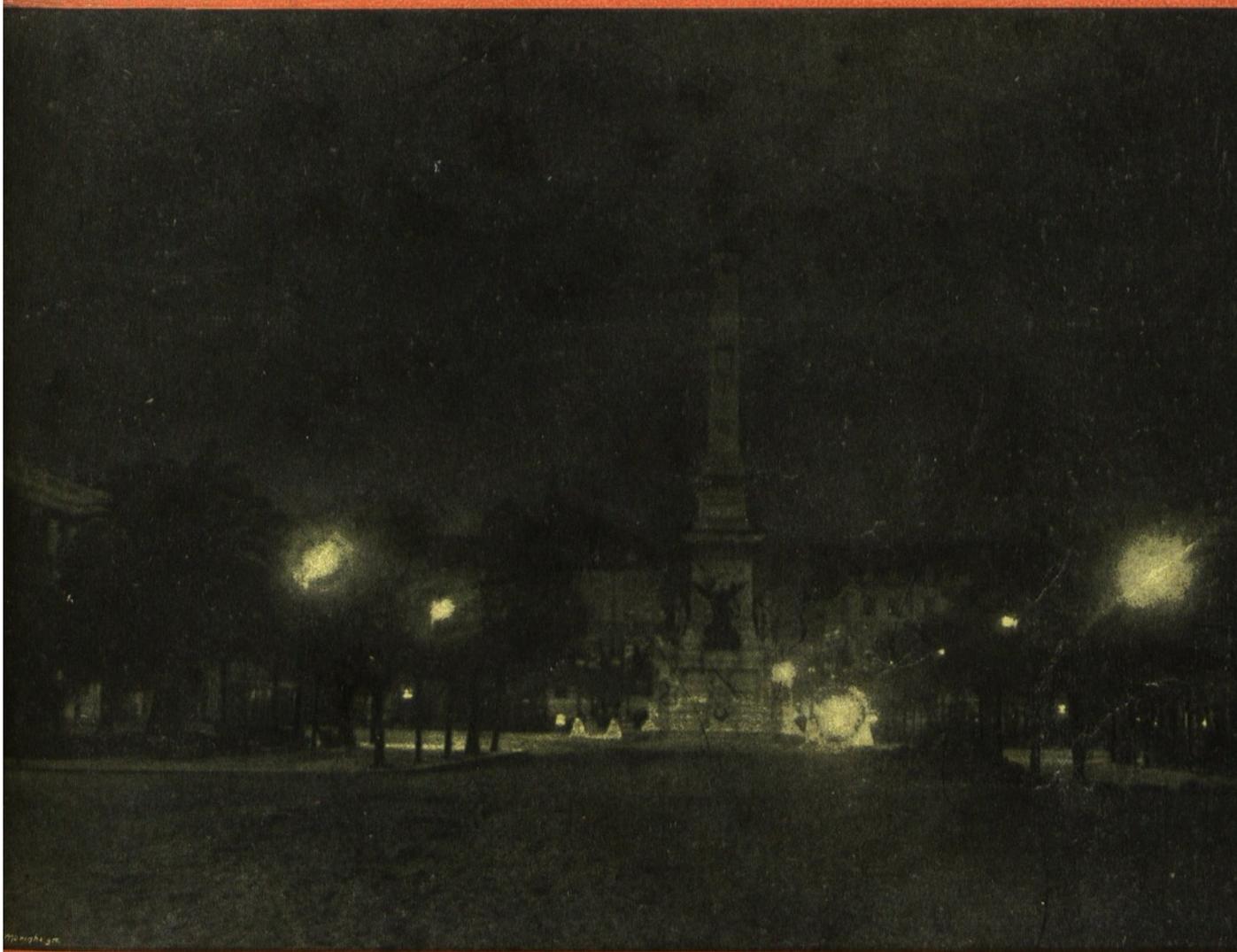


COMPRA  
ABR. 1940

# SERÕES



33

MARÇO

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

LIVRARIA FERREIRA

132, RUA DO OURO, 138 - LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

P. dos Restauradores, 27 Teleph. 805

## Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
AS LINDAS TRICANAS .....	124
COUSAS DE COIMBRA	
<i>(18 illustrações e 1 vinheta)</i> por ANTONIO DE SOUZA MADEIRA PINHO .....	155
LISBOA DE NOITE	
<i>(14 illustrações e 1 vinheta)</i> por ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.....	169
FILARMONICAS	
<i>(11 illustrações)</i> por ALFREDO DE MESQUITA .....	179
HISTORIA DO LADRÃO MALAVENTURADO	
<i>(7 illustrações e 1 vinheta)</i> .....	184
HATAKEYAMA YUKO	
<i>(6 illustrações e 1 vinheta)</i> por WENCESLAU DE MORAES .....	188
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL	
<i>(8 illustrações e 1 vinheta)</i> por ALBRECHT HAUPT.....	193
THRENOS	
<i>(2 vinhetas)</i> Versos por M. DUARTE D'ALMEIDA .....	203
SERÕES DOS BÉBÉS	
<i>(3 illustrações)</i> .....	205
ACTUALIDADES	
<i>(20 illustrações)</i> .....	212
QUEBRA-CABEÇAS	
<i>(1 illustração)</i> Decifrações, logogripho, enigma, charada, etc.....	220
<u>OS SERÕES DAS SENHORAS (22 illustrações)</u>	
CHRONICA GERAL DE MODAS .....	pag. 129
OS NOSSOS FIGURINOS .....	» 134
CHAPEUS DE NOVIDADE.....	» 135
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	» 136
LAVORES FEMININOS.....	pag. 138
CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 141
NOTAS DE DONA DE CASA .....	» 143
<u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
GAVOTA DE «IPHIGENIA EM AULIDA», DE GLUCK .....	4 paginas

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

### Por uma só inserção

1 pagina . . . . .	6\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »

### Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno . . . . .	2\$200 réis
	Semestre . . . . .	1\$200 »
	Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	- Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

**ADMINISTRAÇÃO DOS Serões**

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone 805

**LISBOA**

**Typographia**  
DO  
**ANNUARIO**  
**COMMERCIAL**

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.*

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.  
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella  
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

**Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)**

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



**LISBOA**



# A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

## EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretensão de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

## DRAGÉES GELINEAU

*Confeitos Gelineau* que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

**J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France)** e em todas as Pharmacias.

## GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

—+ DE +—

**54, Praça dos Restauradores, 56**

**LISBOA**

## Comedia Intima

comedia em 1 acto, original, por Carlos de Moura Cabral,

representada no Theatro de D. Maria II.

1 volume, 200 réis

A' venda na Livraria Ferreira — 132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa

# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados.....	18\$000	” .....	3\$000
Centro Commercial.....	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000			

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual.....	6\$000
” com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

**Á Administração da Revista RENASCENÇA**

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

**Ignez de Castro** — Drama em 5 actos por Maximiliano de Azevedo — Lisboa, 1908. — O distincto escriptor teve a intenção de vulgarisar o tragico episodio da nossa historia, tão versado na alta tragedia, na musica e na poesia, vasando-o na forma do drama assimilavel a plateias populares. Como se desempenhou d'essa tarefa, prova-o o exito enorme do seu trabalho no palco scenico. Mas a leitura mostra-nos ainda todas as qualidades de primor litterario e de escrupulo historico que o distinguem, e que tornam a sua obra, não obstante a modestia das suas intenções, digna de figurar honrosamenté na nossa litteratura dramatica.

**Do Paiz da Luz**, por Fernando de Lacerda — Lisboa, 1908. — Não é bem o sr. Fernando de Lacerda, como elle proprio declara, o autor, mas simples introductor de uma obra collaborada pelo espirito de escriptores eminentes que pairam nas regiões de alem-tumulo. Achamo-nos em frente de um problema psychico que nos enleia e perturba, dada a reconhecida honestidade do sr. Lacerda. E francamente não podemos pronunciar-nos sobre o assumpto. Basta que accentuemos o interesse transcendente que tal livro deve despertar entre os que perscrutam os mysterios da vida futura, e para os que ansiosamente os interrogam, isto é, para a humanidade inteira,

**L'Enfant** — *Revue mensuelle illustrée* — consacrée à l'Etude des questions relatives à l'Enfance. — Administration e Redaction: Rue de Condé, 24 — Paris — N.ºs 154 e 155, novembre e décembre de 1907.

**A Saude** — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria 48 1.º — Lisboa.

**Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa Opusculo 133 — 1.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

**A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 6 — Janeiro de 1908.

**Estudos Sociaes** — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritualista. Mãos á obra. Bons conselhos e correcção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.

**La Lectura** — *Revista de ciencias y de artes* — n.º 36, Febrero de 1908. — Summario: Confesión de

poesias, por Juan Maragall. El realismo en la enseñanza, por Baldomero Argente. Poesias: Los cantos del desastre, La bondade, por E. Marquina. Emilia Pardo Bazán, por Andrés González Blanco, Sociologias, Novelas, Musica, Arte, Pedagogia, Libras, Revista de revistas e etc. etc.

**Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fasc. XVI — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

**Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 94, Setembro de 1907.

**O Economista brasileiro** — *Revista semanal de economia, finanças, politica e literatura.* — n.º 32, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

**Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Vol. VIII — N.º 1, 1908.

**O Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.º 11, Setembro de 1907.

**Alma Feminina** — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

**A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.ºs 247 e 248, janeiro de 1908.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Janeiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

**Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

**Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira.

**A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

**Luz do Oriente** — Anno 1 — N.º 6, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

**Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 48, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

**Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jini-baldi — Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

# Sexto Concurso Photographico

## ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

### THEMA:

*Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.*

### CONDIÇÕES

1.<sup>a</sup> — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, com tanto que o minimo seja  $9 \times 12$  centimetros.

2.<sup>a</sup> — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.<sup>a</sup> — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.<sup>a</sup> — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.<sup>a</sup> — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.<sup>a</sup> — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.<sup>a</sup> — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

---

Boletim para cortar e remetter com a photographia

### SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço do photographo : .....

**Declaração** — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

**Endereço** : Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do envelope a indicação : Sexto concurso photographico.

# LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrução primaria, organizados por

**D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão**

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados oficialmente para o triennio de 1907-1909:

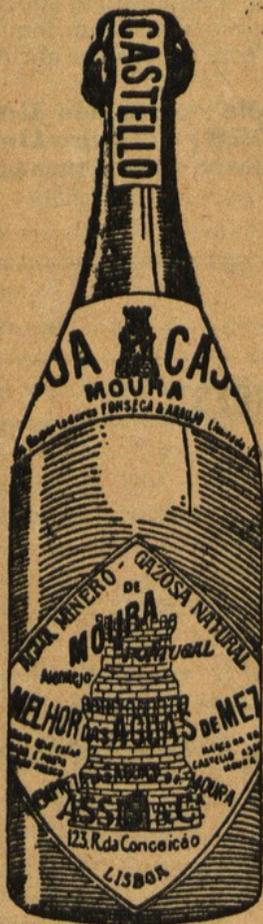
1.ª classe .....	100 réis
2.ª e 3.ª classe .....	300 »
4.ª classe .....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organizadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

**LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.<sup>da</sup>**  
**132, RUA AUREA, 138**



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

**ESCRITORIO E DEPOSITO**

**123, RUA DA CONCEIÇÃO**

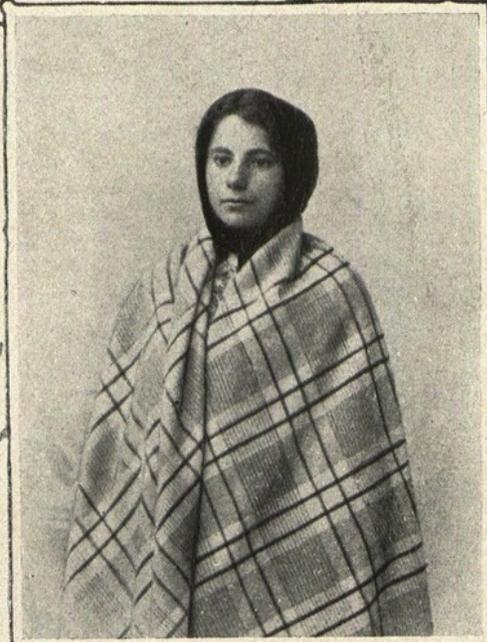
**Telephone 880**

**Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º**

**LISBOA**



THEREZA



BEATRIZ



MARIA DO CÉU

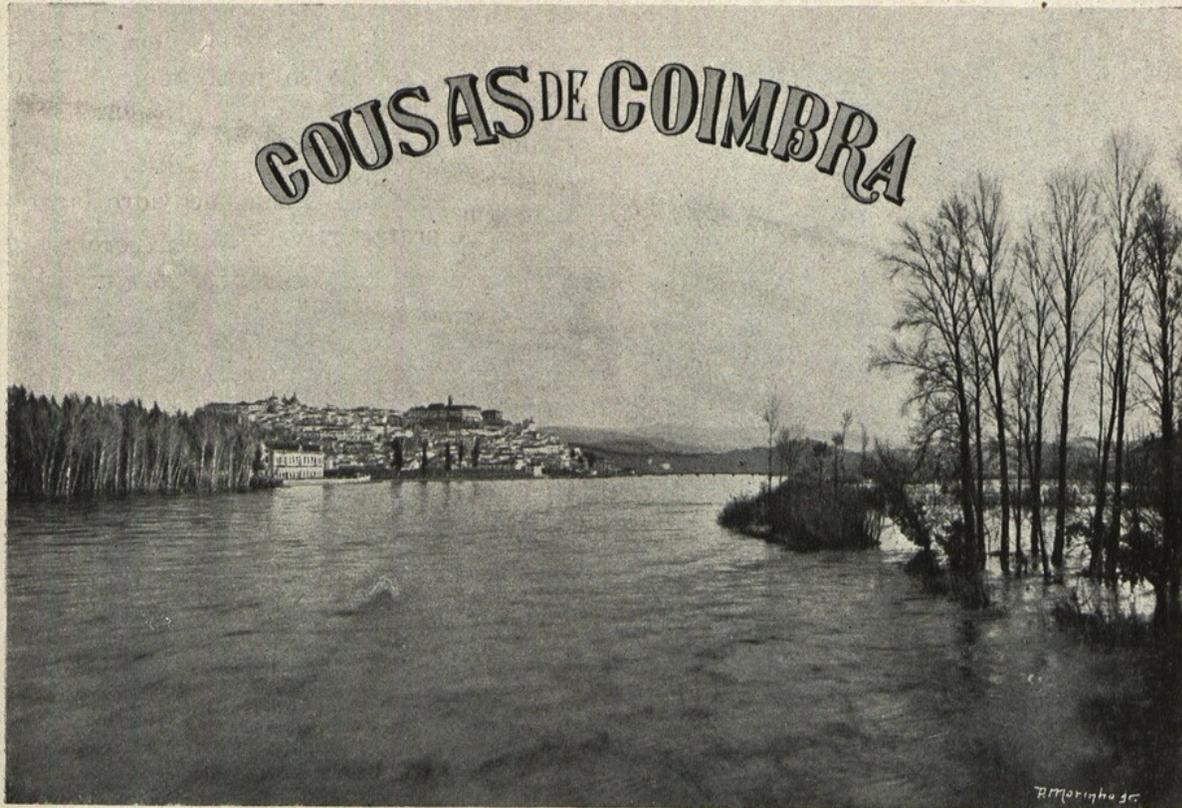


*P. M. ...*

MAGDALENA

As lindas tricanas

# COUSAS DE COIMBRA



UMA CHEIA DO MONDEGO

*Hontem e hoje — O que é um «urso» e o que se requer para o «officio» — A instituição do «nariz de cera» — O que se pensa d'um «urso» — «Ursos» e «musicos» — O que é a «charanga».*



UANDO se olha para esta Coimbra com o seu typo burgo mediévo, de viellas estreitas, onde na sombra luzem lampões de nichos, esta Coimbra de casas historicas, de conventos, de paisagem inexcédível, de poentes de fogo e de luar de prata, veem-nos á memoria gloriosos tempos idos, mocidades que por aqui passaram, a rir, n'um vôo d'aza pelo azul luminoso, mocidades brissas, onde se accentuavam qualidades que se estiolam e se perdem, caracteres e almas que rareiam e desaparecem.

Relembramos os tempos homericos da *Sociedade da manta*, em que se desarmavam patrulhas e sentinellas, e a academia se batia com as milicias na *Ladeira do Seminario*; recordamos depois n'um deslumbramento a geração extraordinaria de Anthero,

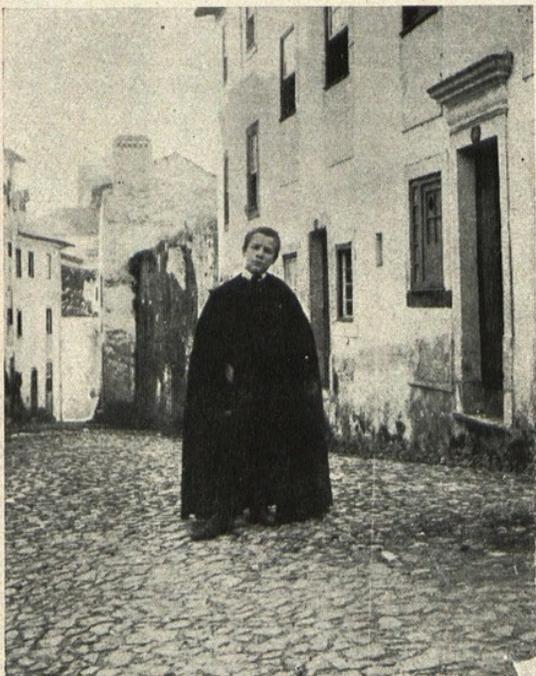
de Eça e de João de Deus, e mais vizinha a nós, avivada pouco a pouco no esfumado do tempo, a pagina gloriosa d'esse evangelho que se chama *In illo tempore*, onde ha esturdia, onde ha graça, onde ha harmonia e camaradagem, amizade e solidariedade.

A solidariedade é hoje uma blague!...

O desaparecimento do Theatro Academico, que quiçá governos temerosos d'um nucleo de resistencia e de sã democracia, se não abalançaram a reconstruir, provocou a dissociação; ali se reuniam sob um mesmo tecto corações que um destino igual conduzia, que o mesmo ideal acalentava; ali se revelavam oradores, desabrochavam tribunos e parlamentares, em sessões academicas para sempre memorandas.

Extincto esse fóco de união que Emygdio Navarro tentou soerguer n'um esforço deradeiro e improficuo, a derrocada accentuou-se rapida, profunda, n'um exgotamento que jamais a deixará reviver!

Mas atravez d'este meio que dia a dia se torna incaracteristico e banal, typos ha em que a degenerescencia pouco actuou e que se conservam immutaveis como a propria Minerva.



UM «BICHO»

Phot. de Pamplom Corte-Real

Um d'esses typos é o que em gíria ou calão académico se costuma designar por *urso*.

Não se trata de um plantigrado da especie *maritimus*, *arctus*, *proncyonlotor*, ou outra de que nos fala a zoologia. Não.

Urso em Coimbra é o estudante classificado.

O *urso* é em geral um estudante *bon enfant*, esperto, cumprindo religiosamente os seus deveres e seguindo quasi á risca aquellas famosas maximas que Antonio Castanha Neto Rua, estudante, com largo tirocinio do *officio* na Lusa Athenas dava a um *caloiro*, para alcançar a honrosa posição: andar muito tezo e circumspecto, em marcha de procissão e assim o modo de abstracto; parar quando fôr por uma rua e voltar para traz como quem chegou ali por um acto d'alma que chamamos *andar á razão de juros*; não deixar socegar a servente, já com livros para fóra, já com livros para dentro; trez dias cada semana frequentar as lojas dos livreiros e serem d'estas, em que melhor se vê quem está de dentro; não entrar em bilhares, pois é incompativel *affectar de sabio*, e por consequencia de estudioso, e gastar o tempo em semelhantes ninharias; não entrar em botequins, porque o verdadeiro café dos sabios é a leitura dos seus livros aos quaes já houve quem chamasse

os seus boisinhos; não entrar em rifas de trastes que sirvam só para adorno, salvo um relógio, um jogo de livros e um anel, porque o primeiro marca as horas de estudo, o outro é a insignia do sabio e os livros as suas armas; trazer lunetas de vidro largo com aros de prata e caixa de madreperola...

De resto o *urso* veste com correcção, ás vezes mesmo com elegancia, é moderado no pentear, vive de exterioridades sem ser espalhafatoso, fére de preferencia a nota da *gravidade*, conscio da sua posição, porque já Lopes Vieira notára com graça no *Auto da Sebenta*:

Ser «urso» é mais que ser gente!...  
Ser «urso» é mais que ser homem!...  
Ser «urso» é quasi ser lente!...

Na aula está immovel, n'um silencio compenetrado de santuario, olhos fitos na cathedra, porque para elle o lente é alguma cousa de superior e intangivel que como os heroes da antiguidade tem pontos de contacto com os deuses.

Chamado á lição, levanta-se com gravi-



UM «URSO» DANDO LIÇÃO

Caricatura de J. Pinto Osorio

dade, senta-se com *pose* (o verdadeiro *urso* tem muita *pose*), descalça as luvas, sacca da pasta o expositor predilecto, e expõe.

A sua fala é segundo as prescripções do Palito Metrico, em um tom nem cantavel nem resado, mas sonóro, espremido e ronceiro, *id est* a compasso de *fá* bordão em matinas solemnes; algumas vezes faz uma especie de echo estendendo as palavras a modo de gomme de borracha; os pontos de interrogação como quem declama, os de admira-

tos do arrojo faz o effeito de foguetes de lagrimas em romarias de aldeia.

Outras vezes, é apenas o extracto d'um livro, mais ou menos relacionado com o assumpto, que elle pespega, arqueando as sobrançellas e, quando a materia o pede, para firmar argumentos ou impôr convicções, com o dedo no ar, erguido n'um gesto resolutivo, ou martelando a mesa para cima e para baixo com a desinquietação de sacristão novo quando toca a campainha.



BANCA DE ESTUDO DE UM «URSO»

Phot. de Pamploni, Corte-Real

ção erguendo a voz e as sobrançellas, as virgulas espaçosas, os pontos redondos e pesados.

Começa em geral por um *nariç de cêra*.

O *nariç de cêra* é uma instituição universitaria.

É um discurso, introdução, prologo, ou como queiram chamar-lhe, feito de palavras sonóras, entretecido de nomes de auctores que façam vista como *Puffendorf*, *Papafava*, *Bynsckershoek*, *Vadala Papate*, que o classificado decorou e que lança ali á queima roupa, com uma exhibição de fogo de artificio, e que para os condiscipulos boquiaber-

E era tal a ideia de balófo que se ligava a um *urso* que eu por vezes ouvi contar que um conhecido e sabio advogado de Lisboa, jornalista, politico e homem d'Estado, quando bachareis formados o procuravam para ir aprender ao seu escriptorio noções praticas que a Mãe-Universidade lhes não dera do seio uberrimo, a primeira pergunta que fazia era se o novel doutor tinha sido classificado; porque n'este caso, dizia o douto jurista, franzindo o sobrolho, o trabalho era dobrado: era mister tirar primeiro da cabeça ao rapaz as minhocas que lá lhe tinham mettido, para depois lhe ensinar

o que cá na vida pratica é util e necessario.

De resto, esta ideia sobre o valor scientifico do *urso* falseou bastante desde que a nova reforma invadiu as aulas universitarias, destacando cadeiras e actos e complicando formaturas.

O *urso* é porém ainda *bon enfant*, timido e, recatado, não falta e não se pretere; na sua vida normal continúa a vir á Baixa, depois de jantar, cavaqueando no cenaculo do França Amado, alargando-se quando muito até ao Caes ou até á Sophia, e ao *berregar da cabra*, pouco mais, trepa offegante o Arco d'Almedina ou a Couraça, a enfronhar-se em *sebenta* e em expositores.

E cáem ás vezes lentas as doze pancadas da meia noute nos relogios das torres em roda, e o luar põe tons lavados na claridade mate das paredes da cidade adormecida, e ainda o *urso*, á luz do candieiro, curvado sobre a banca d'estudo, sorve n'uma soffreguidão de bibliomano as ultimas linhas da *sebenta*.

Era o que o auctor do *Ar Livre* frizava tão bem no *Auto* pondo na boca de Euzebio, aspirante a *urso*, estas palavras:

«Trez horas! Isto não finda! . . .  
Inda ha tanto que estudar! . . .  
Faltam dois «restos» (1) ainda,  
Vou no meio da lição  
E falta-me consultar

(1) Quando a *sebenta* era lithographada, não se confeccionava de d'uma vez, e aos bocados que vinham depois pela noute adeante chamavam-se lhes *restos*.

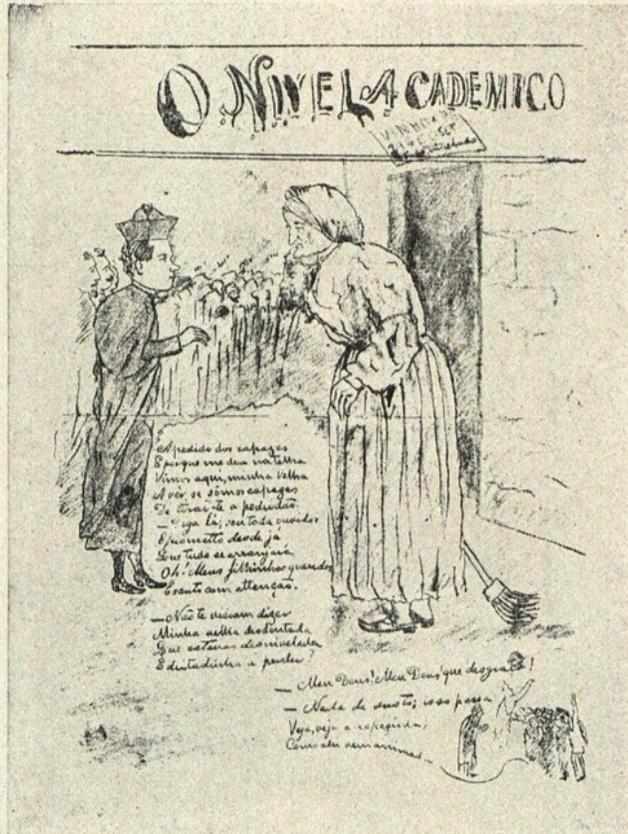
O *codigo do Japão*.  
Isto é sciencia aos pòles!  
Falta-me ver a lei dórica  
Mais a lei dos hotenttotes,  
E o «Portugaliae Monumenta Historica».

O estudante classificado d'um curso, em geral premio ou *accessit*, é o *urso magno*, os outros, simplesmente distinctos, são apenas *ursos*.

Todo o estudante que não é *urso* é conhecido pela designação de *musico*.

O *musico* limita-se a estudar a *sebenta*, sem ver materia por fóra; se é estudante regular é *musico afinado*, se é menos regular é *desafinado*, e d'um extremo ao outro ha todos os tons e todas as variedades da *gamma musical*.

E como geralmente os estudantes repetentes são mais desafinados e ficam na aula atraz dos outros, nas ultimas bancadas, chamam-lhe os rapazes a *charanga*.



PRIMEIRA PAGINA DE UM JORNAL DE ESTUDANTES

Como se ia para Coimbra em 1850 — O macho recoveiro — O Esgueira arrieiro — D Maria II visita Coimbra em 1852 — É necessario deitar abaixo uma casa para a passagem do cortejo — Um calembourg do Secretario da Universidade — Perdões d'acto — O serviço da mala-posta em 1854 — Os estudantes passam a usar calças — A grande nevada de 1855 e como ella deu um feriado — «Ursos» do tempo: Dias Ferreira, o dandy Ayres de Gouveia, Emygdio Garcia e Veiga Bei-

*rão — Um grupo de gymnastas e de valentes — De como desapareceram as gallinhas de Dom Victorino...*

Ha bons cincoenta e . . . tantos annos, quando para Coimbra ainda não havia sombra de comboio, fazia-se a viagem em machos recoveiros que se alugavam, de arrieiro ao lado, um homem ossudo e secco, typo de andarilho, de pernas ligadas por faixas para a resistencia das andadas por longos caminhos ao sol.

Deixava-se a aldeia entre os abraços dos paes e as despedidas dos parentes e amigos, com as ultimas recommendações sopradas ao ouvido, n'um beijo ultimo: «— muito juizo, estuda muito» — e na volta do caminho, ainda se voltava a cabeça n'um aceno, a fitar por vezes uns olhos negros que por lá se ficavam razos d'agua.

E o bacharelado seguia para a *cidade do saber* choutando por montes e valles.

No caminho encontravam-se conhecidos e amigos que voltavam tambem a Coimbra e a cavalgada engrossava em cada ramo de estrada, ferviam larachas e esfusiavam motejos, n'uma alegria de causar inveja ao mais pintado. . .

Os filhos de familias abastadas da provincia montavam os seus cavallos e faziam-se acompanhar dos seus criados e no farnel bem sortido não faltava o nédio capão assado, o lombo e o presunto do melhor suino, o odre de bom vinho de cepas immemoriaes e a bem creada fructa dos pomares solarengos.

E quando a fome apertava, presos os cavallos á sombra d'alguma arvore, junto a uma fonte, ou á mesa d'uma das estalagens que orlavam o percurso, desdobrava-se a toalha de alvo linho e todos em leal e franca camaradagem reparavam forças para o resto da jornada.

Quando, ao deixar a Lusa Athenas, se regressava ao seio amigo da familia, procurava-se o *Esgueira*, conhecido arrieiro da So-



QUARTO DE ESTUDO DE AFFONSO LOPES-VIEIRA

phia que fornecia bestas por preços modicos. Ora por meados d'abril de 1852, Coimbra engalanava-se para receber condignamente a Senhora D. Maria II que o dictador Saldanha, apaziguada a revolução de 51 e expulsos os Cabraes, ali levára, em viagem politica conciliadora, para lhe mostrar que tudo passára e que o seu povo lhe queria de novo muito.

A sége tirada por trez parelhas de solidos muares desceu de Santa Clara por caminhos ingremes após cinco dias de jornada de Lisboa.

A cavallo ladeando a sége seguiam o rei D. Fernando, e os principes D. Pedro e D. Luiz, que tinham acompanhado a soberana n'aquella missão pacificadora.

Ao entrar na ponte, duas immensas filas de capas negras, immensos estudantes e muito povo aguardavam as magestades que, verdade seja, não vinham muito seguras do bom acolhimento da Academia.

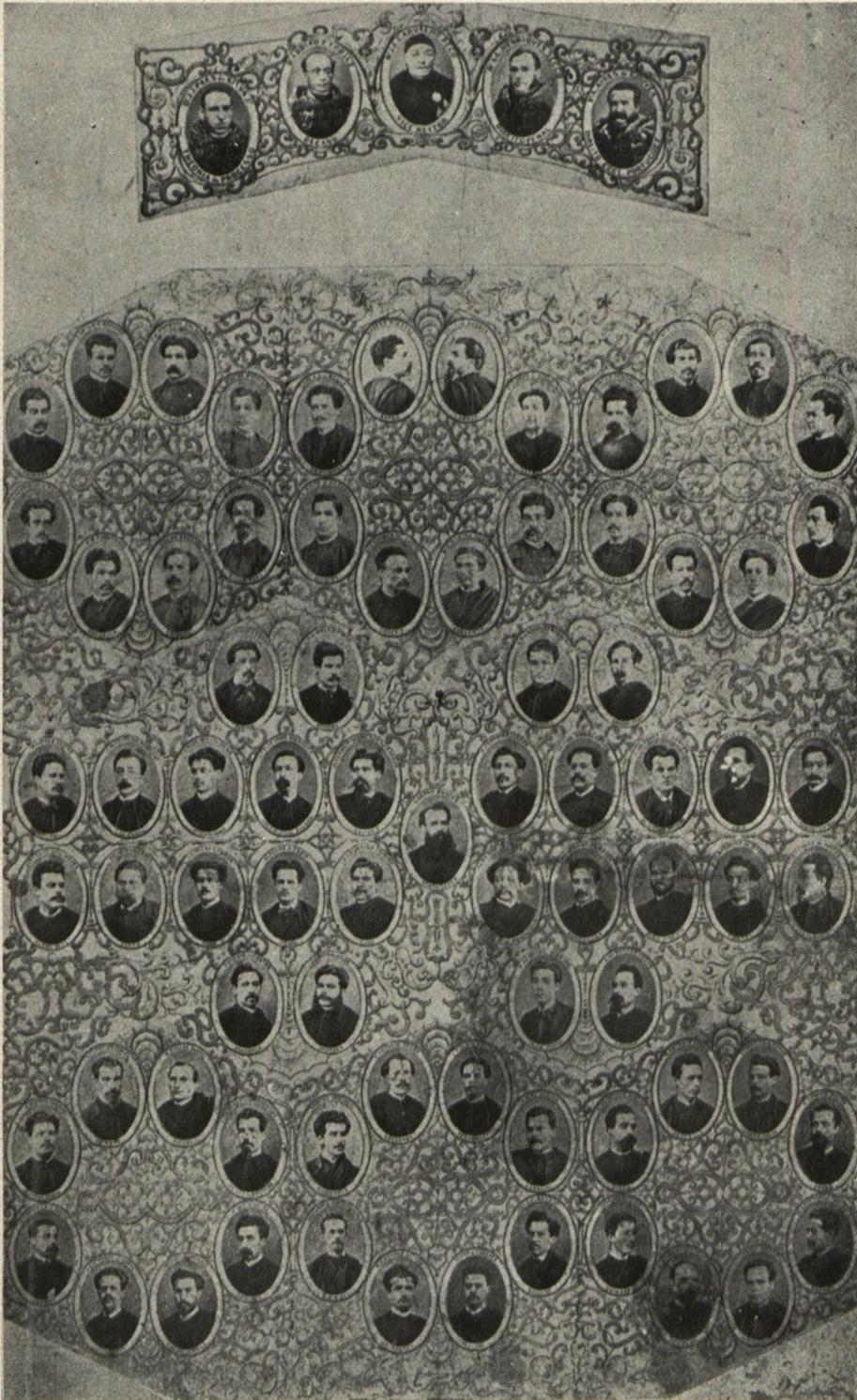
Mas a rapaziada victoriou-as e o cortejo seguiu entre grinaldas de buxo e aclamações até á *Portagem*, onde ao tempo se erguiam ainda as portas da cidade.

Ahi n'um palanque decorado a damascos, o presidente da camara, então o lente da Universidade, Doutor Secco, lida uma mensagem de boas vindas, lhes entregou as chaves de Coimbra.

O cortejo atravessou a rua hoje do Visconde da Luz, subiu pelo Arco d'Almedina,

onde pela estreiteza da passagem foi necessario deitar abaixo uma casa para a sége real dar volta, continuou pela rua das Fangas, do

Ahi se apearam os monarchas para ouvir um *Te-Deum* e depois seguiram debaixo do pallio a pé para a Universidade, acompanhados dos lentes, cabido, estudantes e muito povo.



QUINTO ANNO DE DIREITO (1868-1869)

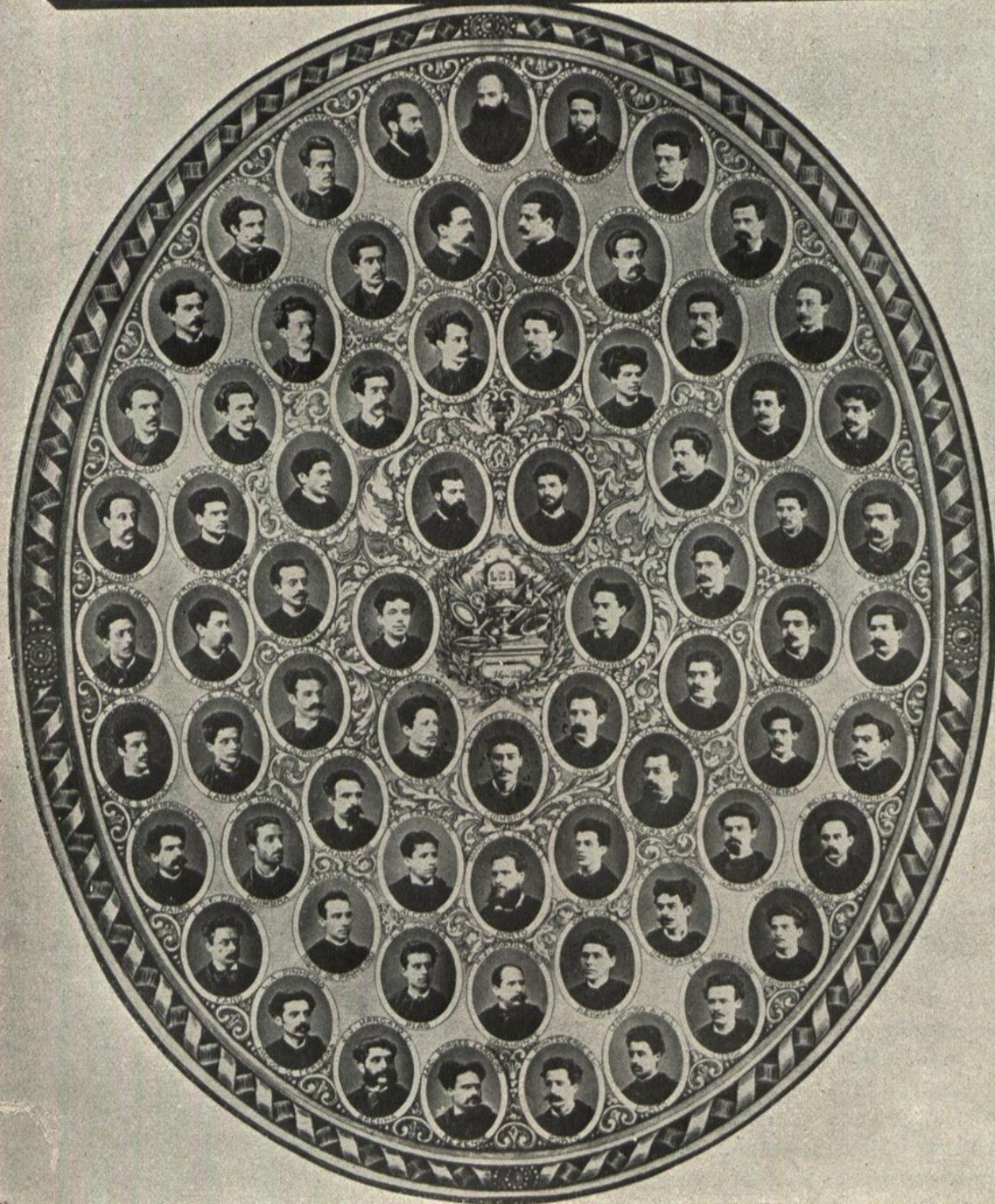
Correio, *subiu a mais que ingreme* rua das Covas, torneou a rua das Colchas e parou na feira dos estudantes em frente á Sé Nova.

A rua larga, em frente á Porta-Ferreá, era um immenso lençol branco, e aos rapazes que vinham sahindo de casa embuçados

Na reitoria lhes foi feita uma recepção brilhante com todo o ceremonial do estylo e os rapazes aproveitaram o ensejo para pedir *perdão d'acto*, como já no anno anterior tinham feito pela passagem de Saldanha. E alcançaram-n'o. Conta-se que, ao tratar-se dos preparativos para a chegada da rainha, andava no pateo da Universidade, que ao tempo não era ajardinado, um bando de operarios, varrendo e tirando as hervas que arrelvavam o chão.

O secretario da Universidade, ao ver a azafama, voltou-se indignado para os trabalhadores e berrou-lhes: — «Eh! lá! que fazem vocês?!... não tirem a herva porque suas magestades gostam muito de verde!...»

Foi por uma manhã de meados de janeiro de 1855 que Coimbra acordou coberta de neve que nos passeios e calçadas media alguns centímetros d'altura.



QUINTO ANNO DE DIREITO (1874-1875)

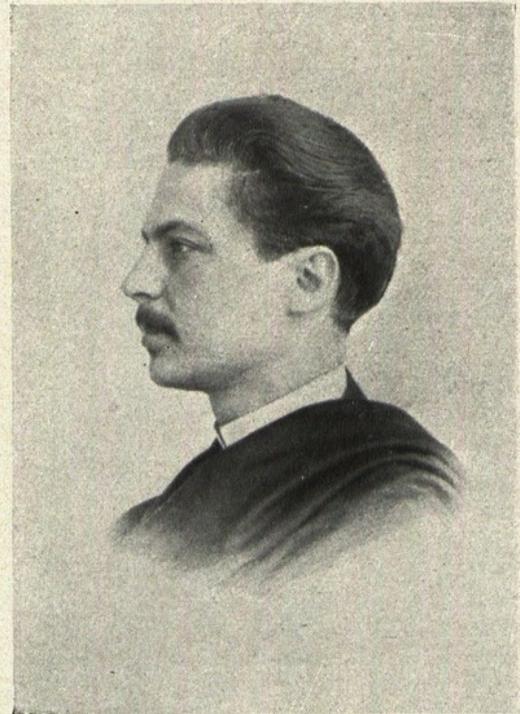
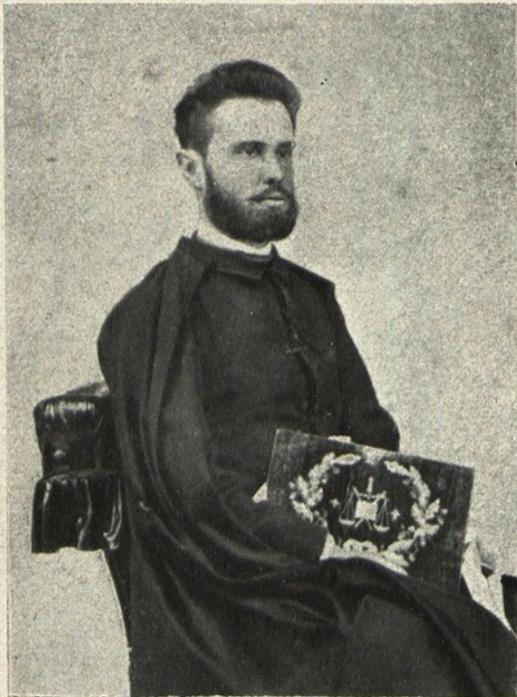
nas capas, espantados da novidade (1) e transidos de frio, acudiu, n'um relance, uma ideia luminosa — atulhar de neve a Porta-Ferrea, para que os lentes não pudessem entrar e assim não houvesse aulas!...

Mãos á obra, e em pouco tempo a tarefa estava consumada, as entradas foram barricadas e alguns lentes que quizeram pene-

A estação da mala-posta em Coimbra ficou installada n'uma casa onde hoje está o correio, na ala esquerda do *Jardim da Manga*, edificio que anteriormente servira para uma escola primaria.

Curiosa serie de transformações!...

Foi n'esse mesmo anno que sendo reitor o Doutor Ferrer, se facultou aos estudantes



NO TEMPO DE ESTUDANTES... — OS DOIS CHEFES DO PARTIDO REGENERADOR, HINTZE RIBEIRO E JULIO DE VILHENA

trar foram bombardeados... a bolas de neve!...

E o caso é que n'esse dia não tiveram aulas!...

Foi depois da viagem de D. Maria II que se reconheceu a necessidade inadiavel de abrir a estrada de Lisboa ao Porto e logo n'esse mesmo anno se deu começo aos trabalhos.

Em 1854 apparecia em Coimbra a primeira mala-posta vinda de Lisboa, o que causou extraordinaria sensação.

O serviço era magnifico, as estações muito bem providas de gado e a exactidão das partidas e chegadas, mathematica; tanto que ao tempo se dizia, não haver melhor em qualquer ponto da Europa!

o usarem calças, que até ahi os estatutos só permittiam calção, meia preta e sapato de laço!...

Por estes saudosos tempos de Coimbra que João Penha já alegrava com a sua graça e deliciava com o dom de inexcelsível cavaqueador, frequentavam a Universidade alguns *ursos* e não dos mais vulgares.

Dias Ferreira cursava já o 3.<sup>o</sup> anno em 1856 e desde o inicio ao remate da sua formatura, com o doutoramento em 1859-60, o seu curso foi uma serie de successivos triumphos.

No anno immediato formavam-se Veiga Beirão, Eduardo José Coelho, e Manoel Emygdio Garcia, que compulsando as *Institutas de Gaio e Justiniano*, *Waldeck* e *A Historia de Melii*, começavam a revelar juristas atilados, escriptores de pulso nos *Preludios Litterarios* e na *Estreia Litteraria* e futu-

(1) Só pelo Natal de 36 havia memoria d'uma tão grande nevada em Coimbra.

ros triumphos no fôro, na magistratura e na politica.

Um dos *ursos magnos* do tempo era Ayres de Gouveia, que era tambem um fino *dandy*. Usava sempre de meia de seda muito repuxada, sem uma ruga, o talhe da batina irreprehensivel e do ultimo figurino, sempre florida a botoeira.

Foi premiado nas trez faculdades em que se formou — Theologia, Philosophia e Direito — e por fim veiu a ser lente de Direito Ecclesiastico.

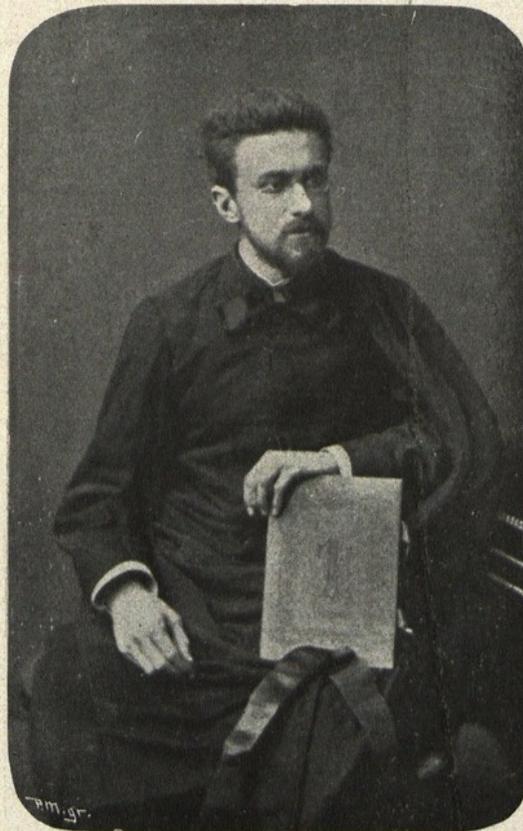
D'entre a rapaziada d'esse tempo juntavam-se frequentemente em amigavel camaradagem Eduardo Segurado, Montufar Barreiros, Carvalhaes e outros, todos moços esforçados e inexcediveis em prodigios de acrobatismo.

Guindados aos hombros uns dos outros, alcançavam a altura d'um segundo andar e em agilidade e saltos eram assombrosos.

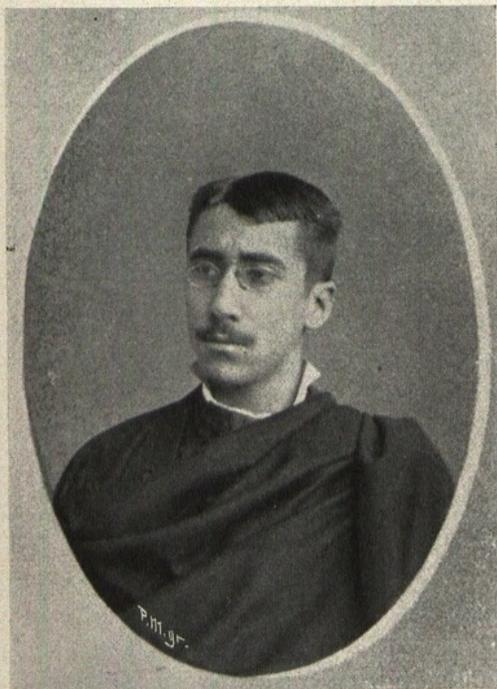
Um d'elles, como morasse n'um quarto com janella alta para a rua, em occasiões de pressa, para não descer a escada, d'um pulo sahia de casa: «Era mais rapido», dizia elle.

Uma vez que jantavam ao ar livre no jardim d'uma *republica*, ao Arco da Traição, sentados na borda d'um poço fundo, succedeu que um dos garfos lá foi parar dentro. Tanto bastou para que um d'elles

descesse ao poço, apoiando-se unicamente ás paredes, mergulhasse e trouxesse o garfo para continuar o prandio interrompido.



JOÃO ARROYO



PIRES DE LIMA

De sociedade com Pereira Capon, dois d'elles fizeram desaparecer o badalo da *Cabra* e as settas de prata de S. Sebastião dos Arcos do Jardim, deixando-lhe por baixo este letreiro: «Basta de tanto soffrer! . . .» Foi graças a estes dotes que pela calada de uma noute conseguiram transpôr um muro alto do quintal de um lente de Theologia, conhecido pelo *Dom Victorino*, que não acreditava na luz sem torcida, e subtrahiram-lhe uma a uma todas as galinhas da capoeira. Escusado será dizer que as aves fizeram a mais opipara ceia que é dado imaginar.

Correu o lente á Reitoria, desconfiado, a protestar do furto. Indignou-se o Reitor e eis os *verdiaes* na pista dos *ratoneiros*. Foi de balde que os procuraram; e os endiabrados na noute seguinte foram-lhe pôr as pennas, em monte, no meio da capoeira para consolação do infeliz *esmifrado!* . . .

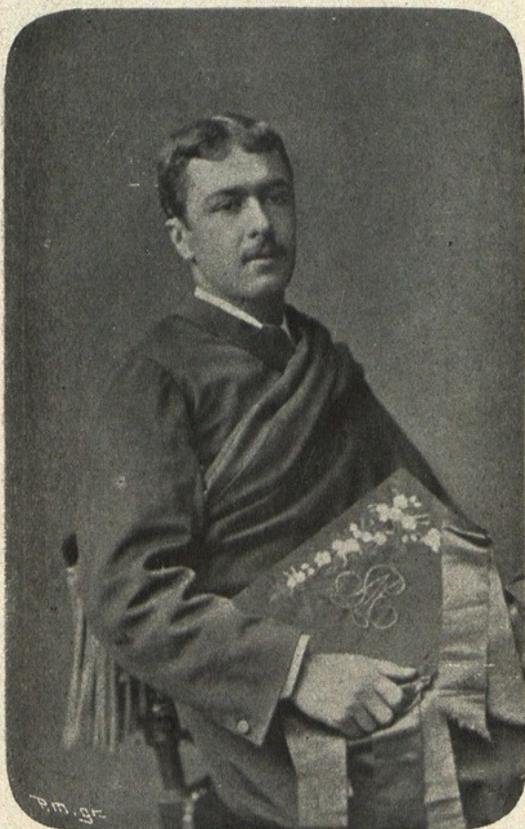
*Coimbra em 1863—O Natal, o Carnaval, e a Paschoa passados em Coimbra—Mais «ursos» celebres: Theophilo Braga, Emygdio Navarro, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena e Neves e Souza—Jornaes dos rapazes do tempo: «A chrisalida» e «Academica»—O caminho de ferro inaugurado em 1864.*

Ao cahir das primeiras folhas outomniças começava a rapaziada a voltar a Coimbra

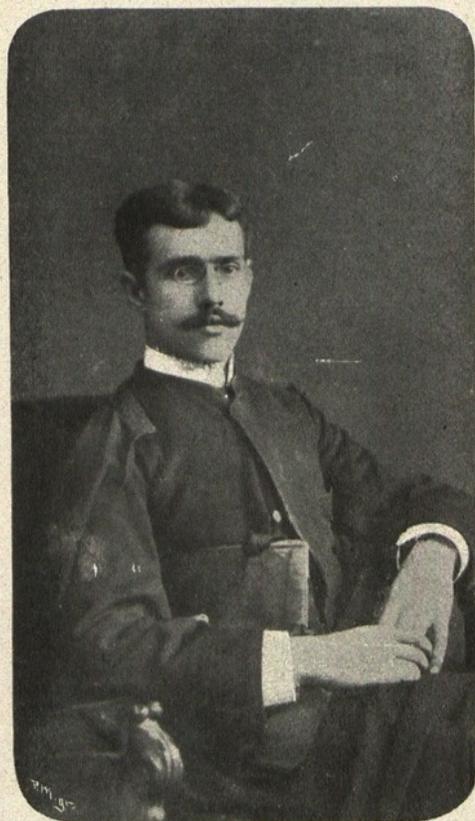
piadas e se embezerrava muito peor, porque depois pagaria a ceia na estalagem e serviria á meza.

Começadas as aulas, a grande parte dos rapazes não tornava a deixar Coimbra senão no fim do anno, feitos os actos, pelos fortes calores de julho, e aos que se formavam, ao dobrarem pela ultima vez a esquina da rua onde tinham morado, enegrecia-se-lhes o coração e uma nuvem de recordações saudosas turvava-lhes os olhos d'agua.

Era a mocidade que terminava! A vida, de resto, ali, corria sem cuidados, a tia *Camella* fritava savel como ninguem, e o *sino saimão* (1) era uma boa medida.



LUIZ DE MAGALHÃES



MALHEIRO REYMÃO

*Dois dos ministros do gabinete regenerador-liberal de 1906*

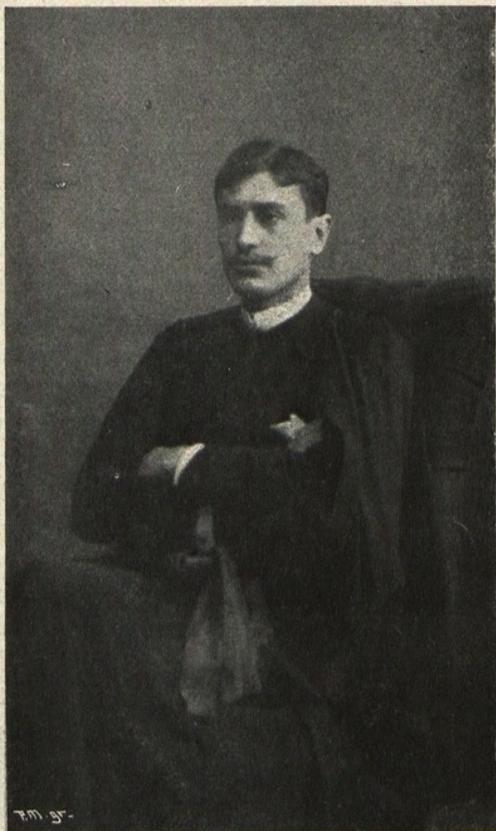
para procurar casa e entrar de novo na vida regrada a que as aulas obrigavam.

Pelas horas calmas do poente enchia-se o O' da ponte de capas negras, amigos e conhecidos, os que vinham e os que já tinham vindo, e desgraçado do *caloiro* que ao entrar na cidade se denunciasse (se é que elles se não conhecem *ex vultu atque ex fedore!*), cahiam-lhe em cima dichotes e

A missa do gallo, pelo Natal, era de regra em Santa Clara, em Sant'Anna ou nas Therezinhas onde a elegancia mandava affluir.

Logo por fins de dezembro começavam os

(1) Chamava-se assim a uns copos em fôrma de sino, de boca larga e estreitando para o fundo que levavam meia canada.



THOMAZ PIZARRO

Vogal do Supremo Tribunal Administrativo

bailes de mascararas no theatro de D. Luiz, hoje em ruinas, ao fundo da rua do Correio; os *travestis* porém, ao que parece, eram pouco variados, pelo que um informador do tempo se queixava que os mascarados só usassem de dominó e gavão (sic).

Depois seguiam-se pelo anno adiante recitas e espectaculos onde concorriam por vezes actrizes de nomeada, Emilia das Neves, a Ristori, e onde os Meninos Florentinos fizeram furor.

Nas vésperas de feriado, o theatro tinha verdadeiras enchentes não só por parte dos estudantes, mas de tudo o que havia «de mais bello e elegante do sexo amavel de Coimbra» na phrase de um chronista da *Chrisalida*. Estavam, dizia o informador, apontando a assistencia elegante, «as encantadoras Ab.<sup>os</sup>, a Sapho conimbricence, a vaporosa L. A.<sup>mo</sup>, a terna e meiga D. F.<sup>a</sup>» e muitas outras que elle velava sob um rigoroso incognito.

O Entrudo era outra epocha de folia, já pelas ruas, já nas *recepções particulares*.

Depois os officios da Semana Santa, que

tinham não sei qué de mais sublime attractivo na capella real da Universidade ou na Sé.

Por vezes nas ferias sahiam os rapazes a dar recitas por Soure e Condeixa onde eram sempre recebidos com immensa alegria e o chão juncado de flôres.

Por este tempo frequentavam a Universidade, entre outros, Theophilo Braga, Emygdio Navarro, Lopo Vaz de Sampaio, Neves e Souza, Macario de Castro, que já ahi se destacaram como *ursos* grandes que eram.

Por fins de 1863 apparecia em Coimbra o primeiro numero de um semanario de litteratura de que eram redactores Theophilo Braga e Simões Dias.

Entre os collaboradores assiduos viam-se os nomes de Silva Sanches, Duarte de Vasconcellos, Guimarães Fonseca, Amelia Janny, Souza Viterbo, Candido de Figueiredo, que por vezes enviava versos do Seminario de Vizeu, e Jacintho Nunes.

Já ahi o vigoroso poeta da *Visão dos Tempos*, patriarcha da nossa litteratura, ensaiava a lyra d'ouro, e o auctor das *Peninsulares* esboçava as suas buriladas estrophes.

Pouco depois fundava-se um outro perio-



PINTO DE MESQUITA

dico de litteratura, A *Academia*, que João de Deus, Simões Dias e João Penha adornavam com o rendilhado e a delicadeza dos seus versos, onde Lopo Vaz discreateava sobre politica e Adolpho Coelho sobre philologia.

Emygdio Navarro, figura estranha de luctador, que no seu paiz se engrandeceu e se impoz á custa do seu trabalho e do seu talento, polemista emerito e estylista primoroso, collaborava na *chronica* e exclamava n'um desabafo ao ouvir de novo *berregar a cabra*, por fins d'umas ferias «ó negregada cabra, sino agourento que como as corujas soltas o teu grito sinistro ás horas do crepusculo! . . . As tuas badaladas são como as notas tremendas de uma trombeta que tambem chama a um pavoroso juizo final!»

Era o estudo que avertava com os actos proximos! . . .

Por fins de 1864 inaugurava-se o comboio de Lisboa ao Porto, o que no meio academico produziu verdadeiro successo.

A rapaziada ia de capa e batina até ao Porto, e sahia frequentemente em passeios pelos arredores, com a mesma naturalidade, dizia um jornal do tempo, com que se vae ao Penedo da Saudade ou a Santo Antonio dos Oliveas!

Era um acontecimento!

\*  
\* \*

Coimbra de 1882-1886 — «*Ursos*» e mais «*ursos*» — A mais que famosa questão do *nivel* — O *nivelista-mór* de Mangualde — Quem era o heroe — Os bastidores d'uma aula universitaria — Do que seja a *cólica* — A *farpa*, o *segredinho á porta da aula*, *queixos partidos e cabeças atadas*

— *Como se mergulha em caso d'afflicção* — *Sahidas a tempo*.

A geração que deixou os bancos universitarios ha vinte para vinte e cinco annos dir-se-hia uma geração de eleição, tantas as figuras hoje em destaque que então passaram pela Lusa Athenas. João Arroyo, a quem Wagner e o *orpheon* pareciam não roubar tempo doutorava-se em 83-84, e nesse mesmo anno se formava Jacintho Candido, eme-

rito na *ursulhice* desde o começo de sua formatura; José Maria Rodrigues formava-se em theologia no anno immediato, tendo-se já formado em direito, revelando a sua alta intellectualidade e dando que fazer a Camillo na celebre questão das *Sebentas*; a essa geração pertenceram tambem com pequeno intervallo Luiz de Magalhães, João Pinto dos Santos, Malheiro Reymão, Trindade Coelho, Silva Gaio, Ovidio d'Alpoim, Thomaz Pizarro, Pedro Gaivão, Antonio Feijó, Alfredo da Cunha, etc.

Uma das questões palpitantes da epocha foi o caso do *nivel*. Succedeu que por occasião das exequias do rei D. Fernando, como narra encantadoramente o *In Illo Tem-*

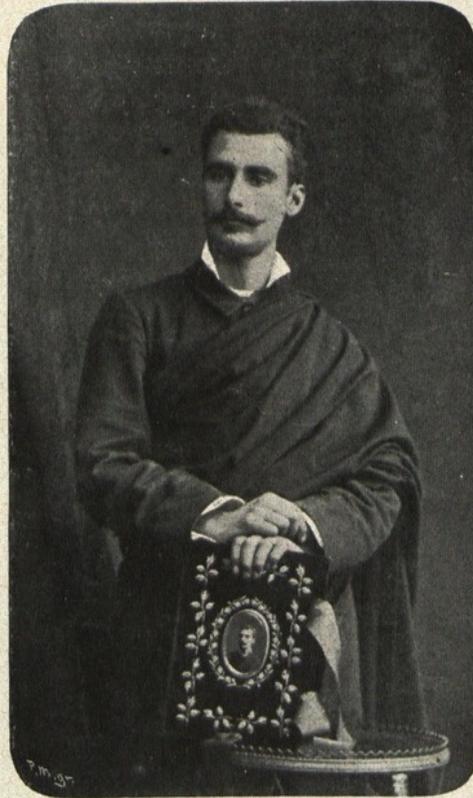
*pore*, trez *polainudos* se lembraram de partir para Lisboa, representando a Academia sem ninguem lhes encommendar o sermão.

Abespinharam-se os *briosos* e a rapaziada foi convidada para uma reunião magna.

Porém as chaves do theatro tinham sido roubadas por Antonio Cabral e pelo «Waldeck» que eram pelos da representação e que as entregaram ao *Saraiva das forças*.

Final a reunião sempre se realizou e os oradores inflammados, á luz do gaz, protestaram que «era necessario levantar o *nivel* da Academia»! . . .

Foi quanto bastou! . . . Nunca mais se



PAES DO AMARAL

calaram os da opposição:—Olha o nivel!... Larga o nivel! Dá cá o nivel!...

Publicaram-se versos, caricaturas, poemas desde *A Niveleida* á *Bolha* em que de parte a parte se cantaram:

«Os Pires de Lima e outros malcreados  
Que ergueram na Trindade um vão lamento»

«E tambem as façanhas gloriosas  
Dos Cabraes e Waldecks e quejandos.»

dos rapazes, surrateiro, á socapa, esfuzia por vezes com mais graça.

Emquanto o professor prelecciona maçadas theorias ou um condiscipulo repete a *sebenta* e dá provas do seu saber, o curso, já feito do susto da chamada, abre Poinson du Terrail ou Bourget, ou desdobra cautelosamente o periodico para saber da politica.

O ponto critico é a chamada.

Quando o professor abre a caderneta e a folheia de traz para deante, de deante para traz, as respirações suspendem-se, ouvem-



COIMBRA — VISTA PARCIAL DA CIDADE

Para a direita a Couraça de Lisboa, onde existe um grande numero de «republicas»

Dos mais apoquentados foi Eduardo Augusto Pires de Lima, espirito scintillante que então cursava o 4.º anno de direito, e que encanzinava com a laracha, quando lhe chamavam o *nivelista-mór de Mangualde*, pintando-o á laia de anjinho polpudo e abraçando um grande nivel, percorrendo o orbe em viagem de *nivelamento*.

O Padre Manoel Nogueira, hoje conego no Algarve, tambem foi dos perseguidos.

\* \* \*

As aulas universitarias são talvez, não o lugar mais adequado, mas onde o bom humor

se zumbir as moscas, ha rostos lividos, olhares esgazeados, cabellos em pé... é a *colica*... a commoção como a definia um patusco: «esse mal-estar que partindo do extremo do intestino percorre todos os capillares incidindo especialmente no estomago!»...

Chamado o primeiro, echôa um longo ah!... de satisfação, de allivio, como um peso que se tirasse de sobre uma multidão opprimida.

E então fazem-se versos, bonecos, convoca-se o curso para reuniões, annunciam-se compras e vendas... o diabo!...

Eduardo Pires de Lima, apesar de *urso magno*, rabiscava na aula um jornal microscopico que chamava *Revista de Direito e Legislação* feito a lapis, e onde havia de

tudo, desde o artigo do fundo ao folhetim, e a collaboração poetica, que passava de mão em mão.

Ahi parodiava elle «o rapé do Padre Nogueira», «a linguagem fluente do classico Christiano de Souza», «a cara do Navarinho», «as barbas do Padre Silvano», etc. etc.

Foi tambem nas aulas que Alfredo da Cunha escreveu as poesias que publicou depois sob o titulo *Coimbrãs — versos na aula pelo n.º 63 da coelheira*.

Uma vez em que a *cólica* o apertava na aula de Lopes Praça, desabafava elle assim:

«A Santo Antonio da Praça  
Fiz eu hoje uma promessa  
De lhe rezar uma missa  
Ou de lhe dar uma coça  
Em fatal escaramuça  
Se, a serio ou por chalaça  
Lhe dêsse lá na cabeça  
Cheia de leis e justiça  
Chamar-me hoje a esta troça  
Que a minha paciencia aguça!»

Os estratagemas para escapar ás chamadas são variadissimos.

Além da dispensa que se pede por escripto ao professor entregando-lhe um cartão ao entrar — o que os rapazes chamam *uma farpa* —, ha um pretexto, sempre novo, que se segreda ao mestre com o rosto angustiado, o beiço pendido... — umas fortes dores de estomago... V. Ex.<sup>a</sup> não calcula... um parente quasi á morte... muito consternado, como V. Ex.<sup>a</sup> pode calcular, nem poude estudar!... Outras vezes quan-

do se está na aula sem se saber nada *in albis* e se é chamado — *mergulha-se* — esconde-se o rapaz debaixo do banco antes que o mestre dê por elle; e lá fica o pobre sentado no chão com as pernas enforcadas, á espera que acabe a aula para se safar.

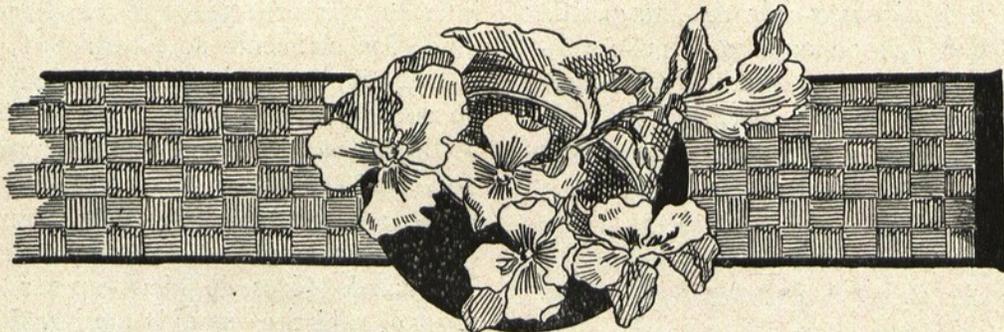
Por vezes vem-se á *sorte* e, na afflicção ultima amarra-se um lenço preto, salvador, á testa, a um olho, aos queixos, subentendendo nevralgias rebeldes ou quedas desastradas. O relógio consulta-se a meude (quando o ha...) para ver se a coisa ainda está para durar e quando a hora cáe, sornóra, na torre, é uma onda de alegria que invade as bancadas.

Conta-se que a um rapaz, muito de regras e horas fixas, succedeu um anno, ter aula ás horas a que costumava almoçar. E para não alterar o horario, levava o almoço para a aula n'um guardanapo e á socapa auferia o alimento todo desde o bife ao café.

O professor que já por mais d'uma vez notára a scena, reprehendeu-o um dia: «O' sr. F... isto assim não póde continuar! Será bom que se convença que isto aqui não é «restaurante»! Resposta do rapaz que se levanta muito sorna: — «Peço perdão a V. Ex.<sup>a</sup>, mas eu não mandei vir nada!...»

E é por isso que mais tarde ao evocarmos esta Coimbra, de tricanas ladinas, inexcédível de paizagem, de poentes de fogo e de luar de prata, todos estes pequeninas nada que para nós eram tudo, quando nos doirava a vida o sol da mocidade, sentimos o travo amargo da saudade rasgar-nos a alma, porque *houve* alguma que para nós passou e não voltará.

ANTONIO DE SOUZA MADEIRA PINTO.





O TERREIRO DO PAÇO

# Lisboa de noite

(ASPECTOS DA CIDADE)

«O Sol, qual brigue em chammas, morre» — e esta imagem do pobre Anto, esse triste Antonio Nobre, de olhos grandes, sonhadores, é um occaso inteiro.

De todo já o sol desapareceu, e o ceu começou a pouco e pouco a escurecer. Perdeu os seus tons algodoados, os seus azues saphira, as suas claridades translucidas que embriagaram Byron. Mansamente, sugada pela treva, a luz foi desaparecendo. Por sobre nossas cabeças o que inda ha pouco era azul-manto da Virgem foi-se tornando em cinzento ou azul prologo de escuridões.

E' a hora do poente. Um ar de tristeza pesa nas coisas, enche a Terra, entra nas almas. Uma sineta ao longe toca, vibrante, deixando pelo ar um som de campainha nova, alegre e contumaz. A facha do horizonte, lá para as bandas da barra, onde a mansa fita do rio corre serena, é ignea como uma chapa de ferro em braza. Mas, dentro em breve, o que ora é alaranjado se transforma em vermelho, de vermelho em car-

mezim, e de momento a momento a luz se aferretoa, ennegrece e decompõe. Depois do alaranjado, o vermelho, depois do vermelho o cardinal, depois o roxo, depois o violeta, depois o cinzento, até que escurecendo, escurecendo sempre, a treva vem, subvertedora e enorme, tudo apagar e confundir. Mas enquanto ella não vem de todo, o espectáculo da cidade ao cahir da tarde torna-se uma coisa imponente, que nenhum pintor interpretou ou jamais soube interpretar.

Um bafor terreno sóbe ao ceu, se adensa e se balouça, espesso e pesado. E' a ultima bocanada das fabricas e o ultimo respiro das chaminés. Nos campos, do colmo dos casaes, a esta hora, uma columnasita tenue de fumo sobe direita até ao ceu, enquanto os rebanhos recolhem e as buzinas dos pastores soam de quebrada em quebrada como um toque de Ave-Marias. A cidade vista de um ponto alto mostra-nos a multidão da sua casaria em que um ultimo lampejo de sol



PANORAMA DA CIDADE, VISTO DA GRAÇA

*A fiada de luzes ao fundo é da Estrada da Circumvallação*

vem morrer, fazendo ainda illuminar em espelho a pobre vidraça que rebrilha e scintila n'um esplendor. Os montes da Outra

Banda recortam-se no fundo alaranjado, e a casaria, que trepa pelas encostas, se acavalla nas surribas e se empina pelas montanhas,



PANORAMA DA CIDADE VISTO DO MONTE

*O edificio mais illuminado, um pouco á direita do centro, é a igreja do Soccorro.*



LARGO DAS DUAS EGREJAS

mostra-se também em silhueta no fundo cinzento do espaço. As agulhas dos mirantes, a torre dos campanários, as mansardas que

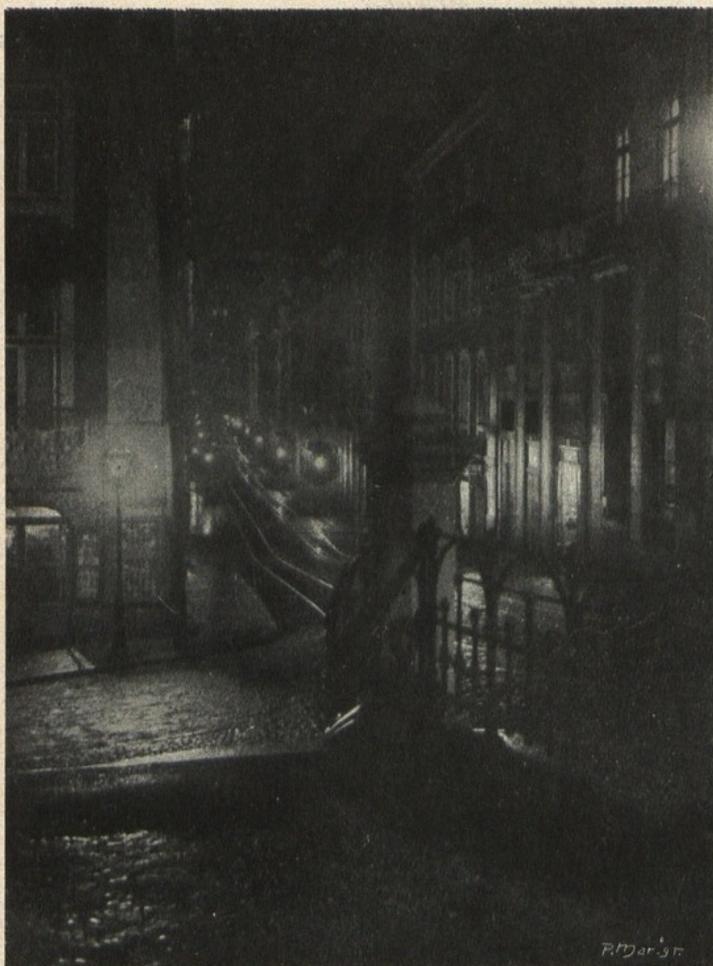
quasi chegam aos astros, os prédios altos, os pontos culminantes, terraços dominadores ou simples árvores perdidas, tudo se recorta



THEATRO DE S CARLOS



O INTERIOR DA LIVRARIA FERREIRA N'UMA NOITE DE AGUA



A RUA DOS RETROZEIROS VISTA DO ADRO DA MAGDALENA

a negro n'um plano onde a muralha do Castello na sua altiva sobrançeria lembra uma fortaleza medieval e a face branquejante da igreja da Graça recorda um mosteiro onde praz a Deus morrer e viver n'uma paz espiritual, bucolica e pagã, com sua quinta pegada, onde grandes arvores já não são verdes mas escuras, e com sua cruz no alto que já começa a tornar-se indecifrável.

Já as fabricas apitaram a largar o trabalho e já toda a sua população começou a sahir em bicha, uma bicha morrinhosa e acrescente que as boccadas das fabricas e arsenaes vomitam, parecendo não ter fim. Os *ateliers* fecharam. As ruas são mais pequenas porque vão transbordantes de gente apressada que recolhe.

A luz afasta-se de todo e a treva principia o assedio da nossa visão. A cada momento que passa, ella estreita o circulo que á nossa volta traçou. Olhando para o horizonte é agora tudo negro. Aquelle clarão de incendio que o sol deixa do seu rastro apagou-se de todo,



THEATRO DE D. MARIA — FACHADA PRINCIPAL

e só no azul escuro do ceu a lua mostra o seu crescente em foice, que alveja como se fosse de prata.

O rio é uma fita prateada agora, com reflexos brilhantes e grandes porções emergentes na sombra que tudo cobre. As vergas

dos navios ainda se avistam e uma vela ao longe na solidão deserta da agua, vem, melancholica e sósinha, rio acima, recolher-se da noite. Tudo se vae perdendo: o vermelho dos beirões, o verde dos jardins, o branco dos predios, o aspecto dolente do rio.



UM DOS LAGOS DO ROCIO



THEATRO DE D. MARIA — FACHADA OCCIDENTAL

Já uma luz ao longe brilhou estrepitosamente, e dos postes telegraphicos se não vê mais do que a base. Na Avenida a parda-lada que toda a tarde levou a cantar e a sujar quem passa, acoitou-se nas arvores que povoou inteiramente. Arvores descar-

nadas, sem folhas, aparecem pela noite inteiramente reverdecidas de folhede que visto ao pé não é senão a passarada que ali se acardumou, cabeça debaixo da aza, empo-leirada, mais espessa ainda que o milho no celleiro ou a areia na praia.



ENTRADA DA AVENIDA DA LIBERDADE — O AVENIDA PALACE

Um gallo cantarica, um cão ladra e nos quintalejos suburbanos e intra-cidade já de ha tempo a criação se empoleirou e dorme. Chiado abaixo, a multidão chalrante das costureiras recolhe. Pelos passeios vae um tropel, uma multidão que ás vezes abre em delta ante um grupo de gente encontradica que conversa. Um operario que vem, de serra debaixo do braço, saquitel na mão, e parou para apertar a mão a outro que vae, provoca um movimento de impaciencia na chusma transeunte.

Nos bairros pobres as vacas vão á sua romaria — «chéga-lá, chéga!» — parando ante cada portal. O accendedor do gaz veiu já, mais a sua luzinha na ponta de uma vara, luzinha que avança, que treme e que brilha, e que lá ao longe pharolisa toda a tenebrosa escuridão da rua.

Accendeu-se o gaz e nos *squares* da baixa, nas ruas centraes, nas avenidas, a electricidade, do alto dos seus globos, faz a sua brusca aparição. Então, tudo illuminado, os carros que passam, as lojas que escancaram suas portas, as *montres* que estadeiam seus recheios, as janellas, os predios todos, começa a vida da noite, vida mais curta, mas tão intensa como a do dia. E esta hora é pouco mais ou menos a hora dos theatros.

Já de todos os pontos da cidade, de todos

os altos, de todas as ruellas afastadas, um diluvio de gente se precipita sobre a baixa. Da Graça, da Estrella, de Alcantara, das avenidas novas os carros, os elevadores, as carruagens, veem cheias, transbordantes quasi de gente que jantou bem e se presumiu e

narcisou para vêr a peça da Trindade ou D. Amelia ou os palhaços do Colyseu, quando uma ou outra carruagem não sóbe o Chiado pimpante, orgulhosa de conduzir a familia a uma frisa de S. Carlos.

Toda essa turba passa, se mistura, e busca seu caminho. No Rocio e nas ruas da Baixa, tornadas centro da vida lisboeta, ha gente que se diverte a vêr a outra gente. E' a população dos *habitués*, dos que não teem que fazer e que são certos na cavaqueira do Mar-

tinho, do Suisso, do Estacio, da Monaco, a cujas portas veem passar as mulheres pomposas e as familias que vão ao seu destino. Passada esta effervescencia de gente que busca o seu logar, a baixa cae n'uma somnolencia ou quasi. A multidão é então menor. Entram os garotos de apregoar os jornaes mais tardeiros. Outros veem de corrida rua Nova do Carmo abaixo, sobraçando grandes massos, com destino aos pontos afastados. Ha trens que passam n'um galope vertiginoso, automoveis que sirenam com furor,



NA AVENIDA — DOIS NOCTAMBULOS



UM ASPECTO DA AVENIDA — EM FRENTE DA RUA DA CONCEIÇÃO DA GLORIA

minúsculas bicycletas que buzinaem como se fossem monstruosas *carrosseries*. Dez horas. E lentamente, quasi sem que por tal se dê, a multidão foi-se esvaindo a pouco e pouco. Já os palestrantes entram de apertar a mão

e se retiram vagarosamente caminho de casa. Familias esperam carro, nas paragens. O Rocio descoalha-se da gente que o pejava e a Avenida é agora uma coisa ideal com suas ramarias e a sua luz jorrando do alto n'uma



OUTRO ASPECTO DA AVENIDA — NA ALTURA DO LARGO DA ANUNCIADA

dupla fila de globos que se prolonga té onde a vista alcança. No *Avenida Palace*, ao fundo, visto por quem vem da Rotunda, a luz esmoreceu também um pouco e cessou de toda a animação.

As ruínas do Carmo com os seus musgos, suas ogivas e seus portaes estendem como uma ponte levadiça a *passerelle* do elevador. São onze horas. Os que estão na baixa ouvem então o relógio do Carmo e os que vão para a alta escutam ao longe, cortando os ecos, as badaladas lentas e graves do relógio da Estrella.

As ultimas lojas fecham com ruido de portas onduladas que correm. Os caixeiros esperam em grupo que o patrão ou quem é, recolha na algibeira a mólhada de chaves para, dadas as boas noites, desandarem machinalmente. As *montres* não teem já tentações e os estonteantes veludos são como as outras fazendas ante as quaes ninguem pára.

Um automovel passa n'um relampago. Os carros electricos são mais raros. E como é meia noite e os theatros fechem, aqui começa de novo a accender-se a vida das praças com uma multidão apressada que toma de assalto os carros que estacionam em fila no Rocio ou se retira em grupelhos de quatro, cinco ou seis pessoas, quando não é um parsinho que muito chegado, muito unido, busca a tranquilidade e a quentura do lar, lá n'uma rua afastada e sósinha, em algum andar de predio modesto e feliz.

Limpa de novo a cidade. Uma nova vida começa. E uma legião de creaturas que de dia se não vêem, surdiu, não se sabe como, nem se sabe d'onde. São os da noite, vagabundos, serenos, mendigos, a escumalha de toda uma população a quem a noite é refugio e a treva dia habitual. São vultos suspeitos e indistinctos que passam e se cruzam. Alguns dormitam sobre o banco do *square* até que um empurrão do policia os faça levantar — *Olá amigo! quem quer dormir paga á guarda!* — e o misero lá vae caramunhante e encolhido, continuar o somno interrompido para o outro extremo da praça, fóra do ambito embirrativo d'aquelle agente feroz.

Um ultimo electrico passa de corrida, fugidamente, guiado por um guarda-freio exhausto e somnolento. Os *serenos* dormitam sobre as almofadas, e se a cacimba cae, algum

mais attento baixa-se resmungão, desdobra um velho cobertor ou um safado oleado e estende-o sobre as pilecas que de cabeça baixa cogitam na triste sorte de ser pileca em Portugal. O guarda nocturno, apalpando todas as portas, tilinta com ruido a sua mólhada de chaves e pharolisa a treva com o fóco da sua lanterna de furta-fogo. As arvores teem suas cabelleiras de maravalhas. Tudo fechado. Ao alto, balouçam-se os globos de luz electrica, espalhando a sua luz opaca e crúa, onde uma phalena attrahida voeja e esvoaça loucamente, como um avejão colossal preso n'uma gaiola.

A'quella hora as ruas são enormes, embuçadas de escuro, sem ruidos, a não ser o dos trens que rodam com um grande solavancar de rodas nas pedras da calçada. Um importuno bate as palmas ao longe, fazendo vibrar os ecos. A vassoura mecnica municipal surge com seu conductor dormitante na bolea da impossivel armação, n'uma grande restolhada e levante de poeiras e microbios. Saccodem as sargetas com ruido de aguas batidas.

Abertas, áquella hora, sómente as esquadras de policia e as casas de ginjinha, onde dois ou trez *habitués* palestram n'um conluio suspeito. Nas ruas pobres da Mouraria calou-se o ultimo piano dos cafés. Ninguem passa. Começa a vagabundagem dos *pirilampos*, nome vulgar dos vendedores de café ou para melhor dizer, dos cafés ambulantes. No escuro da rua uma luzinha tremula avança. Perto já, se vê que ella habita o *folhetim* d'uma lata que o homem sustenta n'uma das mãos, emquanto enfiada no outro braço, vem uma cestinha ou cabaz onde se guardam as chavenas em que é servida aos freguezes a *carocha* que é como quem diz o café. O vulto, porque não é um homem, é um vulto, traz quasi sempre um velho capote militar no fio, um *cache-nez* que o embioca até aos olhos e, ou um chapeirão enorme como o dos limpa calhas, em feltro seboso, ou um bonet de palla ageitado de banda n'um ar provocativo. Um dos cocheiros chama. O vulto vem, poisa a lata e a cesta na rua, esfrega e bafeja as mãos, torna mais bambo o *cache-nez* onde recolhe o nariz e a cabeça toda, e começa uma palestra sorna, até que lentamente se baixa, busca chavena, deita o liquido preto que fumeja e serve na ponta de uns dedos gretados de unhas negras. Se o *serneo* é de

confiança e gosta da sua libaçãosinha, o nosso homem, depois de ter olhado em roda, certificando-se de que ninguem vê, sepulta um braço no interior do capote e saca um vidro onde vascoleja o alcool. Serve tambem, e emquanto o *sereno* saboreia, vae elle accomodando outra vez o frasco, a lata, e ageitando a cesta para onde ha de voltar a chavena. O cocheiro saboreou, estendeu a moeda de cobre, afagou as orelhas dos cavallicques, verificou se a humidade repassou o cobertor e voltou de novo á conversa, batendo com força os pés no chão. A palestra depois esmorece e o *pirilampo* prepara-se para se ir. Estende a mão: «Toque!» o outro aperta nas suas confraternalmente a mão do *Tio* e eil-o que vae, e a luzinha, tremendo, se afasta, a repetir a scena com outra freguezia.

O policia de serviço já se fartou de bocejar e as horas que das torres veem, ficam no ar como o fumo, n'um sonido metalico, vibrante e mysterioso. A cidade toda dorme. A neblina baixou até ficar nevoeiro. Parenthesis de ruidos, parenthesis de multidões, de toda a especie de vida. A hora avança. Não tarda que a luz venha surgindo lentamente, n'uma lentidão assustadora. Começa a clarear um pouco. E um homem apressado vem e bruscamente apaga a luz do gaz que nos candieiros ainda crepitava. A linha dos telhados começa a debuxar-se no escuro e uma luz diffusa se abre em leque das bandas do horisonte. E lentamente, como o comboio de um exercito, começam passando em fila, carregados de hortaliças, os carros para o mercado. O som das horas já não vibra tão alto e começa a anonymar-se na turba

dos mil ruidos da cidade que se espreguiça.

E' madrugada.

As illustrações que acompanham o presente artigo foram, como se vê, feitas de noite. Para as realisar, inutil seria dizer os desdens que só a lembrança d'ellas motivou em varios photographos que com espanto as verão hoje realisadas.

Foi J. Barcia, artista dos raros e espirito dos bons, quem pôz toda a sua boa vontade e o que é mais, toda a sua dedicação a uma causa tão ingrata. Não se contam, porque dariam muitas paginas dos *Serões*, todas as peripecias e aventuras que arietaram a sua paciencia. E é caso para se dizer que a photographia teve em J. Barcia um martyr. O que a estupidez indigena lhe despejou em cima! E eu creio que elle não teve o expediente de calafetar os ouvidos com cêra como o Nauta que as sereias não perderam! Formavam-se grupos, discutia-se, aventavam-se idéas, e ante o tripé armado toda a gente que passava se lembrava de dizer uma graçola. Para que seria, para que não seria!? Fazer photographia de noite era coisa que nem ao demonio lembrava. Nada. Photographia não era. E se fosse? Havia de sahir fresca. Ha cada ratão! Mas de todos estes episodios um mais interessante se me affigura. O de um garoto de jornaes que, descalço, chupando uma *beata*, quando a machina focava a Avenida, deu a explicação do caso, entre cathedratico e desdenhoso, á multidão ironica:— «Está a caçar pardaes!»

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.





Ph. Lima

EM CARNAXIDE

# Filarmonicas

**A**sobriedade do português é uma coisa que não sofre discussão. Outros povos têm sido, ou são, ou hão de vir a ser victimas dos seus exageros: o hespanhol arruina o estomago pelo coloráu; a bambochata, ao francês, amolece a espinha; a pinga, bem graduada de alcool, estrofia o anglo-saxão; e quem, ao chim, tire da boca a boquilha do opio, tira-lhe tudo.

Experimentem porém o português na provação de todas as minguas. Deixem-no ficar uma noite inteira ao relento, acororado contra uma esquina, em desembro, sem manta nem capote em que se embrulhe — e elle passará ahi, e assim, a noite, tão bem como a teria passado num quarto do Braganza, com as janellas sem frinchas, édredons de pennas, e entre bons lençóes. Toda a noite levará a sonhar que se está no fim

de verão, e elle a passá-lo em Cintra, á sombra d'árvores, ouvindo o murmurio de cascatas. E o que elle, em sonhos, julgar ser o murmurio de cascatas, será o beiral do telhado a pingar-lhe em cima...

Aguardem o anno que vae mau para as vinhas, deixem passar a vindima, a faina do lagar, a pisa, a trasfega, e vejam a cara que elle faz quando, entrando jovialissimo na taberna que primeiro poz o ramo de videira á porta em signal de vinho novo, e ao mandar saltar meio litro, lhe observa o taberneiro que é a quatro vintens o litro. Olhem bem para elle: nem pestaneja. Se jovial entrou, jovial se fica. Está o vinho mais caro? Melhor, que se bebe menos. E em vez de meio litro, dois decilitros o contentam.

Façam monopolio da carne, consintam ao cortador que em cada kilo do assem, da alcatra ou do pojadouro,





Ph. Lima

O SOL-E-DÓ DE CARNAXIDE

impinja ao magro freguez tresentas grammas de osso, e pelo pezo lhe leve desesseis vintens ou desoito.

Pois o freguez nem pegará num peso de dois kilos de cima do balcão para dar com elle na testa do cortador, nem sequer ao patife chamará ladrão.

Apenas delibera não comer mais carne, e se outra vez tem de tornar a fazer caminho por ali, passa de largo, receando sempre que o homem do talho lhe saia de lá armado de choupa com que o abata, para depois o cortar em pedaços, pendurá-lo na fateixa e vendê-lo por vacca.

Não se póde comer carne? Come-se peixe. E se ao peixe, em muitos dias, só os ricos chegam, come-se hortaliça, feijão, batatas.

Levem as coisas a ponto de o pôrem a pão e laranja, que é a expressão da ultima miseria de bóca, ainda mesmo estando o pão caro como está, e só nos deixarem os exportadores da fructa o rebotalho da laranja.

Elle se deixará pôr a pão e laranja, não direi já sem um certo esmorecimento, ou

falha de alegria, o que é dado a barriga vasia, mas sem por isso rememorar a revolta do Vinagre.

Carreguem-lhe o custo de todo o genero, reduzam-lhe a porção de todo o alimento, expremam-lhe tudo e expremam-no a elle mesmo. Amachuquem-no á condição extrema em que começa então a produzir-se o chamado fenomeno da autofagia, que outra coisa não é senão pôr-se o sujeito a mastigar-se a si mesmo e a palitar-se em imaginação!

Tudo o que quizerem — menos uma coisa: não lhe hão-de tocar na filarmónica! Quer dizer — lá poderem tocar, podem; mas hão-de tocar cornetim, clarinete, trombone, flauta, aquillo que mais fôr preciso ou para que mostrarem melhor embocadura. Até bombo, ou pratos, que não é nenhum desprêso.

A filarmónica é o seu fraco. A filarmónica é o seu forte. O seu grande vicio se quizerem; mas, quer o queiram quer não, uma das suas grandes virtudes.

A mais intensa, mais viva, mais vibrante expressão da alegria portuguesa é a filarmónica. A estudantina, a tuna, o sol-e-dó são tudo pieguices sem côr e sem animação, que só servem para reuniões particulares, recitas de amadores e sociedades dançantes onde a gente se aborrece. Ninguem peça ao instrumento de corda aquillo que elle não pode dar. Serão a viola, a guitarra, o bandolim e o cavaquinho muito bons para o fado, para a seguidilha, para a reverie, para a serenata, para a olheira e para o namoro, para a tísica e para o ra-





Ph. Lima

FILARMONICA INFERNAL — CHARIVARI CARNAVALESCO

pto — mas não são bons para mais nada. Tirem á guitarra, por exemplo, o panno de fundo d'um choupal do Mondego esbranquiçado de luar, ou o reprego d'uma viela da Mouraria por sombras de noite alta — e era uma vez uma guitarra!

Ao passo que o instrumento de sopro e o instrumento de pancada servem para tudo: para a festa rija como para a festa amena, para o salsifré como para o arraial, para a alvorada como para o fogo preso, para a sinfonia como para o final da opera, para o passo-dobrado como para a marcha heroica, para a Maria da Fonte como para a Maria Cachucha, para o Himno da Carta como para o Noivado do Sepulchro.

O instrumento de corda não passa de um devaneio, uma paixão em surdina, um mal do peito, ou simplesmente um defluxo. O instrumento de sópro implica já uma optima funcção de saude; e o instrumento de pancada, é, concomitantemente, uma necessidade musical e um derivativo fisiologico: o bombo é sempre um irritado; o tambór é sempre um frenetico.

Ponha-se a banza ao lado do cornetim e veja-se a differença: a banza é mol-lenga, chlorotica, dengosa;

o cornetim esperto, vermelho, em-pertigado.

Está a banza a tocar mesmo aqui ao pé, e é preciso, para bem a ouvir, aproximar mais o ouvido. Chega-se um sópro ao bocal do cornetim e logo elle desprende uma enfiada de notas claras e brilhantes como um canto de gallo num jubilo de alvorada!

A filarmonica é, na vida portuguesa, um elemento constantemente activo de vitalidade e rejuvenescimento. O portuguez, que não tem afinado o sentimento da musica como o tem, por exemplo, e mais que nenhum outro, o italiano, associa sempre a musica a todas

as suas grandes alegrias como a todas as suas grandes desgraças. A mãe que toda se desvaneca de contentamento sobre o bérço em que embala o filho, rubicundo de saúde, adormece-o com a musica; a esteril mulher do fado, debruçada sobre a meia porta do seu antro de miseria, vae pondo em musica e canta a quem passa a lastima da sua deshonra. Mas a musica instrumentada para a filarmonica e executada pela filarmonica é que lhe enche, verdadeiramente, as medidas.

E aqui para nós, que ne-



nhum rabeção nos ouve, a verdade é que não ha nada que chegue a uma filarmônica sinha bem ensaiada, bem fardada, a acertar bem o passo por essas ruas da cidade ou pela estrada fóra que leva da villa onde ella tenha a sua séde á aldeia que a convidou para lá lhe ir tocar á festa. .

Rapazes, ella ahi vem!

E' a dos regeneradores ou a dos progressistas? Seja qual fóer, tanto faz ao caso. E' a filarmônica! A politica póde ter musica, mas a musica é que não tem politica. Euterpe é extra-partidaria. Tanto nos faz que a filarmônica seja a *União e Capricho*, que anda toda a noite a tocar quando os amigos do Meyrelles venceram as eleições, como seja a *Reciprocidade e Harmonia*, que anda a tocar toda a noite se o triumpho foi todo para a gente do Araujo.

Toquem elles na perfeição, que é o que a gente quer.

Não ha banda militar que os desbanque, nem na certêsa da marcha em alas paralelas, nem no irreprehensivel aceio do fardamento, nem no empenho com que foi puxado o brilho aos metaes e o lustro ás botas, nem no compasso, nem no desempenho.

Reparem vossês para a seriedade d'aquelle trombone; olhem agora o gosto com que o clarinete chupa a sua parte como se fôsse a chupá-la numa canna de assucar; vejam-me as bochechas d'este cornetim como luzem, e a graça pastoril com que este outro cóspe no buraquinho da flauta!



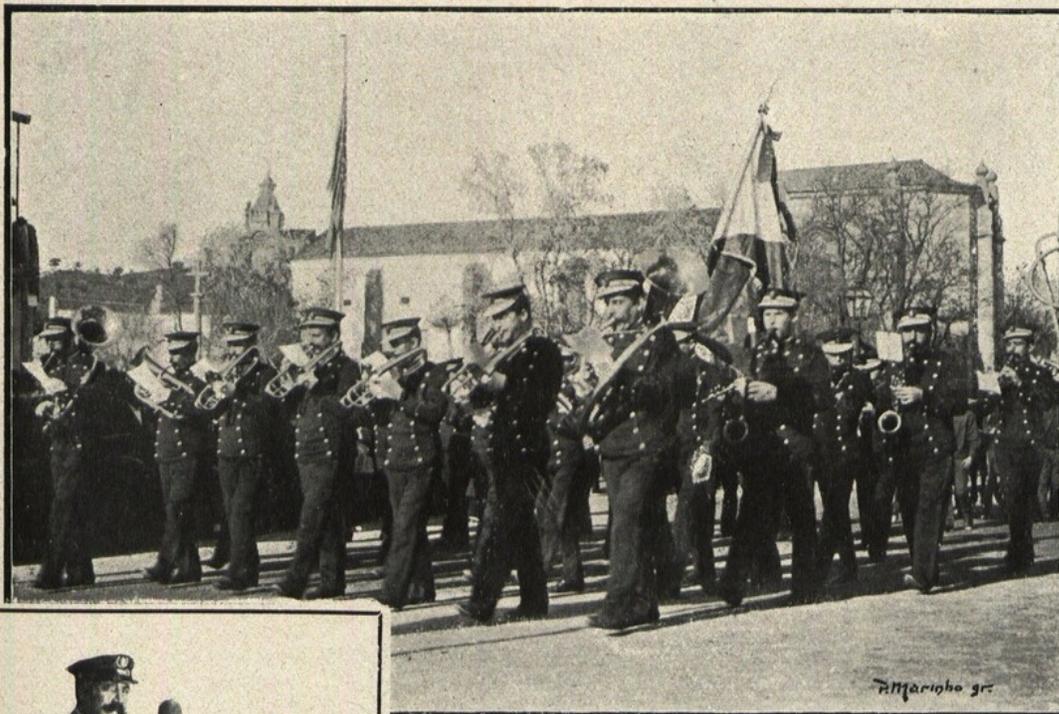
Ph. Lima

A PARTIDA — A FILARMONICA DE CARNAXIDE

O musico da banda regimental tóca bem porque é obrigado a tocar bem. Se desafinar, o coronel castiga-o. Toca admiravelmente, porque tem mêdo da pelle. O socio da filarmônica, não. Quando se chega a dizer d'elle, «que tóca que é um mimo», só elle, e os vizinhos d'elle é que sabem quantas noites lhe foi preciso passar em claro para acertar com aquella mazurka ou com aquellas variações, que são o beijinho dos repertorios de arraial, das tardes de domingo no passeio publico, das noites de nortada, do 1.º de Dezembro em frente do Club Patriotico, todo illuminado a lanternas com véllas de estearina. Chega a tocar admiravelmente — por brio.

Existe na Outra Banda uma filarmônica que se chama a *Incrível Almadense*. Bem posto nome! Mas o exclusivo de incrível que essa se arrogou e que hoje já ninguém lhe contesta, é que não tem razão de ser: porque incríveis são, em boa verdade, todas as filarmônicas de Portugal. Incriveis, por tudo





Ph. Barcia

PELAS RUAS DE SETUBAL

aquillo que nellas ha de força de vontade, de obediencia ao almiré, de sentimento do compasso, de pertinacia no ensaio, de afinação e variado repertorio.

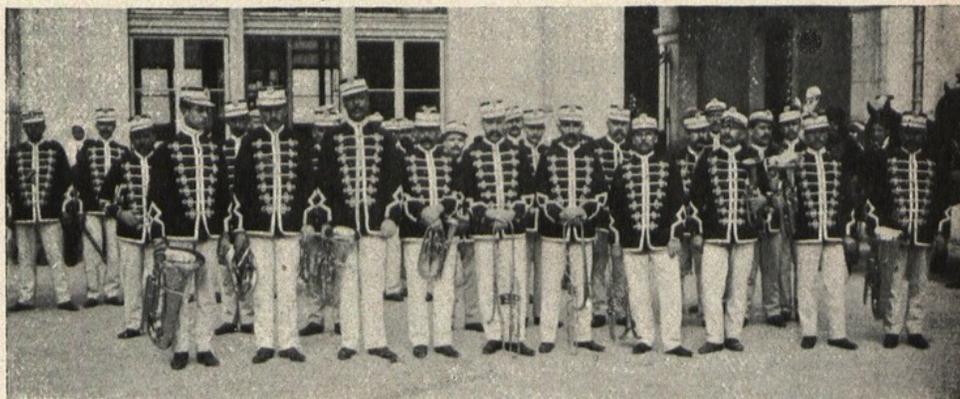
A' frente da filarmonica, quando ella passa em alas, de calça branca vincada, cabeça alta, lyra d'oiro no bonet de pala, pimpante e reluzente, só deixa o preconceito que corra a garotada effusa, pulando de contente.

Mas atrás da filarmonica todos nós corremos, e vamos para onde ella fôr, sob o ceu azul e o dardejante sol, entre explosões de bombas, risadas de foguetes, estoiros de morteiros — para a romaria e para o facto

historico, para a procissão e para os toiros, para o bodo e para a Representação nacional, para o baile campestre e para a reivindicação. E isto hoje, hontem, amanhã e sempre!

Sempre — não! Porque lá vem um dia em que as coisas se trocam, e em vez de sermos nós que vamos atrás da filarmonica, é ella, a filarmonica, que vae atrás de nós: a calça preta, a lyra do bonet envolta em crepe, o bombo silencioso, vagaroso o passo, e os metaes, embaciados, a soluçar Chopin...

A marcha funebre de Chopin!



ALF. DE MESQUITA.

Ph. Lima

OS «FENIANOS» DO PORTO

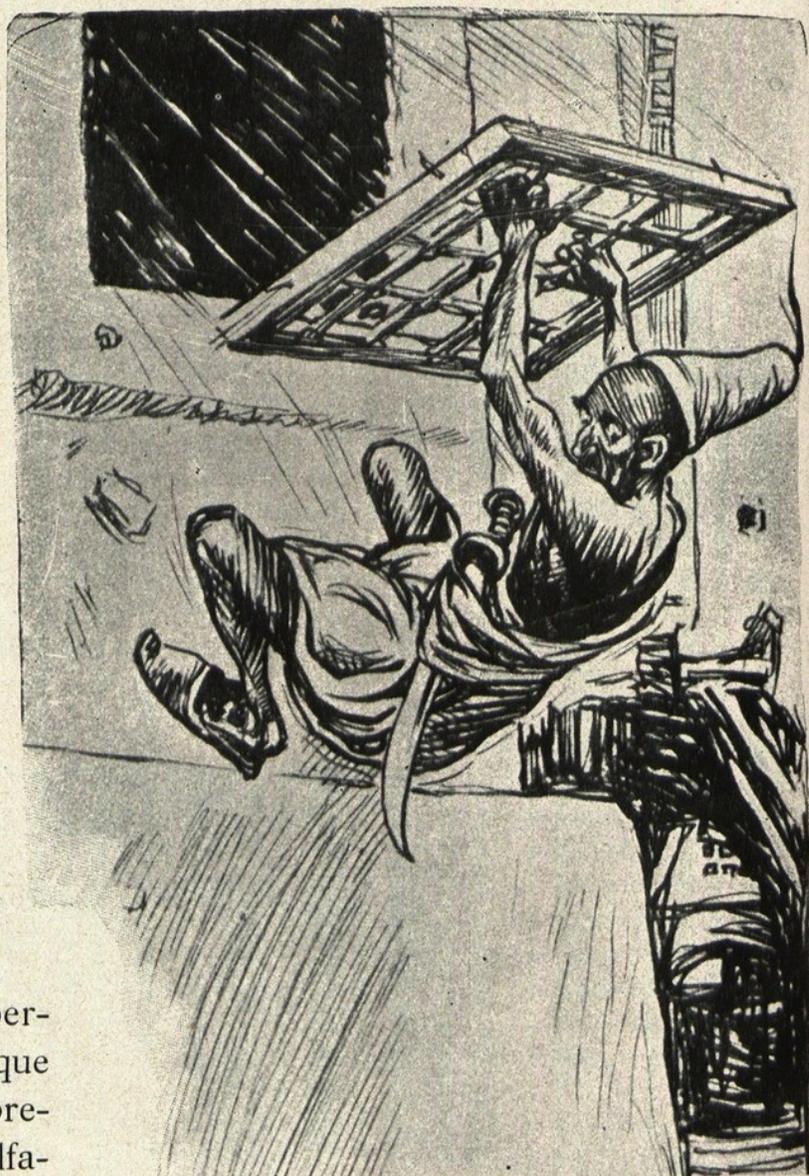


Foi-se uma vez um ladrão á casa de um negociante, marinhou pela parede acima e deitou as unhas á janella; mas eis senão quando veio parar á rua com toda a rapidez e um pé quebrado, por isso que a janella se despegara do caixilho. E vae d'ahi, levantou-se conforme pode e foi d'alli a pé coxinho ter com o juiz.

— O' juiz — disse elle — eu ia para roubar a casa do negociante, mas depois de trepar pela parede e de me agarrar á janella, ficou-me esta nas mãos, e tumba! aqui estou eu com um pé quebrado.

O juiz exaltou-se e ordenou a um soldado que fosse buscar o dono da casa. Trouxeram-n'ó logo á sua presença.

— Negociante — perguntou o juiz — porque tens a janella tão mal pregada? Repara: o malfadado ladrão ia roubar-te





O NEGOCIANTE E O JUIZ

a casa; mas depois de trepar pela parede e de se segurar á janella, esta despregou-se-lhe nas mãos. Ficou com um pé quebrado, e a culpa é tua.

O negociante respondeu:

— Que tenho eu com isso? Porventura fui eu que preguei a janella? Isso é lá com o carpinteiro que a fez.

Então o juiz disse:



O CARPINTEIRO

— Tragam-me lá o carpinteiro.

Veiu o carpinteiro, e o juiz disse assim:

— Por que motivo não pregaste a janella como os outros mestres do teu officio? Repara: por tua culpa está o pobre do ladrão de pé quebrado.

Respondeu o carpinteiro:

— Meu senhor, isso não é comigo. Responsavel é o mestre de obras,

porque foi elle quem assentou a janella na parede.

Disse então o juiz:

— Bem; que venha o mestre de obras.

Veiu o mestre de obras, e o juiz perguntou-lhe:

— Porque não assentaste bem aquella janella?

Mas o mestre de obras exclamou:

— Em nome de Allah, senhor juiz, na occasião em que eu estava a construir a casa, passou por alli uma guapa rapariga, com uma saia de uma côr muito vistosa. Foram-se-me os olhos atraz d'ella, fiquei sem saber o que fazia, e vae, as minhas mãos assentaram mal a janella.

Então o juiz ordenou:

— Vão-me buscar a rapariga.

Apenas ella chegou, disse-lhe assim o juiz:

— O' rapariga, porque andas tu com uma saia tão garrida?

E a rapariga respondeu:

— A culpa não é minha: é do tintureiro que deu a côr a esta linda saia.

Mas quando trouxeram o tintureiro á presença do juiz, elle não fez mais nada senão ajoelhar com muita humildade, e sem dizer palavra.

Então o juiz disse:

— Levem-n'ó, e enforcuem-n'ó á porta da sua loja.

Levaram-n'ó com effeito; mas quando iam



O MESTRE DE OBRAS



A RAPARIGA DA SAIA GARRIDA



O TINTUREIRO

para o enforcar, repararam que Allah o fizera tão alto que a forca não chegava.

Voltaram então ao juiz, e disseram-lhe :

—O' juiz, não temos maneira de o enforcar. E' alto como a breca.

Então o juiz bradou com grande furia :

—Irra! sucia de tratantes! quando acabarão de me atanzar? Se elle é muito alto, procurem outro mais baixo, e enforcem-n'ó!

E vae d'ahi, foram á cata de um homem baixo, e enforcaram-n'ó em lugar do tintureiro. E então o ladrão ficou satisfeito, e o juiz dormiu socegado.



ALLAH FIZERA-O TÃO ALTO QUE A FORCA NÃO CHEGAVA



## Hatakeyama Yuko



A primeira metade do anno de 1891, o actual Czar das Russias, então simples Czarewiche, visitou o Japão, chegando a Kobe a bordo de um cruzador do seu paiz. Incluia-se no programma da viagem — se a memoria me não falha — a excursão por terra até Tókyô, a capital, onde o hospede seria recebido pelo Imperador, com as altas distincções que a sua pessoa requeria. E' certo que, no dia 11 de maio, o Czarewiche e a sua comitiva iam jorna-deando de Kyôto para Otsu, usando de meio de transporte o modesto *kuruma*, o carrinho puxado por um homem — no caso que aponto, por dois homens, como é do estylo em longas caminhadas.— A certa altura, um policia da escolta que acompanhava os viajantes desembainhou o sabre, arremettendo contra o principe e ferindo-o na cabeça; escapando o Czarewiche de ser assassinado, graças á dedicação dos dois homens do *kuruma*, os quaes corajosamente subjugaram o aggressor. O ferido,

depois de receber o primeiro curativo, voltou para Kobe, para bordo do seu navio, desistindo de ir a Tókyô. O Imperio cahiu em consternação. O Imperador apressou-se em vir a Kobe, apresentando em pessoa ao Czarewiche a expressão do seu pesar. Logo após, o cruzador suspendeu ferro, abandonando as aguas do Nippon.

Assim se passou o factó. Como detalhes interessantes, convem notar que os humildes conductores do *kuruma*, largamente recom-

pensados pelo governo russo e com os peitos cheios de medalhas, tornaram-se uns notaveis personagens. Quanto ao criminoso, Tsuda Sanzô, foi preso, processado, condemnado, encerrado por toda a vida n'um presidio; ligeira punição... porque morreu mezes depois.

Por mais estranho que pareça, ha quem defenda Tsuda Sanzô, que fôra, annos atraz, um soldado exemplar, um veterano da guerra civil de Satsuma, onde se distinguio pelos seus brios. Curiosamente, Lafcadio Hearn, o delicadissimo narrador de coisas japonezas, diz n'uma carta intima, dois annos



HATAKEYAMA YUKO

depois do caso que narrei e *onze annos antes* da guerra russo-japoneza, que Tsuda fôra victima por ventura de um deslumbramento



O SUPERIOR WADA JUNNEN

patritico, vendo no principe estrangeiro o representante do terrivel colosso do Occidente e o futuro inimigo do Japão... Como Hearn, eu assim o creio; e, se Tsuda soffreu um tal deslumbramento, não se enganava, confessêmos... Dão-se, por vezes, phenomenos de estupenda previsão, na emotividade humana; Tsuda advinhara no futuro; tivera a prematura intuição das exigencias politicas do colosso, dos enormes sacrificios da patria, da carnificina da Mandchuria; por uma differença de datas, foi justamente um criminoso, quando um heroe podera ser...

O crime enodoou a patria inteira, cahindo todo o peso da vergonha no representante supremo da nação — o Imperador. — Quando se considerem os melindres de cortezia, de hospitalidade orientaes, que formam como que um codigo religioso em toda a Asia e mais especialmente no Japão, poder-se-ha fazer ideia, vaga embora, da magoa do paiz, da angustia do soberano. Como se se tratasse de um lucto nacional, os theatros fôram fechados, suprimidas todas as diversões habituaes; até o *shamisen*, a popular guitarra indigena, que de ordinario se faz ouvir por toda a parte, a toda a hora, em cada rua, em cada casa, emmudecêra; pensou-se em mudar o nome da terra onde o desacato fôra feito; todos soffriam; e sabia-se que o *Tenshi-*

*Sama*, o Nobre-Filho-do-Céo, o Imperador, era quem mais soffria...

O principe molestado sahira da terra que o offendera; voltára-lhe as costas; vingára-se — estava no seu direito. — Não se pensava n'elle. O que mortificava a turba era sobretudo a consciencia do desprestigio da nação e do desconsolo do soberano. Que fazer? Cada qual segredava a si proprio esta pergunta, na ancia de ser util, de expiar por si a falta nacional e de reintegrar o soberano em seu conforto. Mas nada havia que fazer, sentindo cada um a mesquinha individualidade de si mesmo, sem peso em tamanha conjunctura.

Então, uma mulher, por nome Hatakeyama Yuko, com vinte e nove annos de idade, exercendo a profissão de serviçal em Tókyó, a capital, perguntou tambem á sua consciencia: — «Que fazer?» — Mais compenetrada de soffrimento do que a turba, palpitando em mystico patriotismo mais intenso, pode encontrar uma resposta: — «Que fazer? Mor-



UM JOVEN SACERDOTE DE MAKKEIJI

rer!...» — Morrer, dar o que tinha — a vida, — pela patria e pelo Imperador. Remir, por esta forma, o crime da nação; restituindo, assim, á patria a honra e a tranquillidade, ao soberano a paz do sentimento... Nós, os loiros do Occidente, não podemos attingir o inteiro alcance d'esta emanção de affectos, d'este mar de ternuras, pelo solo sagrado e pelo Mikado-Deus. De alma gasta, a nossa comprehensão não dá para tanto. Ligamos como que uma ideia de delirio a taes transportes. Não o delirio do insano, certamente: sentimos que nos achamos em presença de uma grandiosidade moral inconcebível; aco-

do-se ao estabelecimento de **uma** cabelleira, alli fez afiar, á sua vista, a navalhinha de barba que trazia, — instrumento de que toda a japoneza se utiliza, talhando com elle as sobrancelhas e tirando das faces a pennugem. — Visitou piedosamente varios templos. No templo de Chion-in, n'um canto solitario, escreveu uma carta de despedida a seu irmão e outra ás auctoridades de Tôkyô, rogando n'esta que se implorasse do Imperador para cessar de affligir-se, ao saber que uma mulher dera a sua vida em expiação pelos aggravos commettidos, Pela noite, junto do palacio da prefeitura, suicidou-se, ferin-



ENTRADA DO TEMPLO DE CHION-IN

dem-nos assomos de vertigem, como se, na ordem material das coisas, em frente dos olhos nos surgisse a paizagem estupenda de um planeta estranho, de Marte, de Saturno!...

Hatakeyama Yukô pediu licença a seus amos para se ausentar. Vendeu os seus *kimonos*, os seus enfeites, obtendo assim um peculiosinho indispensavel para o fim que tinha em mente. Em 19 de maio, isto é, oito dias depois do attentado, seguiu para a estação da linha ferrea, tomando passagem para Kyôto, a cidade santa, a cidade dos Mikados e das cavalheirosas tradições. Chegou a Kyôto na manhã do dia 20. Dirigin-

do-se na garganta com um golpe certo da navalha. O caso foi fácil de apurar, em presença das duas cartas encontradas; o corpo foi transportado ao templo de Makkeiji, em cujo cemiterio se enterrou.

Makkeiji fica para o lado do oeste da cidade de Kyôto, não longe de Nishi-Hongwanji, o celebre mosteiro; modesto poiso buddhista, contando mais de trezentos annos de existencia, situado n'um bairro ermo (Omiya dori, Matsubara), onde se agrupam outros templos e onde verdejam vastos campos. Eu visitei, ha poucos dias, Makkeiji. Recebeu-me o superior, grave nas suas vestes rituaes, bello na sua physionomia serena,

dignamente cortéz; chama-se Wada Junnen, habita aquelle templo ha mais de trinta annos. Um joven sacerdote levou-me ao cemiterio adjunto — todo sol, todo paz, todo silencio, — curto espaço rectangular, erichado de velhas lapides funerarias, que aqui se amontoam umas sobre as outras, carcomidas, esverdeadas pelos musgos. A um canto — unico sitio disponivel, — eleva-se uma bella pedra negra, com estes simples dizeres, em caractéres indigenas: — «*Retsujó Hatakeya-*

sala visinha, relanceei dois biombos — unicos ornamentos do aposento, — sobre os quaes se encontram collados muitos pedacitos de papel, com poesias que varios poetas japonezes teem dedicado á memoria d'aquella admiravel rapariga; sendo certo que amora-veis cultores das letras patrias veem ainda de quando em quando recitar ternas composições elegiacas junto da sepultura, em quanto que outros peregrinos a enfeitam de folhas e de flôres frescas, colhidas nos campos que



CEREMONIA FUNEBRE JUNTO DA SEPULTURA DE YUKO, ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DO ENTERRO

*ma Yuko Haka*» (Tumulo da virtuosa mulher Hatakeyama Yuko), — monumento erigido por subscrição voluntaria do povo de Kyôto.

Visitando seguidamente o interior do templo e o altar dos deuses, foi-me mostrado, junto das imagens, o *ihai* de Yuko, isto é, a pequenina taboa com o seu nome inscripto, de mistura com outros muitos, representando os mortos que estão sob a protecção particular d'aquelle templo e pelos quaes especialmente aquelles padres rezam. Após, n'uma

avisinham. Finalmente, n'uma outra sala, o superior mostrou-me as reliquias colhidas do cadaver, bagatelas que dão vontade de chorar: — dois pentes da cabeça; o habitual *kanzashi*, gancho dos cabellos com uma conta de coral; a navalhinha, toda ferrugenta, que foi a arma do suicidio; um rosario buddhista; um lapis e um pequeno instrumento para aparal-o; um jornal comprado na viagem, tinto de sangue; varios papeis com apontamentos e notas de despeza; uma modesta bolsa de dinheiro, onde foi encontrada a som-

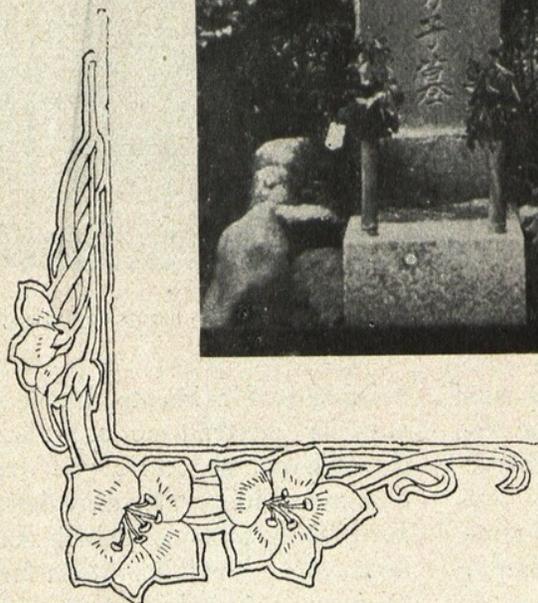
ma de cinco yens (uns trez mil réis) e alguns cobres, quantia previdentemente destinada aos gastos com o enterro. — A estas reliquias, o superior Wada Junnen juntou depois, delicadamente, duas mais: — duas cartas que Laicadio Hearn lhe escrevera, quando interessado vivamente pela historia de Hatakeyama Yuko, visitara Makkeiji, entrando em relações com o sacerdote; — sabe-se que dois primorosos artigos sobre o assumpto figuram na obra litteraria de Lafcadio, fallecido em 26 de setembro de 1904, com grande perda para as letras.

Bem. Despedindo-me do superior do templo de Makkeiji, recebia das suas mãos piedosas a dadia gentil de uma photographia de Yuko, outra da sua sepultura e ainda outras. Que espera o leitor reconhecer no rosto da *musumé*? Acaso os traços geniaes de uma exaltada sonhadora? A nobreza das damas da velha côrte dos Mikados?... Nada d'isso: — a figurinha trivial,

modesta, sorridente, de uma criada de servir. — E é precisamente pelo seu plebeismo que sobretudo encanta o dramatico episodio que acabo de contar: — uma filha do povo, educada entre o povo, ganhando duramente a subsistencia, isenta por conseguinte de hysterismos de ociosa, é a heroina. — Trata-se pois de uma flôr de sentimento, nascida na alma de Yuko, como podéra brotar em outra qualquer alma; é uma manifestação comezinha d'aquillo que se chama, em linguagem do paiz, o *Yamatodamashii*, o espirito do Japão.

O acto de Yuko inspira-se intimamente na moral do Shintôismo, a religião primitiva, que manda adorar a patria e o soberano, sacrificando-lhe de bom grado a propria vida. O Buddhismo, que condemna em principio o suicidio, recebe em um dos seus templos o corpo ensanguentado da *musumé* e dá-lhe digna sepultura. Duas religiões abençoam a alma enterrecida d'aquella doce filha de Nippon...

TUMULO DE HATAKEYAMA YUKO



Kobe, novembro de 1907.

Wenceslau de Moraes.

# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### COIMBRA

(Continuação)



mais subido valor artistico ostentam-n'o, porém, os pormenores da decoração interna, mandada fazer na igreja por el-rei D. Manuel.

Tudo ali foi combinado e levado a effeito com a maxima perfeição. Desgracadamente, uma parte desses primores não existem já, hoje em dia; a igreja soffreu, no seculo XVIII, transformação parcial quanto importante; e, sem embargo, o que resta da primitiva, deixa suppôr que em 1530 haverá sido uma das mais ricas e sumptuosas em toda a peninsula.

El-rei D. Manuel dotou-a com os dois riquissimos tumulos, existentes ainda hoje, dos primeiros reis, na capella-mór, com altares nas capellas, e, sobrelevando a todos, um avultado altarmór de obra de talha; com o portentoso pulpito de pedra, com um côro alto para os membros da communidade, do lado do poente, sumptuoso cadeirado já para o mesmo côro já para a igreja, e uma teia, afamada pela summa belleza, dividindo o cruzeiro do corpo da igreja; esta, recebeu, aliás, riquissima decoração nas paredes res-

pectivas, a saber: frisos com medalhões (terra-cotas dos Della-Robbias?), as abobadas ostentavam finissimas pinturas realçadas a oiro.

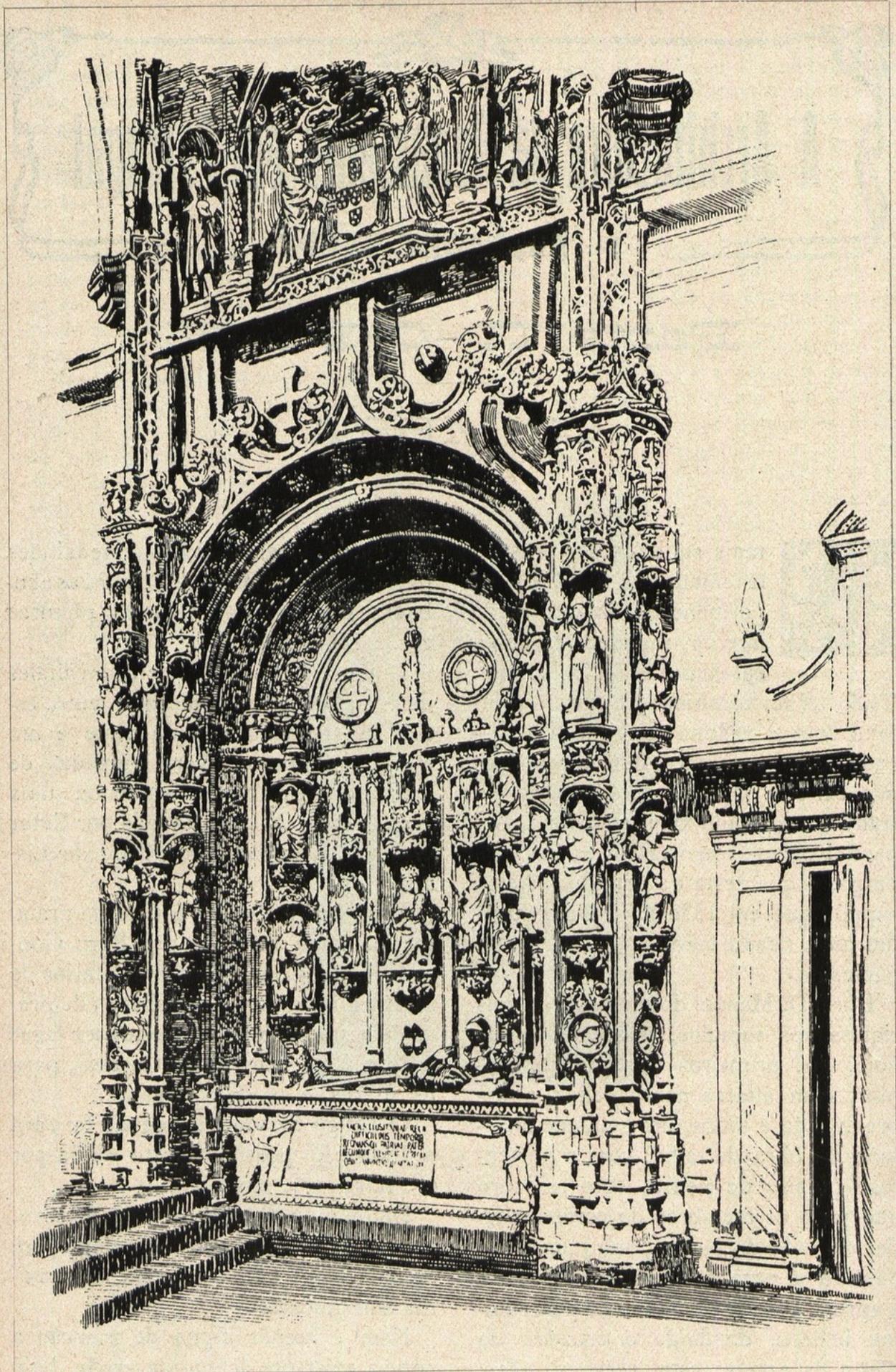
Dotou-a, aliás, D. Manuel, com alfaias de prata, de muita riqueza, e, entre estas, quatro tocheiros de vinte e um marcos de prata, duas lampadas de trinta e três, respectivamente, uma grande cruz, de cem, lavrada por Eytor Gonsalves, ourives da cidade de Lisboa.

Uma imagem muito antiga, de prata, foi mandada refundir por Pero Gonsalves, em Coimbra; dois relicarios de madeira revestidos com chapas de prata de primoroso lavôr, mandados fazer a Joan Roiz, ourives do Cardeal, para os altares, e assim por diante.

O antigo thesouro da igreja foi para a India. E' possivel existir ainda por ali, talvez que em Gôa.

Dotou-a ainda com estantes de côro, altares, orgão, baptisterios, relógio, em summa, com todo o preciso, da maxima sumptuosidade.

Nem é menos digna de menção a noticia existente ácerca da grade, hoje desaparecida, a qual, com a coronide



TUMULO DE D. SANCHO I, EM SANTA CRUZ

atingindo a altura de vinte e cinco palmos cortava transversalmente o corpo da igreja; ostentava pilares e trumos intermedios e, no friso, a seguinte inscrição, algo ingrammatical: «Hoc templum ab Alphonso Portugaliæ primo rege instructum ac tempore pene collapsum Regno successore et acto se Emmanuele restauravit. Anno Natalis Domini MDXX». O nome do mestre, Antonio Fernandes. Esta grade, no seu *conjuncto*, revocou-me á memoria as coévas e tão sumptuosas grades hespanholas (Burgos, Granada, etc.). E todavia, Antonio Fernandes achava-se estabelecido em Coimbra, com certeza, visto como Gregorio Lourenço nos seus relatorios a D. João III (1) transmite a este as queixas do mestre, a quem conhecia pessoalmente, com respeito á mesquinhez da remuneração (dois mil réis por cada quintal de grade e cinquenta pelo coroamento completo). Este mesmo mestre fez mais duas grades semelhantes á primeira para os dois tumulos dos reis.

Além dos francezes resta ainda mencionar dois estrangeiros, cujos nomes se ignoram, havendo tomado parte nos trabalhos em questão.

Primeiramente, o mestre das obras de talha do côro: o altar-mór, do lado do evangelho, um sacrario, proximo do cadeirado, além de mais dois altares com reliquias, proximos dos dois mausoléus dos monarchas. Estes trabalhos devem ter sido ultimados por Christovam de Figueiredo. O esculptor veio

de Sevilha em janeiro de 1518 (1), com o intuito de encetar o trabalho do altar-mór; a 22 de Julho, havia concluido o dito altar, o sacrario e o cadeirado, e o bispo, examinando o trabalho, manifestou se muito agradado.

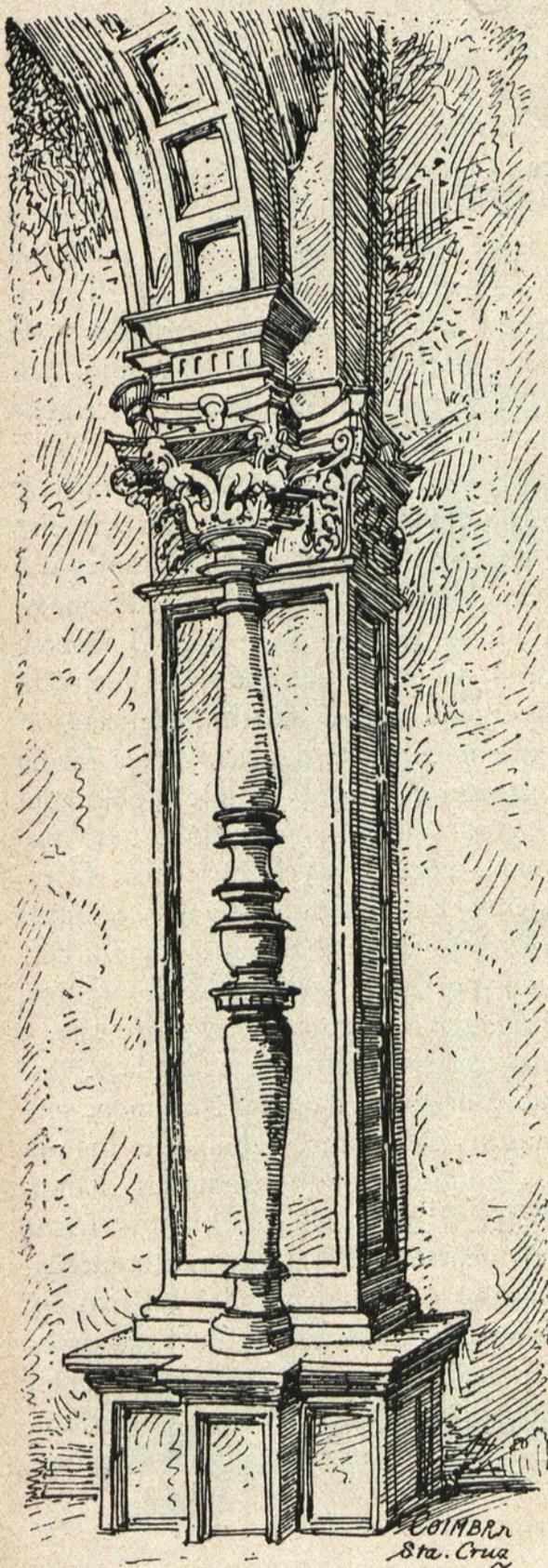
Tudo isto desapareceu, infelizmente. Quer do estylo quer da riqueza, poderá talvez ministrar-nos algumas ideias o sumptuoso altar da cathedral de Sevilha, da mesma época. Temos ainda a considerar a attribuição do côro occidental a um biscainho, por D. Francisco de Mendanha (descrição do mosteiro, etc., 1540).

Da decoração de D. Manuel existem ainda alguns fragmentos. Em primeiro lugar, os dois sumptuosos tumulos dos primeiros reis, nas duas paredes longitudinaes do côro da abside. O aspecto geral de um e outro é quasi identico, divergem apenas em minudencias ornamentaes e nas figuras. A sua forma estructural é ainda gothica, pelo *conjuncto*, a individuação do ornato baseada, porém, na Renascença. O esquêma fundamental de um e outro apresenta um nicho, pouco fundo, cerrado por uma arcada semi-circular, abrigando o sarcophago e, sobre este, a imagem do sepultado, reclinada, e vestido o arnês de batalha. No fundo, sete imagens de santos, debaixo de balquinos gothicos muito ornatados. Emolduram o nicho dois opulentos frisos ornamentaes, amparados por botareus, lavrados e vasados de alto a baixo em nichos, baldaquinos e profusa ornamentação. Por cima, um rico frontão, figuras dentro de nichos, e um braço de armas sustentado por dois anjos.

(1) Estas datas foram todas extrahidas da preciosissima memoria de Gregorio Lourenço, vedor e notario de Santa Cruz, o qual em 1522, fallecido elrei D. Manuel, as transmittiu ao seu successor na sobrintendencia das obras. Publicada por Sousa Viterbo — pag. 23-28.

(1) Carta de Greg. Lourenço a elrei D. Manuel, Sousa Viterbo — pag. 20.

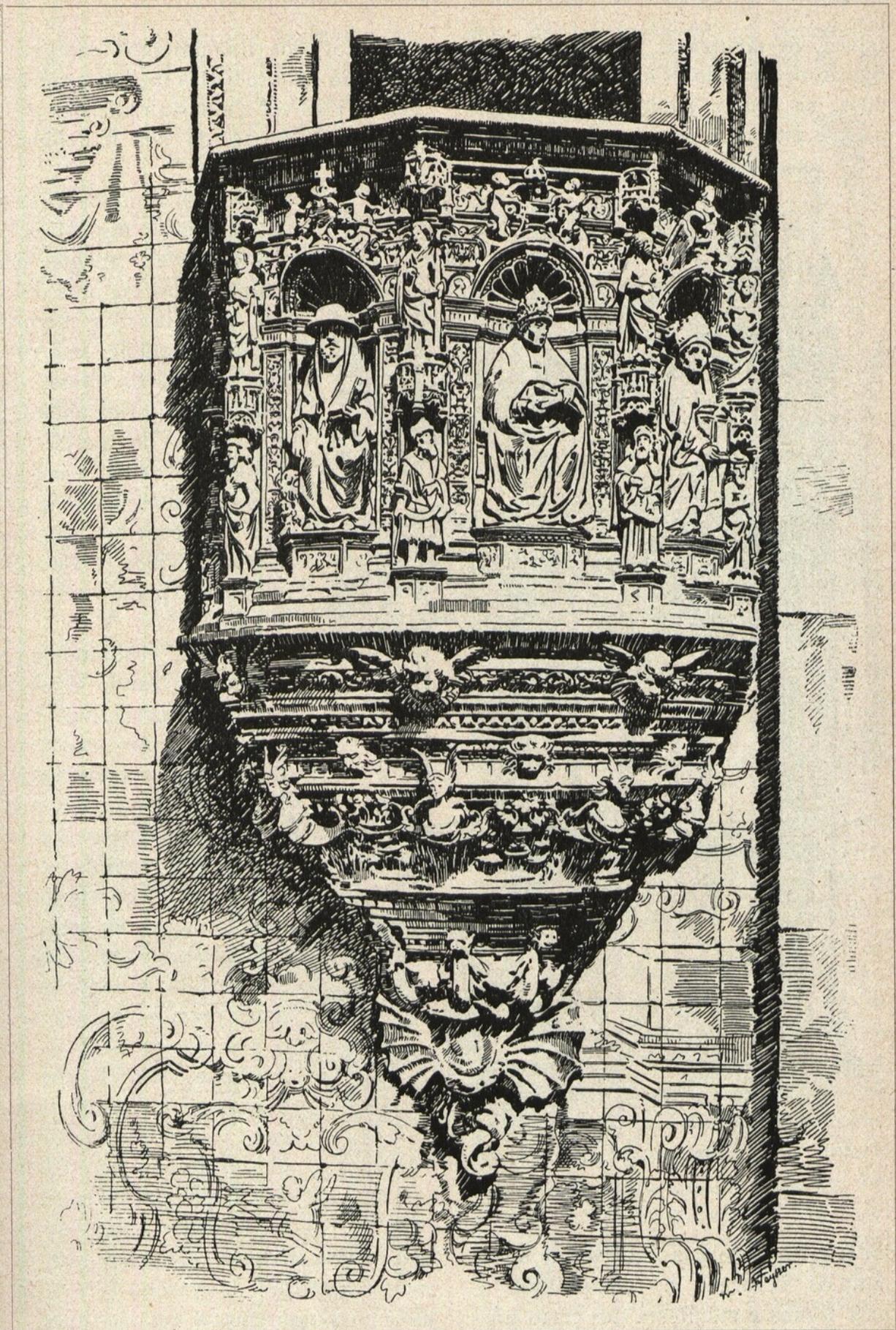
Esta construção, com cerca de 12 metros de altura, enche completamente a parede e o proprio arco esconso da abobada. A estampa dá sufficiente ideia da sumptuosa combinação e da riqueza com que é composta. A pormenorização é elaborada a primor; recorda os trabalhos decorativos de Belem, assim como o portico da Conceição velha, em Lisboa. Os motivos no estylo da Renascença apresentam, como além, o caracter da primitiva Renascença franceza.



DO ARCO, POR BAIXO DA TRIBUNA, EM SANTA CRUZ  
DE COIMBRA

Isto induz, pois, a attribuir ambos monumentos a mestre Nicolau e seus ajudantes. Em 1518 escrevia Gaspar Lourenço a D. Manuel: «E o mestre, que está fazendo os tumulos dos reis, continua a trabalhar nelles e tem já concluido muito trabalho de lavrante.» A julgar por esta noticia e por outras concordes, os ditos tumulos seriam os primeiros trabalhos de Nicolau no paiz, e em vista dos quaes seria chamado aqui. Em Julho de 1520 foram os restos de ambos monarchas transferidos para a nova sepultura, achando-se presente elrei D. Manuel; se considerarmos a magnitude e as proporções da obra—só estatuas abrange umas quarenta e oito—assim como a rica ornamentação dos pormenores, não parecerá inverosimil o haver o mestre invertido um decennio na sua elaboração. Em 1550 achava-se concluido o solar de Gaillon.

Poderá ainda admittir-se a hypothese de, em 1535, se haverem effectuado quaesquer aperfeiçoamentos, ou ainda acabamentos nos mesmos tumulos, e de haver sido confiado por D. João III o encargo a mestre Nicolau. Não divergiriam no estylo, visto como os monumentos existentes em S. Marcos, trabalho incidindo com um prazo de tempo mediando entre 1520 e 1522, apresentam a mesma feição, e a mesma mescla de formas. Tratar-se-hia,



PULPITO EM SANTA CRUZ DE COIMBRA

talvez, de completar minudencias nas figuras occupando os nichos, nas quaes, aliás, se notam ainda leves deficiencias, e isto com tanto mais probabili-

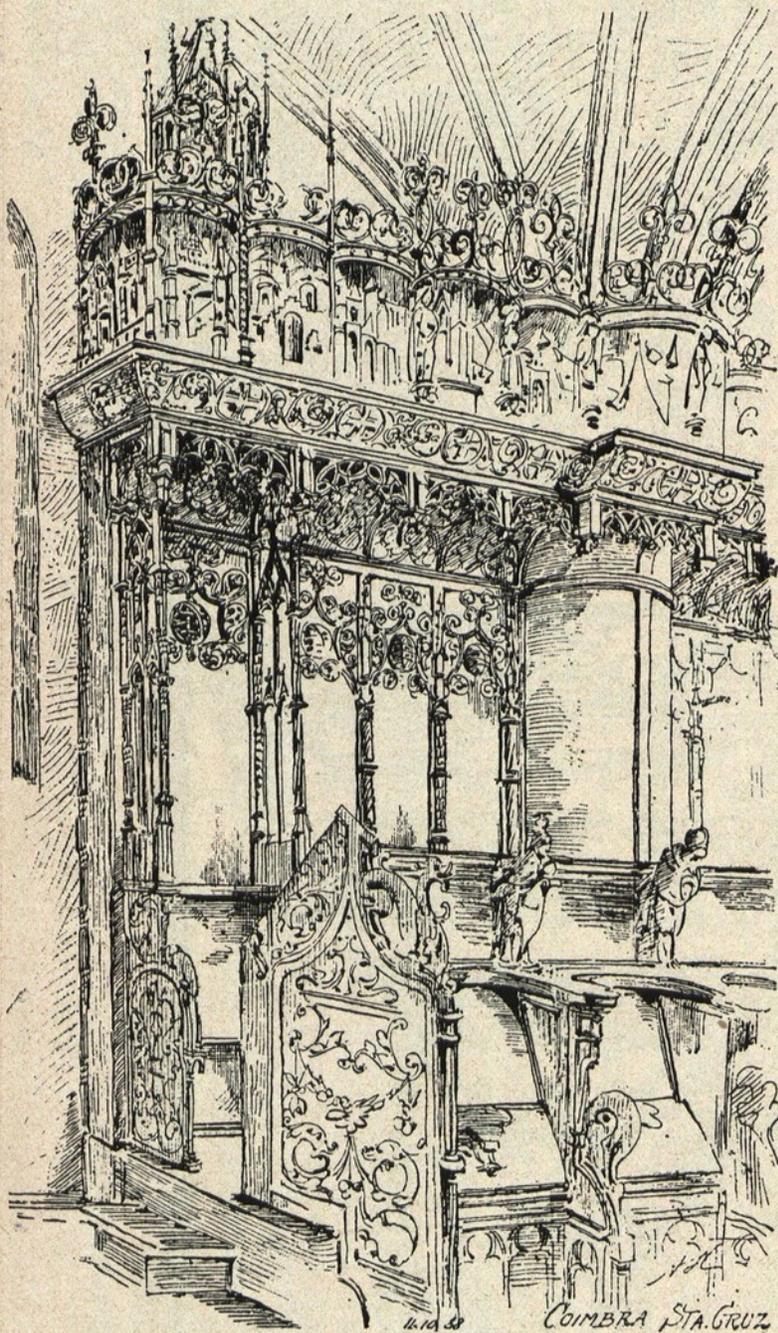
escultor dos monumentos competir-lhe-hiam as almeçadas melhorias, e devemos pois ver n'essas ampliações posteriores o cunho da sua individualidade.

O valor artistico d'estes monumentos tumulares é consideravel; magistraes os pormenores; uma delicia as figuras; a composição, n'aquelle seu primoroso estylo mixto, da mais supina originalidade; e, depois do portal da Conceição velha, em Lisboa, tão semelhante a todos os respeitos, constituem a melhor producção do mesmo genero em todo o paiz.

Differe absolutamente quanto a estylo a obra prima da igreja, o preciosissimo pulpito—occupando a parede septentrional. A'cerca do seu auctor, cuja nacionalidade franceza se revela por forma inconcutivel, já atraz expendemos a nossa opinião. A estampa poupa-nos aliás o descrevê-lo. Denunciam o mais proximo parentesco o tumulo do cardeal de Amboise, em Ruão, o guarda-vento do cruzeiro, em Quimperlé, na Bretanha, o do côro, em Chartres, e ainda o do cruzeiro, em Limoges, com os quaes

este nosso pulpito, supposto que de muito menores dimensões (1<sup>m</sup>,56 de alto) consegue emular em absoluto.

Gregorio Lourenço, em 1522, naquella sua memoria a que por mais



CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

dade, porquanto nas figuras que adornam os botareus a manipulação é mais franca e manifesta um certo progresso.

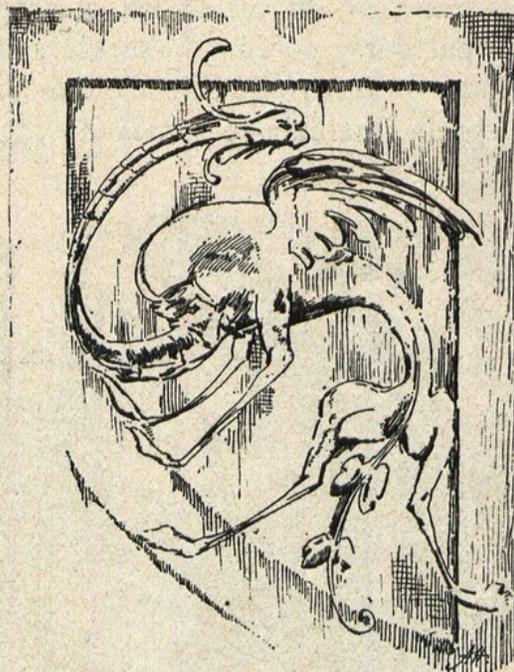
Dado o caso de ser ainda vivo, ao

uma vez nos referimos, escreve o seguinte: «Elrei D. Manuel mandou fazer um pulpito; o parapeito acha-se concluido e levantado sobre os esteios; o sobreceu que o encima é porém insufficiente, e n'essa conformidade, foi mandado abrir um portico, de arazoado tamanho, e por cima um esparavel com labores condizendo quer aos do parapeito quer aos dos esteios. Do que está feito, dizem quantos o tem visto, que não existe por toda essa Hespanha obra de pedra lavrada que lhe leve a palma. O dito pulpito deve ficar concluido da maneira que Vossa Alteza está ouvindo, e pronto a servir.»

E não obstante, sob o governo de João III, o piedoso, sustou-se o trabalho. A porta do dito pulpito apresenta ainda hoje uma deploravel architrave.

A tribuna que, da banda do poente, aguenta o cadeirado do côro monacal,

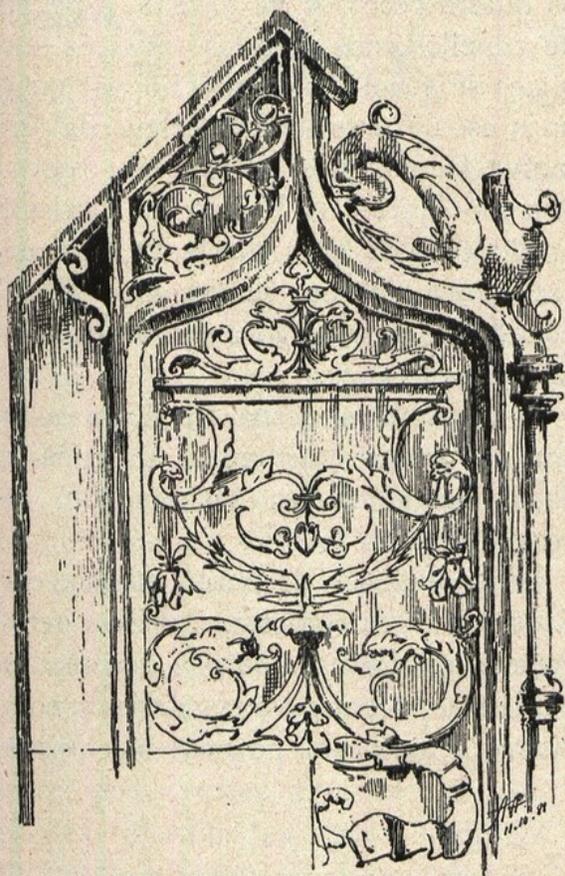
obra do tal biscainho, é constituida por uma sumptuosa abobada de pe-



DAS CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

dra, descansando sobre duas pilastras acantonadas, com ornamentação de candelabros, e um arco refendido em tabellas. Manifesta-se aqui dedo de hespanhol.

Em cima, na tribuna, encontramos o unico exemplo de cadeirado portuguez daquella época remota. Consiste em um duplo renque de cathedras, seguindo a eito de uma e outra parede, com riquissimos espaldares e baldaquinos formando esparavel, cujo coroamento é uma mole architectonica, rematando nas mais fantasiosas intersecções. Opulentam o espaldar uns entrelaçados de marcenaria dividindo as faces. Apenas na parte inferior brota, de subito, a Renascença, mediante o formosissimo recheio de ornatos do respectivo estylo, em summa variedade, recamando as superficies, e os animaes fantasticos, e quejandas figurações, que repartem os assentos. Estes fragmentos, no gosto da Renas-

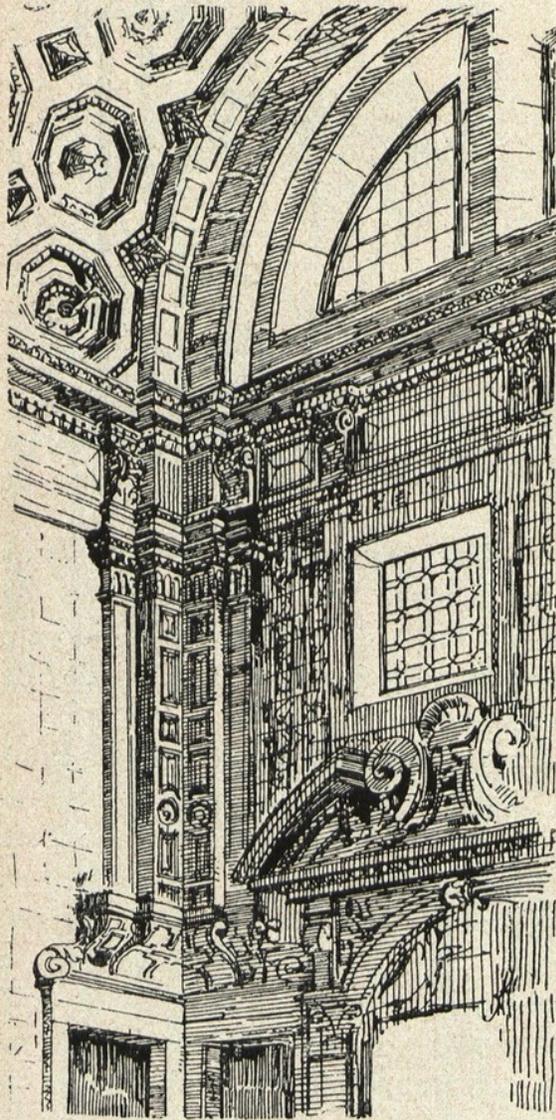


DAS CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

cença, são trabalhados a primor, e escoimados de influencia franceza.

O orgão apresenta parcialmente alguns retracos do seculo xvi, o corpo principal data, porém, do seculo xviii.

Entre o claustro do Silencio e o côro da igreja intercala-se a sala do capi-



SACRISTIA DE SANTA CRUZ

tulo com a sua abobada artezonzada e formoso portico abrindo sobre o mesmo claustro, no qual campeia a riquissima capella do Prior D. Theotonio; foi concluida em 1582, durante o priorado de D. Pedro da Assumpção, pelo architecto Thomé Velho.

E de facto, a rica frontaria com a sua duplicação de pilastras corinthias e o seu arco de tabellas, tão profusamente adornado de rotulos e escudetes, poderá muito bem ser coévo. O interior da capella, que medirá talvez uns quatro metros, em profundidade, e de seis a sete em largura, parece-me ser mais antigo, ahi de 1550 ou 60, e é lindissimo.

Ao fundo, campeia a imagem de S. Theotonio, debaixo de um rico baldaquino, cercado por cinco paineis de mimosa pintura; aos lados abrem-se uns nichos ladeados de columnas, tudo isto muito rico e delicado, e resplendente de côr.

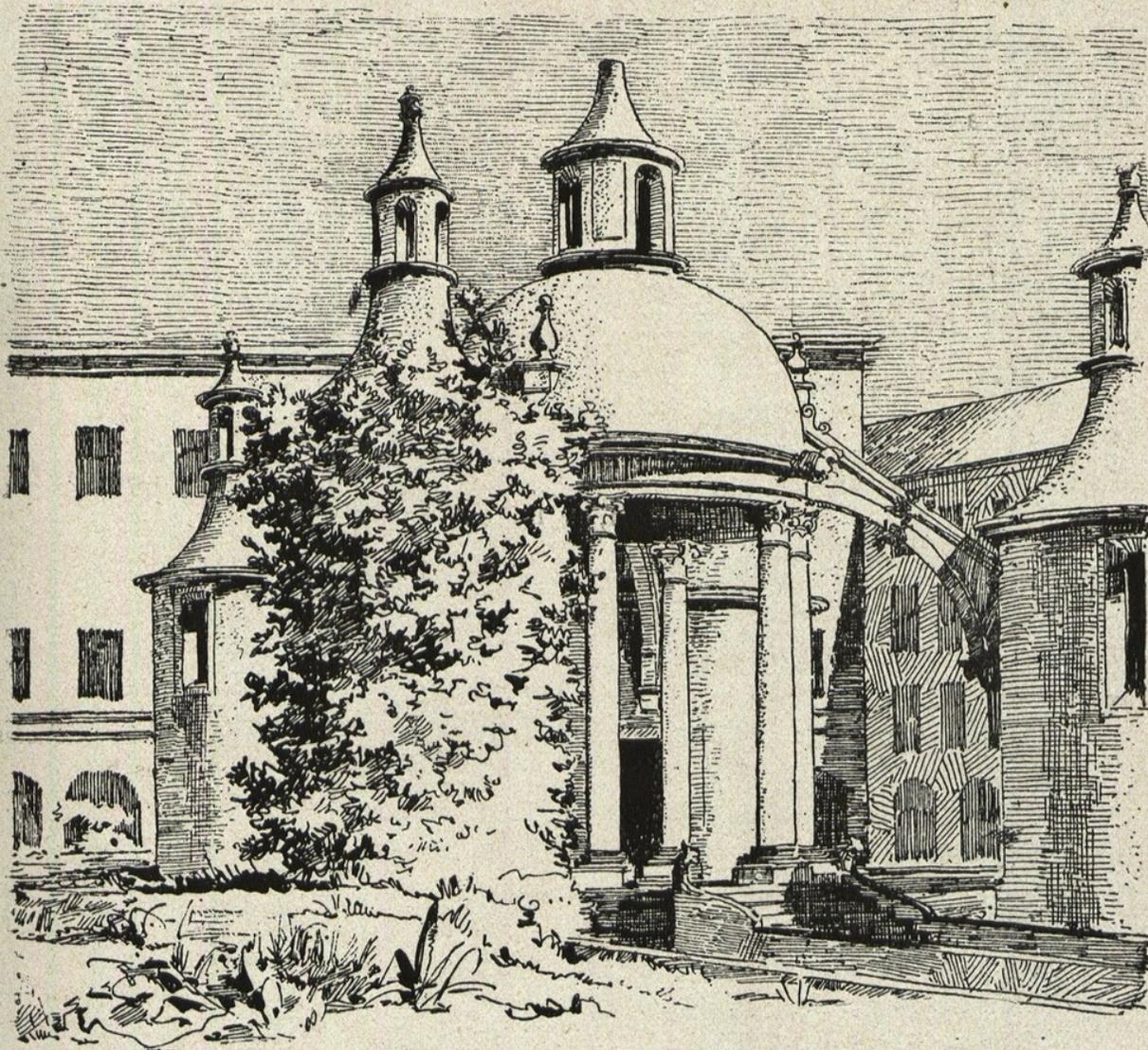
A capella do refeitorio continha outr'ora trese valiosos registos de barro cozido (Della Robbia?).

O claustro contiguo é um verdadeiro documento de historia da Arte, concorrendo a exalçar-lhe a importancia os quatro recessos na parede, á feição de capellas, nos angulos, em três dos quaes se encontram ainda hoje as mais finas esculpturas de alto relevo da primitiva Renascença portugueza, reproduzindo lances da Paixão de Christo, producções de uma escola nacional de esculptura rica em sentimento, identificando-se com a tão aprimorada pintura coeva (1).

A contigüa sacristia, feita de novo por um mestre portuguez, aproximando-se bastante dos Alvares, produz optima impressão.

Uma abobada de berço vazada em ricas a par de vigorosas tabellas octogonaes, e a formosa cornija de misulas descansando em pilastras doricadas, com quatro sumptuosos porticos nas quatro

(1) Justí — Anuario, 1888 — pag. 157.



CLAUSTRO DA MANGA EM SANTA CRUZ

faces, as paredes, vestidas de lindos azulejos, são estes os elementos, os quaes, realçados pela mais formosa impressão de luz, constituem um recinto verdadeiramente monumental e distincto de côr. Concorrem ainda a adorná-lo as obras capitaes do mais insigne pintor portuguez, Velasco de Coimbra.

O segundo claustro, denominado da Manga, pelo facto de haver D. João II indicado o risco do mesmo traçando-o na propria manga, é cercado por construcções de extrema singeleza, apenas notavel pelos restos das formosas disposições ajardinadas, pelo templete ostentando uma cupula, formando cen-

tro, aguentado por esbeltas columnas, cercado por quatro capellas redondas. E' accessivel por diversas veredas com escadas e pontes, ladeando uns tanques, e alegretes de gosto austero; conjunto de veras original.

Referir-me-hei ainda ao pesado campanario, um pouco mais distante, encostado a um massiço de construcções, e denunciando actualmente pelo seu aspecto pertencer aos seculos xvii ou xviii, visto que tanto a sua linha geral como a sua architectura, severa e bem concebida, o tornam digno de menção; muito faz lembrar o cucuruchu do campanario da Cathedral de Granada.

A transferencia para aqui da Universidade, o florir do jesuitismo e o gosto do monarcha hespanhol, a datar de 1550 tornaram a cidade um centro de extraordinaria actividade architectural. Sobrelevam multidão de novos conventos e collegios, fundações da referida época, e dando ensejo á florescencia da segunda Renascencia portugueza.

Áquella data, havia-se já declarado essa tendencia, vigorosa quanto independente, da architectura portugueza, cujas manifestações, coévas de D. João III, observámos em Belem, Penha Longa, Thomar, e outras localidades; os seus principaes representantes parece haverem sido os irmãos Torralvas.

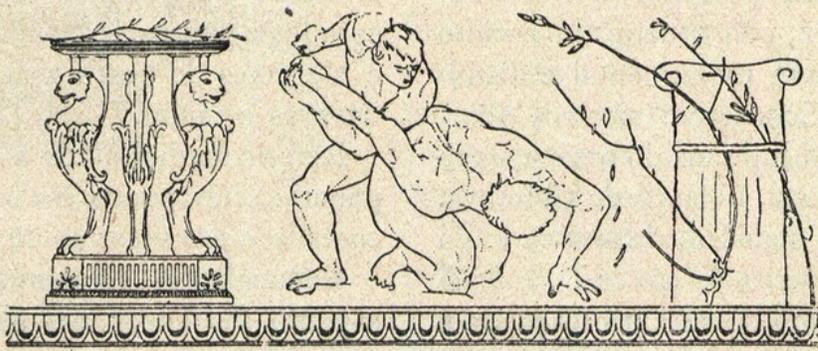
Inicia-se como novo fæctor na mesma direcção Filippo Terzi, o qual se me afigura haver adquirido singular influencia, e designadamente na construcção de egrejas. Agrupa-se a este mestre uma serie de artistas importantes, taes como Leonardo Turiano, seu successor, Nicolau de Frias, João Nunes Tinôco, Balthazar e Affonso Alvares.

Alem destes foram-nos ainda mencionados os nomes de Diogo Marques, (fins do seculo xvi), Domingos da Mota (1605), Francisco da Silva Tinôco (1634) e alguns mais.

Deste numero, e relacionando-se com Coimbra temos que considerar: Diogo Marques, Balthazar Alvares, Leonardo Turiano; deste ultimo consta haver existido, na livraria de S. Paulo, da mesma Coimbra, ainda em 1847, um livro com projectos de edificações. O já mencionado architecto, Thomas Vello (1590), capella de S. Theotonio em Santa Cruz, pertence a este grupo. (1)

(1) Inclino-me actualmente, em contrario á primitiva opinião, a conceder a Filippo Terzi uma importancia artistica tão transcendente, comparada com a dos mencionados artistas portuguezes, atendendo a que as bases para assentar o grande movimento da architectura religiosa portugueza, iniciado cerca de 1590, se encontravam já no caminho trilhado anteriormente por Torralva; este, haverá sido, talvez, o medianeiro, na implantação dos esquêmas estruturales italo-jesuiticos, os quaes, aqui, como por toda a parte, ficaram constituindo a base da architectura religiosa da actualidade.

(Continúa.)





# THRENOS

*Ao grande poeta italiano e meu presado amigo J. Cannizzaro*

1.º

## ÁRIDO CHÃO...

Durmo pouco. Trabalho em cada dia  
Quanto posso. De pouco me contento;  
Mas o trabalho não me luz. Diria  
Que na areia infecunda a phantasia  
Meu grão semeia e que o dispersa o vento!

2.º

## INFINITO E ÁTOMO

Vivo e não vivo. A teia de meus dias  
Vae tecida de lutos e agonias,

De insondaveis martyrios: sonhos bellos,  
Sepultos no ruir de meus castellos;

Affectos doces, brancos como arminhos,  
Dispersos, pelo ar, em torvelinhos;

Pensamentos de paz e de concordia,  
Apunhalados sem misericordia:

De generosas illusões, em summa,  
Tornadas, pouco a pouco, em cinza, em bruma...

— Se é Deus que assim o quer — só Elle é forte!  
Só elle é Deus! — bemdigo a minha sorte.



Elle, no espaço, os orbes incendeia,  
Elle os apaga! Eu . . . sou o grão de areia.

Elle o intellecto humano enche e transvasa . . .  
E os soes incuba sob a sua aza.

Só Elle é grande, é forte, é justo, é sábio,  
E põe palavras puras no meu lábio

Para lhe perguntar (os olhos tristes  
Ao impassível ceu erguendo): — Existes?

3.º

## THÉOS

Se existes, onde está tua justiça,  
Ó Deus severo e Todo-Poderoso?  
Debalde a buseo a gladiar na liça  
Contra o Mal, invencível e orgulhoso.

O que vejo é que, em roda, o fogo atija  
Das más paixões um vento impetuoso,  
E a lampada do Bem, froixa, mortija,  
Despede, acaso, um raio duvidoso.

Porque trepidas, Théos, Adonai,  
Jehovah, Sabaoth, Eli, Saday,  
Vencedor de Moloeh e de Satan,

E os braços cruzas, como heroe vencido?  
— Porquê? — responde o Eterno, aborrecido —  
Porque a Virtude — é uma palavra vã . . .

M. Duarte d'Almeida.

# Seiões dos Bébés



VIVIA em certa herdade um bonito rapaz, alto e forte, chamado Lisuarte. Tinha a alcunha do Cabelludo, porque desde que nasceu nunca uma te-

soura lhe havia cortado o cabelo, que por isso não só lhe chegava aos pés, mas também ia pelo chão de rastos, após elle, quando Lisuarte o levava solto.

Ora já vão saber porque nunca lhe tinham cortado o cabelo.

A herdade em que elle morava com a mãe ficava no meio de um descampado e não havia nenhuma outra habitação em muitas leguas em derredor. A's vezes apparecia um pobresinho e mettia-se-lhe na cabeça levantar ali uma choupana para seu abrigo. Fazia as paredes e o tecto, mas, na primeira noite em que lá quizesse dormir, acontecia que as paredes e o tecto lhe cahiam em cima, de sorte que ainda se devia dar por muito feliz

se escapasse livre de algum ferimento grave. Isto era obra dos duendes que andavam por ali e que eram maus como as cobras. Moravam n'um palacio debaixo do chão e pelavam-se por fazer maldades a toda a gente que andasse pelas vizinhanças, não consentindo que ninguem podesse morar n'aquelles sitios. Mas afinal convenceram-se de que havia coisas em que precisavam do auxilio dos homens.

O seu palacio era obra de encantamento e tinha no meio uma fogueira, que nunca se apagava. Mas um dia o lume principiou a amortecer e logo o palacio deu signal de que vinha abaixo.

Os duendes tiveram medo de ficar sepultados no seio da terra, conforme já succedera a outros povos da mesma especie. Ora, como nem elles, nem os gnomos nem as fadas sabiam arranjar outra fogueira igual, foram ter com a Lucia, que veio depois a ser mãe do Cabelludo, pedindo para lhes fazer esse favor, que lhe custava tão pouco. A pobre da rapariga esteve pelo ajuste e elles em paga deram-lhe licença para construir uma herdade n'aquelle sitio.

Emquanto a Lucia se conservou solteira, os duendes nunca a arrelhiaram, mas, apenas casou e trouxe o marido para a herdade, começaram a fazer-lhe mil pirraças. Enfeitiçaram-lhe as vaccas e as ovelhas, e n'uma noite muito escura endoideceram de tal modo o cavallo em que o marido vinha montado, que o animal cahiu n'uma lagoa, onde se afogou juntamente com o dono.

— Juro-te, filho, disse a mãe ao Lisuarte, que te não deixo cortar o cabello emquanto se não vingar a morte de teu pae!

E quando Lisuarte chegou a grande, fez o mesmo juramento. Costumava levar todas as manhãs o seu rebanho a pastar, e deitava os olhos pelo campo, a ver se descobria algum duende. Mas os mafarricos nunca lhe appareciam, porque tinham medo d'elle. E' que n'aquelle tempo todo o rapaz ou rapariga, que, desde a nascença, nunca tivesse cortado o cabello, era dotado de grande poder, contra o qual nada valia o das fadas e duendes.

Uma tarde, voltando o Cabelludo para a herdade, contou as cabeças de gado que tinha levado consigo, e achou uma ovelha de menos.

— Mãe, dê-me quanto antes de cear, que volto para o campo, onde hei de por força encontrar a ovelha.

— Deixa-a lá, filho, e não me saís de casa. Lembra-te de que estamos quasi em dia de S. João.

— Por isso mesmo é que eu quero ir... para me encontrar com os duendes.

Mal acabou de cear, o rapaz encaminhou-se para o sitio onde tinha andado com o rebanho, e sem já pensar na ovelha, escondeu-se atraz de uns penedos.

De repente ouviu risadas, fallatorio, musica e tropel de passos, e logo se abriu a porta de um palacio magico e sahiram por ella os duendes, em grande chusma, todos vestidos de verde desde a cabeça aos pés.

— A cavallo! A cavallo! gritou um d'elles.

— A cavallo! A cavallo! repetiram todos os outros.

— Tambem eu gostava de montar a cavallo, disse o Cabelludo com os seus botões, e, saltando para a frente do penedo, gritou com tanta força como os duendes

— A cavallo! A cavallo!

No mesmo instante appareceu ao pé d'elle um cavallinho alazão, com freios de ouro e sella de prata.

— Vens connosco, ó Cabelludo? perguntou-lhe um duende.

— Vou, sim.

O rapaz deu um salto para cima do alazão e foi-se pelos ares fora, a par do duende que lhe tinha fallado, e mais ligeiro que uma folhinha de arvore arrastada pelo furacão.

— Para onde vamos? perguntou elle ao duende, com o coração a saltar-lhe do peito.

— Para o paço real. A filha do rei vae casar esta noite, contra sua vontade, com o imperador do Oriente. Se nos ajudares, podemos livrar a princeza de fazer uma coisa que vae ser a desgraça de toda a sua vida.

— Porque precisam vocês de mim? perguntou o Cabelludo.

— Porque não nos atrevemos a levar a<sup>1</sup> princeza á garupa, no cavallo que qualquer de nós montar. Podia cahir. Ella é de carne e osso, e só deve ir com quem fôr de carne e osso, tambem.

Quando chegaram deante do paço, o Cabelludo e os duendes apearam-se e foram levados, por artes magicas, para a sala das festas, em que estavam reunidos todos os convidados da hôda. Milhares de luzes allumiavam o recinto, onde se viam lindissimas damas e garbosos cavalheiros, todos vestidos com bellos fatos e ornados de joias de grande valor, dançando ao som de uma musica muito agradavel.

Lisuarte a principio esteve para fugir, não se sentindo bem no meio d'aquelles fidalgos, com os trajos pobrissimos que levava. Deitando, porém, a vista para si mesmo, ficou de boca aberta, porque a sua roupa miseravel se havia tornado mais luxuosa do que a melhor de quantos ali estavam. Avançou então para a sala com todo o atrevimento, acompanhado pelos duendes, que só elle podia ver, porque se tinham tornado invisiveis para todas as outras pessoas.

— Onde está a filha do rei? perguntou elle aos duendes.

Ao que um d'estes respondeu:

— Olha!

O Lisuarte assim fez e viu a mais formosa donzella em que os raios do sol tinham pousado até áquelle dia. Seus olhos eram de um azul tão lindo como o do ceo, e suas faces pareciam duas grandes folhas de rosa. A boca mettia inveja, pelo vermelho, aos morangos e cerejas. Vestia de branco e tinha na cabeça grinalda e corôa. O rapaz ficou assombrado. Olhou-a melhor e viu-lhe o rosto banhado de lagrimas. Approximou-se da princeza o imperador do Oriente e pediu-a para dançar, mas a filha do rei disse que não e voltou a cara para o lado.

— Vês? segredou um dos duendes ao Cabelludo. Ella não gosta do imperador. Vae casar obrigada pelos paes. Se estás prompto a ajudar-nos, levamol-a d'aqui, e ainda esta noite lhe arranjamos marido no Reino das Fadas.

— Obrigando-a a outro casamento ainda peor, disse, de si para si, o Lisuarte. E poz-se a pensar na maneira de livrar a pobresinha do imperador e dos duendes. Logo, porém, perdeu as esperanças, porque ouviu o imperador dizer á princeza:

— Já vejo que não precisaes dançar, porque vos tarda o instante da celebração do nosso enlace. Podemos ir para a igreja.

E levou-a comsigo á força. E o rei seguiu-a, e a rainha e toda a côrte, e tambem o Cabelludo e os duendes.

Quando já estava nos degraus do altar, a princeza deu um grito e cahiu no chão.

— Arredae-vos! Arredae-vos! gritou o imperador do Oriente. A princeza desmaiou!

Os cortezãos obedeceram, deixando um grande espaço livre em roda da

princeza, e então os duendes juntaram-se ali, e começaram a dançar e a cantar esta modinha:

Casar sem amor, princeza,  
Ninguém deve tal fazer:  
Contra as leis da natureza  
Não ha quem tenha poder.

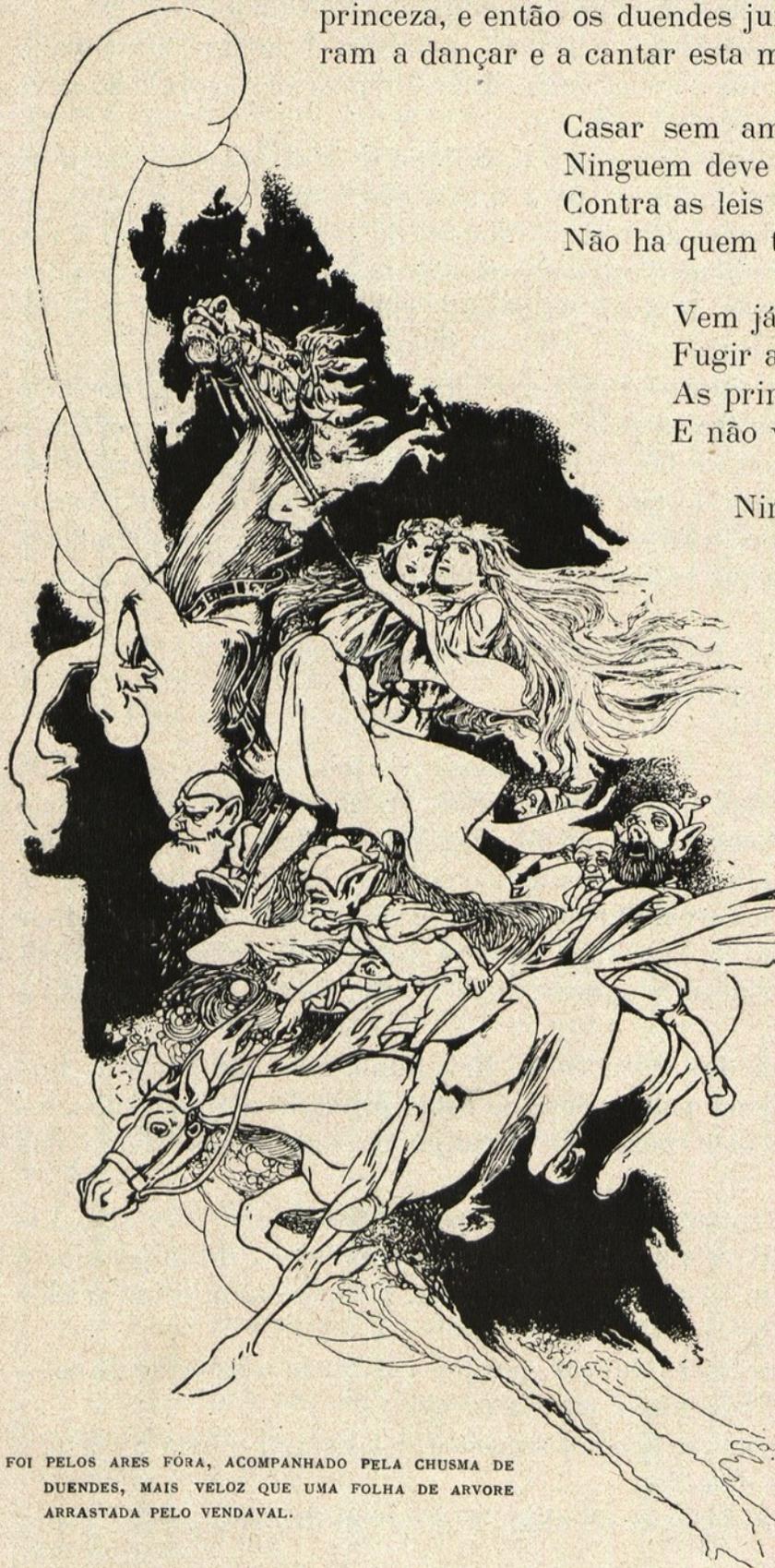
Vem já connosco, se queres  
Fugir ao mortal horror:  
As princezas são mulheres  
E não vivem sem amor.

Ninguém, senão o Cabelludo, os viu dançar, e ninguém senão elle lhes ouviu a cantiga, e ninguém, quando esta acabou, poza a vista em cima da princeza. E' que se tinha tornado de repente invisivel, como os duendes. O imperador, o rei, as damas e os cortezãos, cheios de espanto, fugiram atropeladamente da capella, ao tempo que os duendes levavam para longe do palacio a princeza e o Lisuarte corria após elles a bom correr.

— A cavallo! A cavallo! gritaram os duendes.

— A cavallo! A cavallo! gritou do seu lado o Cabelludo.

E appareceu logo deante do rapaz o lindo alazão, com



FOI PELOS ARES FÓRA, ACOMPANHADO PELA CHUSMA DE DUENDES, MAIS VELOZ QUE UMA FOLHA DE ARVORE ARRASTADA PELO VENDAVAL.

freios de ouro e sella de prata.

O Cabelludo saltou-lhe para cima, tomou a princeza nos braços e foi pelos ares fora, acompanhado pela chusma dos duendes, mais veloz que uma

folha de arvore arrastada pelo vendaval. Lisuarte ainda levava o fato muito rico, e os compridos cabellos corriam após elle: parecia mais um anjo do que uma creatura humana. Curvado para a princeza, que se lhe aconchegava ao seio, sorria-lhe meigamente, e ella, em paga, sorria-lhe tambem. Quando chegaram ao palacio magico, estava a porta aberta de par em par, e por isso os duendes, que iam na frente, entraram lá para dentro, mas o Cabelludo não os acompanhou. Segurando bem a princeza com o braço direito, com o esquerdo fez o cavallo voltar para o lado e bradou:

— Protegei-mé, Senhor Deus, contra estes espiritos da noite!

Os duendes ainda quizeram perseguil-os, mas não poderam fazer nada, porque, apenas o Lisuarte disse aquellas palavras, os cavallos que elles montavam se tornaram de repente em hastes de erva secca, e todos elles foram de ventas ao chão. Cheios de medo, apinharam-se em volta do cavallo de Lisuarte, e um d'elles disse-lhe:

— Deixa estar que mais dia menos dia, ó Cabelludo de uma figa, has de ter a mesma sorte de teu pae! Não te serve de nada esse cabelo sem fim, nem o teu atrevimento e desembaraço. E's muito curioso e d'ahi te resultará desgraça!

Emquanto dizia isto, foi-se chegando á falsa fé para a princeza e deu-lhe uma pancada, antes que o rapaz podesse levantar o braço para a defender.

— Que mal te fez o duende, querida da minha alma? perguntou elle muito afflicto.

A princeza não deu resposta, nem fez nenhum movimento. Afinal estendeu as mãos de um modo singular e tocou-lhe. Estava toda a tremer. Lisuarte esperou durante mais algum tempo. Depois, tomou-a nos braços, levou-a para a herdade e mostrou-a á mãe, para que a Lucia dissesse o que tinha a princeza.

— Se encontraste essa menina perto do palacio magico, respondeu-lhe a viuva, fica sabendo que foi enfeitiçada pelos duendes, porque não ouve, não vê e não falla.

E vae o Cabelludo contou á mãe toda a historia do que lhe tinha acontecido.

— Filho, disse ella, temos que fazer duas coisas e quanto antes. A primeira é livrar a princeza do feitiço, a segunda é vingar a morte de teu pae.

— Talvez as possa fazer ámanhã á noite, respondeu-lhe o filho. Os duendes são muito descuidados, e, quando sahem do seu palacio, costumam deixar a porta aberta.

Na noite seguinte era a vespera de S. João, e, conforme o Cabelludo tinha calculado, os duendes sahiram para o campo, na ancia de irem, como de costume, fazer arreliar as almas christãs. E' sabido que n'aquella noite os duendes, como os gnomos e as fadas, teem maior poder que em todo o resto do anno. O Cabelludo pegou em si e foi esconder-se atraz de um penedo, para escutar o que elles diriam uns com os outros.

— Precisamos trazer para cá uma rapariga, que tenha sempre accessa a fogueira, disse um d'elles. Como a princeza nos fugiu ha tão pouco tempo,

não deve estar longe e talvez nos seja possível deitar-lhe a mão outra vez.

— Nada! Nada! respondeu outro, do seu lado. Com o Cabelludo não fazemos farinha. O melhor é pôrmo-nos ás boas com elle, e darmos-lhe o nosso unguento magico, para ficar boa quanto antes a princeza.

— Valeu! Valeu! gritaram muitos duendes em côro.

— Vamos vêr, em todo o caso, se arranjamos uma rapariga para tratar da fogueira, lembrou outro duende.

— A cavallo! A cavallo! gritaram todos.

E, muito espantado, o Cabelludo viu-os apanhar mancheias de erva secca, e fazer com ellas cavallos, em menos tempo que o que leva o diabo a esfregar um olho.

Montaram todos e foram pelos ares fora.

Lisuarte approximou-se do palacio magico e achou a porta aberta.

— Quem sabe se isto é um laço que elles armaram contra mim? disse comsigo mesmo.

Apesar d'isto não teve medo e avançou resolutamente. Foi dar a uma sala muito rica, mais rica do que todas as que ha no mundo.

O chão era de ouro massiço e o tecto de crystal. Pelas paredes havia lindos quadros feitos com pedrarias e ao meio ardia, muito mortiça, uma fogueira.

— Parece-me que é a fogueira que minha mãe accendeu, pensou Lisuarte. Ao pé d'ella viu um boião com unguento.

— Bem dizia eu que era um laço, que me tinham armado! murmurou o rapaz.

E não se enganava. Os duendes tinham-no visto de traz do penedo e resolveram preparar-lhe uma cilada. Se elle dêsse na princeza aquelle unguento, e depois casasse com ella, cahia, como o pae, em poder dos duendes. Se, pelo contrario, apagasse a fogueira, ficava sepultado debaixo das ruinas do palacio magico.

— A cilada não é das peores, pensou Lisuarte, mas vocês, seus duendes, é que vão cahir n'ella.

Pegou no boião do unguento, foi de corrida para a herdade e repartiu a droga em duas porções. Uma, deu-a á mãe e pediu-lhe que esfregasse com ella a princeza; a outra, levou-a outra vez para o palacio magico e esfregou-a nos olhos. Viu logo que o chão de ouro, o tecto de crystal e os quadros de pedrarias, era tudo obra de encantamento. Na realidade estava n'uma caverna medonha, toda forrada de lodo. O unico thesouro que viu foi um sacco cheio de moedas de ouro e de pedras preciosas, que os larapios dos duendes para lá tinham levado, depois das suas façanhas nocturnas.

O Cabelludo carregou immediatamente com o sacco para fora do palacio, voltou á sala e deu com o pé na fogueira, mas antes que a ultima faúlha se tivesse apagado, veio todo esbaforido para fora do portão, e foi cahir em cima de um tapete de relva muito verde, no proprio instante em que o palacio vinha abaixo e se tornava n'um montão de ruinas.

Quando o Cabelludo chegou á herdade, com o sacco das moedas de ouro e pedras preciosas, encontrou a princeza a falar muito contente com a viuva, e ficaram todos trez á espreita, para ver o que faziam os duendes. Meia hora antes do gallo cantar annunciando a alvorada, sentiu-se uma bulha como o das folhas seccas levadas pelo vento, e ouviram-se os guinchos que soltam os duendes, quando riem ás gargalhadas.

A mãe de Lisuarte abriu a porta e viu-os bailando em torno da herdade, banhados pela luz do luar. E cantavam ao mesmo tempo:

Cabelludo! Cabelludo  
De farto e lindo cabello!  
P'ra que lhe serve isso tudo,  
Se ninguem já pode vel-o? . . .

Não! Podem vel-o as toupeiras  
Reduzido a pó miudo.  
Acabaram-se as canceiras  
Do pobre do Cabelludo!

— Que querem vocês de mim? perguntou-lhes a mãe de Lisuarte.

— Trazemos-te boas noticias, disse-lhe um duende. Vamos abalar para muito longe d'aqui. Houve alguem que apagou a nossa fogueira, e se cavares até muito fundo, no lugar onde era o nosso palacio magico, acharás o cadaver do criminoso. Ficou sepultado debaixo das ruinas.

— Deveras? perguntou o Cabelludo, assoando á porta.

— A cavallo! A cavallo! gritaram assustados os duendes, e partiram pelos ares fora, mais velozes que uma folhinha de arvore arrastada pelo furacão. E só pararam quando já estavam por cima da China. Desceram então, e lá se deixaram ficar até agora, com grande desespero da gente de rabicho.

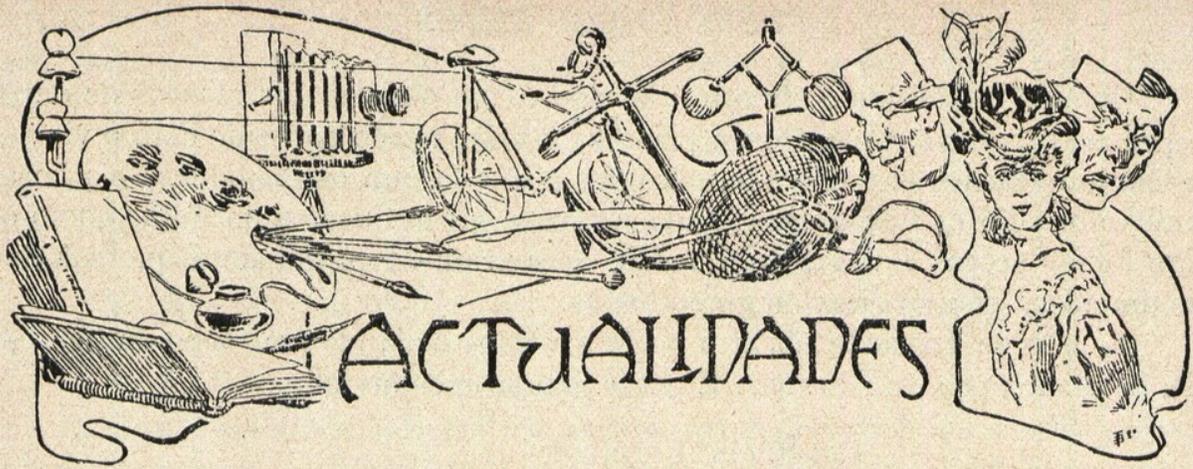
Na manhã seguinte Lisuarte, com algumas das moedas que encontrou no sacco, foi comprar uma parelha de lindos cavallos e uma linda carruagem, e foi assim para o paço real.

O imperador do Oriente já se tinha ido embora, mas o rei ficou tão satisfeito por tornar a ver a filha, que a deu logo em casamento a Lisuarte.

O rapaz cortou o cabelo e deixou desde então de ser o Cabelludo.



O UNICO THESOURO  
QUE VIU FOI UM  
SACCO CHEIO DE  
MOEDAS DE OURO  
E DE PEDRAS PRE-  
CIOSAS.



## Grandes topicos

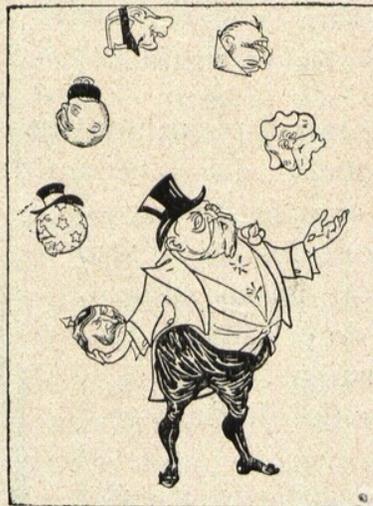
A China constitucional **J**á ha tempos aqui annuciámos que o imperador, ou antes, a imperatriz da China que é quem realmente governa no Celeste imperio, se propunha outorgar uma Constituição ao seu povo. A noticia acaba de ser confirmada n'um edito imperial. Trata-se de crear, n'um futuro proximo, um parlamento comprehendendo duas classes de camaras: os *Atsé-Yichu* e o *Atsé-cheng-Youan*. Cada provincia terá a sua assembléa deliberativa, o *Atsé-Yi-chu*, cujas decisões serão submetidas pelos governadores á assembléa deliberativa de Pekin, o *Atsé-cheng-Youan*. Se este approvar as resoluções das assembléas provinciaes, ellas adquirirão força de lei.

O edito imperial a que nos reportamos não é prodigo em pormenores sobre a nova organização politica, pelo que não podemos desde já formar a seu respeito um juizo



o CZAR (á terceira Duma) — Saudo em vos a grande Russia, a Russia serena e meditabunda.

Da «Luna»



NUMERO DE SENSACÃO NO THEATRO DAS VARIEDADES

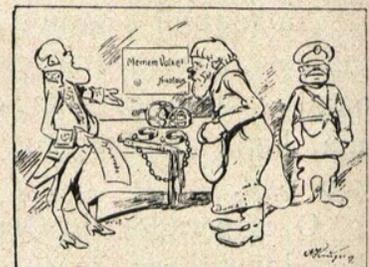
Eduardo, o malabarista internacional  
Do «Pasquino»

seguro; dá-nos, comtudo, certas indicações que nos permitem avaliar o seu alcance, o qual nos parece bem insignificante. Assim, elle declara que a expressão de todas as opiniões deve estar sujeita ás leis e que a competência das associações politicas será determinada por meio de regulamentos.

Não devemos, portanto, suppor que a China vae entrar n'uma nova era de liberdade, tal como nós a concebemos no Occidente. De resto, estamos mesmo em acreditar que um ensaio d'essa natureza seria contraproducente n'um imperio onde milhões d'homens estão ainda mo-

ralmente esmagados pela tradição. O que é interessante constatar é que a China sae pouco a pouco da sua immobildade, e que alguma coisa se está fazendo para o seu levantamento moral e para a sua reorganisação politica.

A terceira Duma **N**os primeiros dias que se seguiram á constituição da Duma, os jornaes russos consagraram columnas e columnas á «traição octubrista», como ficou sendo conhecida no imperio do czar a aliança d'aquelle partido com os da direita. Realmente, como já tivemos occasião de assignalar, esse facto provocou uma surpresa geral, que bem depressa se transformou em indignação, aliaz bem justificada, dadas as tradições democraticas dos octubristas. Essa indignação atingiu



ABERTURA DA TERCEIRA DUMA

A fala do throno do Czar declarou o caracter irrevogavel do manifesto de outubro: «O que uma vez se deu, não se tornará a tirar».

Do «Kladderadatsch»

mesmo muitos membros do partido, alguns dos quaes já abriram n'elle uma scisão, alliando-se ao grupo progressista que conta cincoenta deputados. Mais de trinta outros ocutribistas preparam-se para seguir esse exemplo se os chefes do partido não abandonarem a politica adoptada nas primeiras sessões.

E' claro que admitindo mesmo que isso suceda, a opposição continuará em minoria na Duma, mas em numero suficiente para incomodar seriamente o governo, e, se quizer, não deixar até proseguir os trabalhos parlamentares, caso isso lhe convenha.

Não se pode, todavia, prever qual será a sua attitude que deve depender das circumstancias de momento, e em politica o imprevisito surge a cada passo. Mas o que desde já se

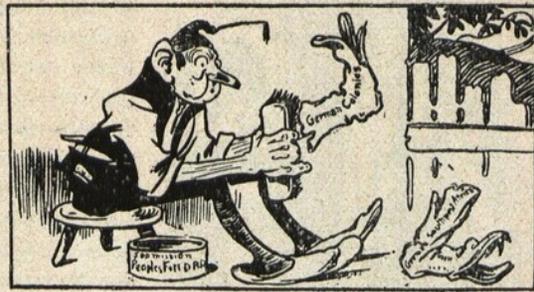
pode dar como certo é que, suceda o que succeder, a actual Duma será absolutamente infructifera sob o ponto de vista parlamentar.

A Belgica e o Congo **A** questão da aneção do Congo á Belgica parece estar cada vez mais longe de ser resolvida. O ministerio

contava para fazer approvar o respectivo projecto de lei com uma pequena maioria, pois até alguns dos seus proprios amigos lhe são contrarios; mas a decisão tomada ultimamente pela esquerda liberal tirou-lhe todas as esperanças.

Esse grupo parlamentar reuniu-se ha dias para se occupar do assumpto, e quando o governo esperava que sete ou oito dos seus membros votariam a favor do projecto, eis que o grupo approva, por unanimidade, uma ordem do dia emitindo o parecer de que a Belgica tem o direito de posse sobre o Congo em virtude do decreto de 1889, da convenção de 1890 e da lei de 1901. N'estes termos, a esquerda liberal manifesta a opinião de que o projecto é inaceitavel e, portanto, deve ser regeitado.

Nas espheras governamentaes a resolução da esquerda caiu como uma bomba, e toda a gente pergunta o que dirá a ella o rei Leopoldo que já tinha



O ALLEMÃO E AS SUAS COLONIAS

«Por mais que as engraxe e as arrebieque, não ha maneira de as usar». (As botas são as colonias; a graxa é o orçamento colonial.)

Do «Nebelspalter»

declarado que o projecto comprehendia as suas ultimas concessões.

A agravar ainda mais a situação, eis que, inopinadamente, morreu o sr. Trooz, presidente do conselho de ministros, e o unico homem com quem, no consenso unanime, o rei Leopoldo podia contar para resolver a questão. Substituiu-o o sr. Schollaert, presidente da camara dos deputados, ficando o resto do ministerio tal como estava

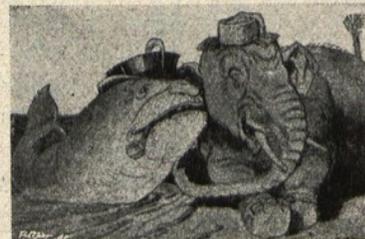
Terá o nosso primeiro ministro a força necessaria para levar a cabo a execução do plano real? A opinião geral é de que não o conse-



A ULTIMA ENTREVISTA SENSACIONAL DO «FIGARO» OU GUILHERME E GUILHERMINA

- 1— Lantier, o correspondente do «Figaro», já descobriu que na proxima entrevista entre os soberanos da Hollanda e da Allemanha, o imperador Guilherme envergará o traje nacional hollandez, e a rainha Guilhermina apparecerá com a farda de general prussiano.
- 2— Os soberanos trocarão saudações com cordialidade excepcional. Em vez dos trez osculos usuaes em ambas as faces, dar-se hão doze na boca.
- 3— As excelsas personagens determinarão depois as minucias do canal maritimo.
- 4— E finalmente, a rainha Guilhermina será nomeada almirante honorario da esquadra allemã surta em Rotterdam.

Do «Kladderadatsch»



RUSSIA E INGLATERRA

O elephante e a baleia — Nós podiamos casar, com effeito, mas infelizmente a historia natural não permite irmos mais alem.

Do «Kladderadatsch»

guirá, sendo, portanto, natural que mais um governo caia, antes de o problema estar resolvido.

Golpe de Estado **J**á aqui assignalámos a pouca sympathia que o actual schah da Persia professa pelo regimen constitucional, e o de-

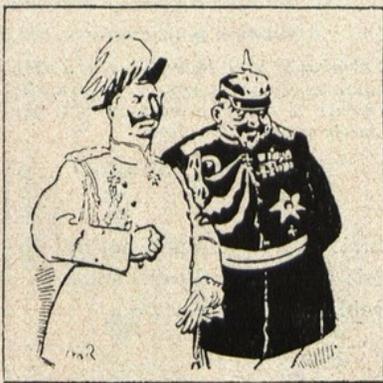


NICOLAU BARBA-AZUL

*Já estão duas Dumas no tumulto; e ao pensar na terceira, aperta-se-nos o coração, visto que Nicolau, embora pretendendo ter amor às esposas, não é marido muito terno.*

Da «Silhouette»

sejo por elle mais de uma vez manifestado de o supprimir no seu paiz. Esse desejo julgou Mahomed-Ali poder satisfazer-o em meados de dezembro, graças a um simples caso de rua. Os cossacos ao seu serviço tinham assassinado dois commerciantes, produzindo esse facto grande effervescencia entre a opinião publica e, especialmente, entre a classe commercial. Esta reclamou logo do governo o castigo dos culpados, obtendo d'elle a segurança de que essa satisfação lhe seria dada. Sabendo d'isso, o schah, incitado pelos reaccionarios, que a despeito de tudo ainda dominam na côrte, mandou prender todos os membros do



SURPREZAS DA VISITA A INGLATERRA

EDUARDO — *Qual é a cousa que mais admiras n'este paiz?*  
GUILHERME — *E' ver-me cá.*

De «Le Rire»

gabinete, e preparava-se para fazer o mesmo aos deputados quando o povo, tendo conhecimento d'esse proposito, rodeou, armado, o palacio do parlamento, disposto a defendel-o até á ultima.

O schah escreveu então ao presidente da camara pedindo-lhe que fizesse dispersar a multidão, mas aquelle recusou--se a isso, declarando ao soberano que elle violara a Constituição e que esse acto exigia a sua deposição do throno.

Ao mesmo tempo dirigia a todos os representantes estrangeiros acreditados na côrte um longo manifesto que terminava por estas palavras:

«Por este manifesto a nação persa faz conhecer a todas as legações e aos estrangeiros residentes em Teheran o actual estado de coisas, e informa-os de que o soberano violou o pacto que havia assignado com o seu povo.

Faz esta declaração a todas as nações do mundo, convencida de que ellas provarão a sua amizade fraternal para com os dez milhões de persas e não tolerarão que os seus direitos sejam calcados aos pés.»

Entretanto, travavam-se as primeiras escaramuças entre a guarda popular do parlamento e as tropas. Foi n'esta altura que intervieram os representantes estrangeiros, fazendo com que Mahomed-Ali libertasse os ministros e se resolvesse a discutir com o parlamento as condições que este já então impunha para o continuar a reconhecer como soberano.

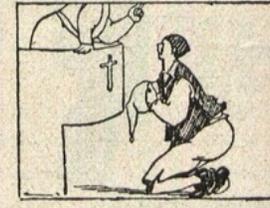
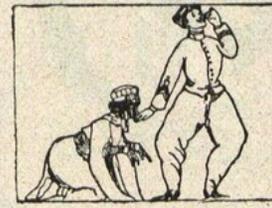
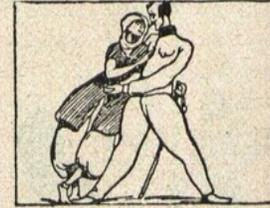
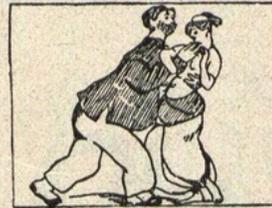
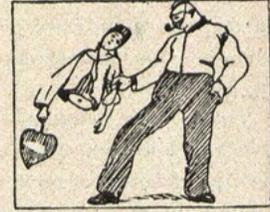
Essas condições, que o schah acabou por acceitar, foram as seguintes:

Despedir do serviço do palacio os funcionarios intrigantes e punir os responsaveis pelos assassinatos dos commerciantes;

Permittir o regresso á côrte de dois irmãos do primeiro ministro, que haviam sido exilados;

Constituir uma guarda de duzentos soldados destinada a defender o parlamento;

Colocar todas as tropas, incluindo os cossacos, até agora sob um com-



DIVISÃO DA TERRA

*Nas duas gravuras superiores — A Russia e a Inglaterra dividindo a Persia.*

*Nas duas centraes — A Inglaterra apanha a Albania e a Austria a Macedonia.*

*Na de baixo á esquerda — A França apanha Marrocos. Na de baixo á direita — So resta á Allemanha o reino dos ceus.*

Do «Kladderatsch»

mando independente, sob as ordens do ministro da guerra; e

Limitar a interferencia dos officiaes russos no corpo de cossacos á simples instrucção militar.

Com a acceitação d'estas condições pelo schah, restabeleceu-se a ordem e a Persia vae entrando de novo, a pouco e pouco, no caminho da normalidade.

A questão de Marrocos **D**ECIDIDAMENTE, a questão de Marrocos ameaça eternisar-se, agravando-se de momento para momento. Quando a



AMIGOS!

MARINHEIRO INGLEZ — Adeus, mano allemão; nunca esquecerei os bellos dias que passamos juntos.

O MESMO — Co'a breca! e eu que tinha tanta vontade de jogar o socco, uma vez que fosse, com aquelle sujeito!

Do «Ulk»

causa de Muley Hafid parecia já completamente perdida, eis que as principaes cidades do imperio, incluindo a propria capital — Fez — o proclamam sultão, depondo Abd-el-Azis. E immediatamente as tropas de Hafid, consideravelmente reforçadas, marcham ao encontro das do sultão legitimo, dispostas a aniquilar para sempre o poder d'este.

O facto, como se pôde calcular, causou extraordinaria impressão não só em todo o Marrocos, mas em todo o mundo e, especialmente, entre as potencias signatarias da Acta de Algeciras, cuja acção, em consequencia d'ella, viram seriamente comprometida.

A Allemanha, é claro, rejubilou com isso e procurou logo tirar partido da situação, insinuando que devia reunir-se nova conferencia, na esperança de que d'essa feita a sua diplomacia fosse mais feliz e, portanto, as suas ambições satisfeitas.

A França, porém, é que não se deixou cair na armadilha, declarando desde logo que não havia

necessidade alguma de tal e que, comquanto na sua marcha para o norte e por qualquer circumstancia ainda não bem explicado, as *mehilas* hafidianas tivessem travado combate com as tropas do general Amade, isso em nada modificava a situação do governo francez que se encontrava perfeitamente á vontade para pôr em execução a acta de Algeciras. Quanto á questiuncula entre os dois irmãos, a França nada tinha que ver com ella: entendia-se agora com Abd-el-Azis porque era o sultão reconhecido por todos, mas se amanhã Hafid triumphasse era com elle que passaria a entender-se, visto para o governo da Republica só existir a entidade sultão de Marrocos.

Em presença d'esta habil resposta, a Allemanha recolheu de novo a bastidores... e a questão de Marrocos continua em scena.

America e Japão

**A**

hora a que escrevemos continua em demanda do oceano Pacifico a esquadra americana. A sua viagem, porém, depois de ter causado um verdadeiro sobresalto em todos os espiritos, perdeu todo o interesse após as declarações cathgoricas de intuitos pacificos dos dois governos, a proposital publicação na Europa e na America do orçamento japonéz, da leitura do qual se depreheende que o Japão não pôde no actual momento entrar n'uma lucta armada e, finalmente, o accôrdo feito entre Washington e Tokio



A AVE DO ESCANDALO

O ZELOS BULOW — Não te apoquentes, queridinha! Não tarda que limpe-mos toda esta porcaria.

Do «Nebelspatter»

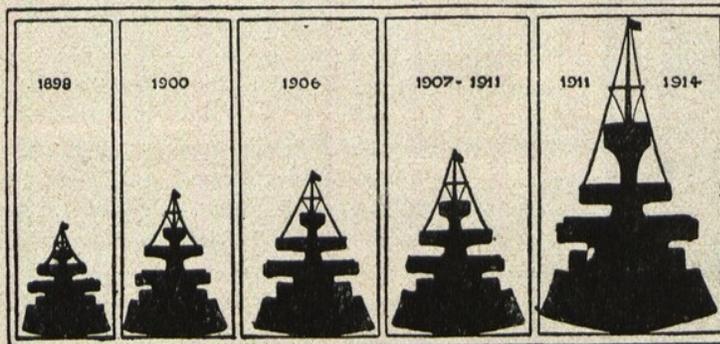
acerca da immigração japoneza nos Estados Unidos.

Não queremos, é claro, dizer com isto que ficou absolutamente afastada a eventualidade de uma guerra entre os dois paizes, porquanto semelhante afirmação seria ridicula. O que desejamos é consignar, e isso fazemol-o com o maior prazer, que, pelo menos n'estes annos mais proximos, esse terrivel espectro não nos perseguirá.

Briand muda de pasta

**O**

facto capital da politica franceza nos ultimos tempos foi a recomposição do gabinete, determinada pela morte do sr. Guyot-Dessaigne, ministro da justiça. Esta pasta passou a ser gerida por Briand que cedeu a de instrucção publica aos eu colega Domergne, o qual foi substituido no ministerio do commercio por Jean Cruppi, uma das figuras parlamentares mais em relevo. E como não seria logico que a applicação da lei de separação, devida a Briand, fosse concluida por outro, a direcção dos cultos, até ali fazendo



DESENVOLVIMENTO DA MARINHA GERMANICA

Diagramma mostrando esse desenvolvimento ate 1914, em que a sua onelagem de deslocamento attingirá 717:000 toneladas, mais que o dobro do que era em 1906, isto é, 340:000 toneladas.

parte do ministerio de instrucção, passou para o da justiça.

E eis aqui como um socialista assumiu as funções de vice-presidente do conselho de ministros da França.

Um paisano ministro da guerra **H**A annos que no exercito italiano se vem manifestando uma grave crise.

Ultimamente, depois de inqueritos reveladores de grandes males, procurou-se entres outros remedios, o da nomeação d'um ministro da guerra paisano. Caso novo, a bem dizer, porque até hoje em Italia apenas houve dois ministros civis na pasta da guerra. Os democratas consideram isso uma grande conquista na obra de remodelação do exercito, que está sendo feita com o apoio do proprio governo. Estrepopõe-



MODERNISMO

*Não é só com pastoraes que se atalhará o seu progresso*

Do «Pasquino»

se agora supprimir os conselhos de guerra em tempo de paz, e, successivamente, adoptar outras refor-

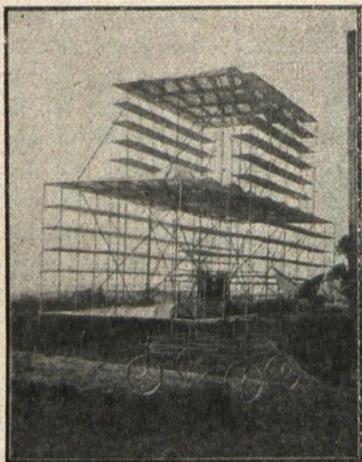
mas que imprimam ao exercito «um caracter verdadeiramente democratico.»

A questão do Oriente **A** velha questão do Oriente renasce de quando em quando, assumindo por vezes um aspecto ameaçador.

Em consequencia da concessão á Austria de uma importante via ferrea o governo imperial da Russia deu espontaneamente licença para se ausentar ao seu ministro em Vienna de Austria, parece que por não ter informado a tempo a chancellaria russa das manobras inquietadoras do governo austriaco. A dois passos da conferencia de Haya, em que se proferiram os mais solemnes protestos de pacificação universal, este velho problema tende porventura a reaccender guerra entre as potencias.

## Vida na sciencia e na industria

Aeroplano Roshon **P**ERTENCE a distincção de ser o mais alto aeroplano do mundo inteiro á machina inventada por J. W. Roshon, de Harrisburg (Penusylvania), E. U. da America. É feita de aluminio e aço, bambu, arame de aço e lona. Tem 8 metros de largo e quasi 6 de altura. Emprega a construcção cerca de 100 metros quadrados de lona, e a impulsão é dada por um



AERORPLANO ROSBON

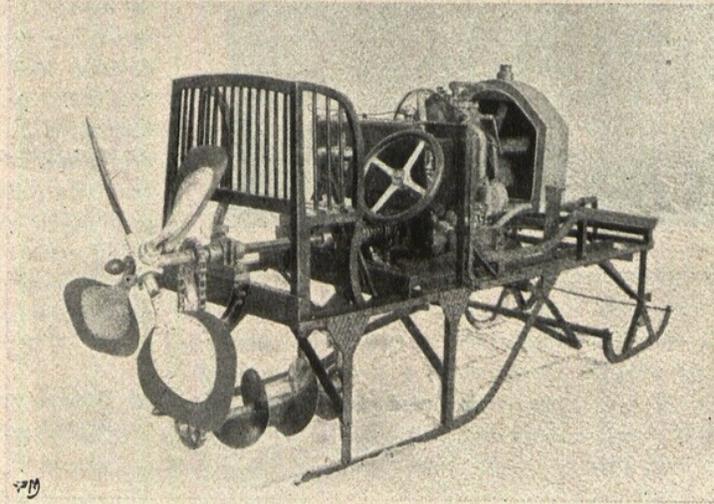
motor de 7 cavallos. O peso total anda por 275 kilogrammas.

Estimulantes de inspiração **E'** interessante ver até que ponto os estimulantes materiaes influem nos grandes espiritos para as suas creações. O pintor Fuseli diz-se que devia a inspiração dos assumptos fantasmagoricos e sinistros de alguns dos seus quadros aos effeitos do porco assado, acompanhado de bebidas alcoolicas quentes. Sheridan e Byron executaram grande parte das suas obras sob a influencia do vinho do Porto. Rossini preferia para se inspirar o vinho italiano ou o champagne. Mozart jogava o bilhar ou a bola enquanto compunha a sua deliciosa musica. Gluck, para aquecer a imaginação, costumava ir para o meio do campo, com o seu piano e uma garrafa de champagne de cada lado, e assim escreveu ao ar livre as suas duas *Iphigenias* e o *Orpheu*. Os agentes da inspiração de Beethoven caracterisam bem o seu genio. Gos-

tava que o vento e a tempestade lhe fustigassem a cabeça nua, fno meio de relampagos, e deliciava-se em passeiar pelos bosques e pelos campos, recebendo por todos os poros as influencias da natureza, enquanto estava nos transes da composição.

Para o exterminio **H**A um peixe pedos mosquitos **H**uano da Australia, que os inglezes denominaram *blue eye* (olho azul) em consequencia da cor brilhante da iris, e que é conhecido em sciencia pelo nome de *Pseudomugil signifer* e pertence á familia dos *Athorinides*. Tem apenas 1 1/2 a 2 pollegadas de comprido, mas a sua importancia cresceu muito com a descoberta, feita pelo conde Birger Moerner, consul da Suecia, de que esse animal se alimenta de larvas de mosquito. Com certa difficuldade se capturou uma porção d'esses peixes, que foram enviados para Napoles afim de experimentar a sua possivel influencia em alterar a condição dos pantanos mephiticos

da Italia. A familia dos *Athonirides* é representada em diversas regiões do mundo por 14 especies principais e 65 sub-variedades, as quaes serão avidamente estudadas, caso tenham bom resultado as experiencias italianas.



TRENÓ AUTOMOVEL

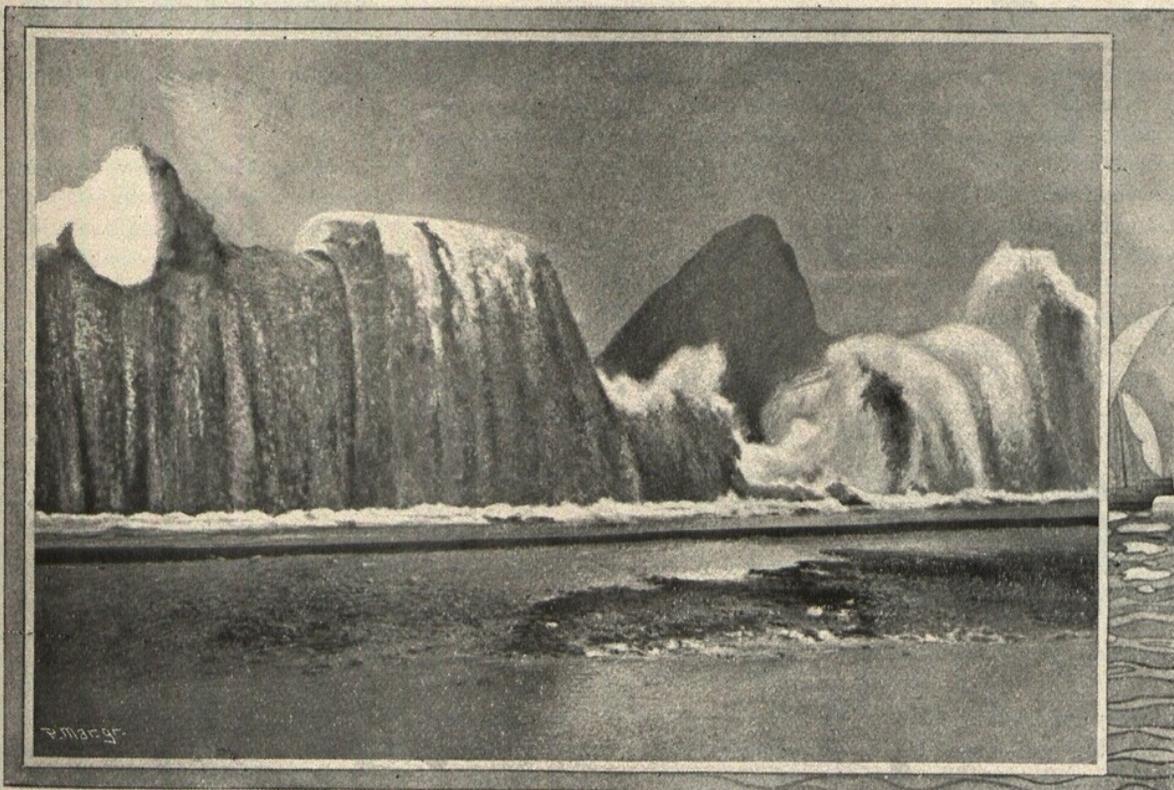
Trenó **E**STE trenó, de invenção do engenheiro allemão Hobchaner, tem o systema de propulsão adoptado nos balões dirigiveis Parseval e Zeppelin. Compõe-se o apparatus propulsor de um motor de essencia, de um helice aereo de quatro pés e de um parafuso de Archimedes disposto a razar o solo. Com um motor de dois cylindros, de dois cavallos e meio,

obteve-se em terreno plano uma velocidade de 53 kilometros por hora. Nas ladeiras, o helice é substituido pelo parafuso de Archimedes, que morde a neve endurecida ou o solo que ella cobre, sem damnicar o caminho, como succedia nos primeiros trenós com rodas dentadas. A direcção obtem-se por

uma muralha solida de rocha. Este curioso effeito ainda mais se accentuou por uma profunda brecha aberta no contorno, atravez da qual apparecia o famoso «Pão de Assucar», que domina a bahia do Rio. É a massa conica que se vê na photographia. Facilmente se pode suppór que faz parte da grande onda.

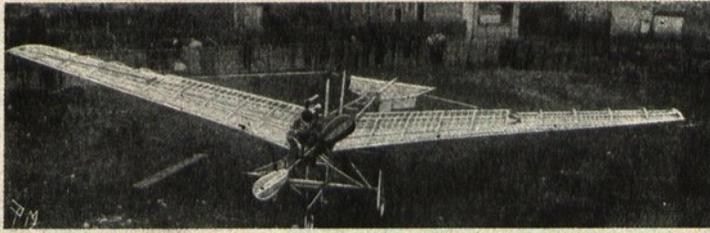
meio de um par de patins á frente do trenó, ligados ao volante por uma alavanca articulada.

Uma **A** curiosa enorme photographia que reproduzimos é de uma onda que rebentou no extenso quebra-mar do Rio de Janeiro, levantando-se a agua a uma altura tremenda, e assumindo a apparencia formidavel de



UMA ONDA GIGANTESCA

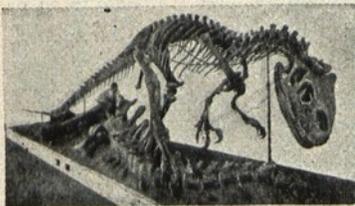
Na bahia do Rio de Janeiro. Ao fundo, o Pão de Assucar



NOVA MACHINA VOADORA FRANCEZA

Nova machina voadora franceza **O** novo aeroplano, inventado por M. M. Gastambide e Mangin é do typo monoplano. Cada uma das azas tem cerca de cinco metros de comprimento, 1,30 de largura na extremidade e 2<sup>m</sup>. de largura na base. São mantidas nos seus logares por umas faixas delgadas de aço. O corpo do aparelho tem quasi 5 metros de comprimento e transporta um motor Antoniette de 50 cavallos á sua frente, com um propulsor directamente ligado a elle. Na rectaguarda ha uma cauda para equilibrar a machina na occasião do vôo.

Um monstro prehistorico **M**ONTOU-SE ultimamente no Museu Americano de Historia Natural um esqueleto extraordinario descoberto em Wyoming. O allosauro era um saurio carnivor, extremamente activo, capturando com facilidade o grande e lento brontosauro, que era herbivoro. Nos ossos d'este ultimo encontraram-se vestigios dos dentes do allosauro, e por isso o Museu montou os dois esqueletos juntos.



O ALLOSAURO E O BRONTOSAURO

O allosauro podia levantar-se sobre as patas trazeiras a uma altura de 6 para 7 metros, afim de saltar ás guelas vulneraveis do brontosauro. A cabeça tinha um metro de comprimento, as patas deanteiras o mesmo

comprimento, as trazeiras perto de trez metros, e o corpo era equilibrado por uma cauda colossal de mais de 6 metros.

Novos aspectos do cannibalismo **N**o recente Congresso de Hygiene Alimentar, de Paris, varios physiologistas oppozeram-se ao vegetarismo, estabelecendo o principio de que a digestão dos alimentos se [faz mais facilmente, quando esses alimentos são de especie identica á do individuo que d'elles faz uso. Quanto mais afastados na escala dos organismos estão duas especies, a devorada e a devoradora, mais differentes são chimicamente, e portanto maior trabalho é necessario para a assimilação. A isto, um orador observou cordatamente que tal principio levava á justificação do cannibalismo, pelo menos sob o ponto de vista chimico.

Para os bicos de gaz **E'** uma ideia allemã a applicação das cascas de ovo como camisas para os bicos de gaz. Tira-se o conteúdo dos ovos, cortam-se as extremidades, e fixa-se a casca no bico como a camisa ordinaria. A luz assim obtida é excellente, e a nova forma de camisa é de mais dura que a antiga.

Refugio de baleia **O** uso industrial das baleias envolve um desperdicio lamentavel de materia. Por exemplo, de uma baleia com o comprimento de 17 a 18 metros podem-se obter 250 barris de oleo e talvez 1 e trez quartos de tonelada

de ossos. O resto da enorme carcassa, que regula por 50 toneladas deita-se fóra como absolutamente inutil. Parece que ha n'este refugio uma mina de ouro para quem tiver actividade e capital para a explorar. Só a pelle da baleia estendida pode cobrir uma superficie superior a 160 metros quadrados, e quando cortida fornece excellente couro e material para luvas.

Um escandalo no **S**IR Julius Wernher persegue judicialmente o engenheiro francez Lemoine, allegando que este o defraudou em 64.000 libras com a promessa formal de fabricar enormes diamantes artificiaes de grande valor. Sir Julius Wernher viu uma pedra perfeita e enorme produzida no cadi-



O SABIO FRANCEZ MOISSAN TRABALHANDO NO FABRICO DE DIAMANTES

nho do engenheiro. Em vista d'isso, começou a custear os trabalhos de Lemoine. Agora afirma que o diamante fora mettido no cadinho antes da experiencia, o que o accusado nega. Para desviar suspeitas de fraude, despiu-se durante a experiencia, e permittiu que o capitalista inglez Jackson, que confia n'elle, mettesse o cadinho no forno com uma pá cujo cabo tinha 5 metros de comprimento. O documento contendo o segredo de Mr. Lemoine, depositado n'um banco de Londres, allega-se que é papel em branco.

Pão para diabeticos **A** maioria dos pães usados para diabeticos não satisfazem completamente. Descobriu-se que, empregando pó de amendoa e panificando com gluten, pode-se obter um pão contendo

menos amido que o usual, e tendo comtudo a apparencia de pão. Faz-se um novo pão com trigo, gluten e centeio. A albumina do gluten permite a panificação e dá um paladar parecido ao do pão, mas descobriu-se não ser possível panificar sem alguma outra substancia que supprisse o corpo do pão. Consegue-se isto com grãos de centeio que se libertam da maior parte do amido tratando-os com uma infusão de cevada.

O pão assim é agradável aos doentes, e permite-lhes o uso de um pouco de alimento amidado

O premio **A** 13 de janeiro, realisou-se em Issy, perto de Paris, a mais extraordinaria façanha que se tem conseguido na navegação aerea.

Mr. Henry Farman, filho do correspondente de um jornal inglez em Paris, ganhou o premio Deutsch-Archdeacon, de 50.000 francos, percorrendo no seu aeroplano o circuito de um kilometro. A machina Farman, a que já nos referimos n'estas paginas, consiste n'uma especie de papagaio formado por dois planos. Na parte posterior alonga-se uma leve armação de ferro, em cujo extremo ha outro papagaio, em forma de caixa como o primeiro, com azas para manter a estabilidade. No centro d'este papagaio posterior fica o leme vertical. O leme horizontal está na frente, e o motor entre os dois planos centraes. Por baixo da armação, ha rodas sobre as quaes corre o apparelho antes de se remontar aos ares. Durante a propicia experiencia, o aeroplano ergueu-se á altura de 6 para 7 metros, e attingiu a velocidade de trinta e uma milhas por hora, fazendo com facilidade todas as evoluções. O inventor affirmou depois que poderia ter percorrido muitos kilometros, sendo necessario.

D'esta vez, ficou supplantado o grande aeronauta Santos Dumont.

Fim de um jornal **S**USPENDEU a publicação o segundo periodico do mando, na ordem de antiguidade. É a *Gazeta de Pekim*, a qual começou no anno de 911, sendo então mensal. Em 1361 passou a hebdomadaria; no começo do seculo passado tornou-se jornal diario, e ultimamente publicava trez edições no decurso de vinte e quatro horas.



HENRY FARMAN

O vencedor do premio Dentsch-Archdeacon para os aeroplanos

O outro jornal mais antigo é o *Tsing-Pao*, tambem de Pekim, o qual data de duzentos annos antes da *Gazeta de Pekim*.

Mysterios **E**NTRE os mineraes meteoricos conhecidos pelos chimicos, existem alguns muito raros contendo yttrium, ytterbium, erbium e scandium, os quaes se tem encontrado apenas no hemispherio norte, principalmente em partes da Noruega, Siberia, e Estados Unidos. É possível que ainda se revele a sua existencia no hemispherio sul, mas por ora ainda ahi não se descobriram. Sir William Crookes baseou uma conclusão singular n'este facto interessante. Suggestiu ser possível que

estes elementos tenham sido formados não no nosso globo, mas em qualquer outra parte do espaço, e que tenham chegado á superficie da terra sob a forma de chuvas de pedras meteoricas. Essas chuvas teriam cahido na metade superior do hemispherio norte, passando pela Siberia, Noruega, Atlantico Norte, e America Septentrional. É interessante notar que a descoberta do helium terrestre, realizada ha poucos annos, fez-se n'um d'esses raros minerios, achado na Noruega, e chamado cleveite.

Tunnel **C**ONSTA que o governo dinamarquez adoptará o projecto de um tunnel sob o Grande Belt, partindo de um ponto a 3 $\frac{1}{2}$  kilometros a leste de Korsøer em Seeland, e terminando na costa da ilha de Funen, passando sob a ilha de Sprogøe. O comprimento total será de 27 kilometros, ficando 18 $\frac{1}{2}$  kilometros submergidos no mar.

Linhas ferreas **A** de Shangae na China que terá de extensão 320 km., seguindo as principaes vias navegaveis, tem já em exploração 240 km.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mailogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doenca degenerere em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.



## Decifrações do n.º 32

## CHARADA

*Charada novissima* — Sapatos.

*Logogripho* — Barbaro.

*Enigma* — Rapa.

*Charadas* — 1.ª Turbamulta; 2.ª Murraça.

### Logogripho

Em casa estou se acaso ha paz; — 4—3—2—

1—5

P'rá rua sigo se ha chinfrim; — 4—5—2—1—3

Prendo o ladrão que o roubo faz; — 2—5—4

1—3

Do mau que achar eu dou-lhe o fim. — 1—3—

4—5—2

Marcho p'ró campo de batalha,  
Recebo a lucta, não me pejo,  
Embora saiba que a mortalha.  
E' o mesmo campo em que pelejo.

MELLO (*Angra*).

### Enigma

(IMITAÇÃO)

No meu espirito algo enfermo  
Tanta exaltação causou  
O perfume d'uma flor,  
Que um amigo me affirmou:  
— Foi da rosa perfumada  
Que esse teu mal dimanou. —

Eu não posso affiançar,  
Se veiu d'esta ou foi d'aquella,  
O perfume matador.  
Mas parece—que loquéla! —  
Que o desarranjo mental  
Proveio de flor mui bella.

MELLO (*Angra*).

Mestre Gil a um estudante,  
interrompe, sabiamente:

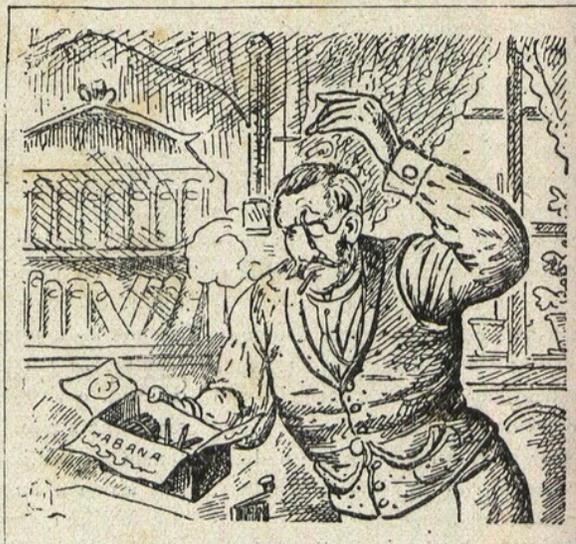
— «Qual é o prefixo grego  
que designa infelizmente?» — 1

E fica o moço perplexo..  
sem resposta dar por fim;  
mostra ao mestre que não sabe  
Nem de grego ou de latim. — 1

— «Tens a tóla enfeitçada,  
Não pescas nem patavina,  
— diz lhe o Gil— alma damnada  
que senhora te fascina?» — 2

Mais attonito e pasmado  
Vem o leitor a ficar:  
— Que doença mostra elle  
Sem palavra articular?

CLUB DOS ESTOUVADOS (*Porto*).



Onde está o maroto que me anda a roubar os charutos?